

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Vilmar Antonio Carvalho

**LETRADOS E UFANOS:
O CLUB LITTERARIO DE PALMARES (1882 – 1910)**

**Recife
2008**

Vilmar Antonio Carvalho

**LETRADOS E UFANOS:
O CLUB LITTERARIO DE PALMARES (1882 – 1910)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Siqueira

Recife
2008

Carvalho, Vilmar Antonio

**Letrados e ufanos: o Club Litterario de Palmares (1882—
1910) / Vilmar Antonio Carvalho. – Recife: O Autor, 2008.
175 folhas: il., fig., quadros.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. História. Recife, 2008.**

Inclui: bibliografia.

**1. História. 2. Modernidade. 3. Cultura letrada. 4.
Associações Literárias –. 5. Literatos. 6. Club Literário de
Palmares – História. I. Título.**

**981.34
981**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH
2008/09**

Vilmar Antonio Carvalho

**LETRADOS E UFANOS:
O CLUB LITTERARIO DE PALMARES (1882 – 1910)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 26 de Fevereiro de 2008

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Jorge Siqueira – PPGH/UFPE

Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende – PPGH/UFPE

Prof. Dr. José Batista Neto – PPGE/UFPE

*Dedico este estudo: aos meus pais, Manoel Antonio e Léa
Carvalho. Tudo começa no chão de casa.*

*Aos herdeiros das tradições literárias de Palmares,
especialmente os poetas Juarez Correia, Luis Alberto Machado,
o escritor Luis Berto e o editor Arnaldo Afonso Ferreira.*

*A cidade e sua gente, eternas fontes de inspiração em
prosa e verso.*

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com este trabalho. Muito obrigado pelo privilégio da pesquisa científica. À Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela oportunidade de realizar este curso de mestrado. Aos Professores e Funcionários do Programa de Pós-Graduação em História, pela atenção sempre dispensada, especialmente o Prof. Dr. Marc Hoffnagel e a secretária Carmem. Ao orientador e fonte de inspiração, Prof. Dr. Antonio Jorge Siqueira, pelo conhecimento, ética e compromisso. Em especial referência, agradeço ao Prof. Dr. Antonio Paulo Resende, exemplo na sala de aula e na composição do texto de historiador. Aos funcionários do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, sempre muito cordiais e prestativos apesar das dificuldades corriqueiras. Aos colegas de curso, em especial os professores Francisvaldo, Carlos, Rogério, Adilson, Cinthia, Micheline e Andresa. Obrigado pela companhia sempre animada e fraterna.

Ao meu irmão Prof. Vaubam Carvalho, amigo de todas as conquistas, mestre em “melhoramento genético de plantas” pela URFPE. À minha esposa e companheira de jornada, Eliete Ferreira Carvalho. Minhas filhas Maysa e Pérola. À Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul (Famasul) pela liberação de dois anos para realização deste trabalho, seus gestores, professores e alunos.

*“Foi a distância entre a letra rígida e a fluida palavra
falada, que fez da cidade letrada uma cidade
escriturada, reservada a uma estirpe minoria”.*

(Angel Rama)

RESUMO

Este trabalho investiga a história do Club Litterario de Palmares, entre os anos de 1882 e 1910. Uma associação de letrados fundada na região canavieira de Pernambuco, com a finalidade de promover a instrução, o progresso das letras e o aperfeiçoamento literário dos seus sócios, contemporâneos das mudanças culturais, políticas e econômicas da modernidade. Por isto, observa o envolvimento do Club com as questões da época, destacando os debates sobre a abolição do trabalho escravo, a República e a concorrência entre os projetos reformistas debatidos pela Geração 1870. Investiga, também, a participação dos sócios do Club na recepção, apropriação, distribuição e exibição da cultura letrada; os escritos de seus literatos em jornais, revistas e livros; o repertório erudito que mobilizam para fundação e continuação do Club; intercâmbios, descontinuidades e decadência da associação literária na primeira década do século passado.

Palavras-chave: Modernidade; Cultura Letrada; Associações Literárias; Literatos.

ABSTRACT

This work presents the history of the Club Litterario de Palmares, from 1882 to 1910. An association which functions in Palmares, sugar cane region of Pernambuco, with the purpose to promote the instruction, progress of the letters and the literary improve of associated, in the end of that century there were deep cultural, economic and politic changes of the modernity. By this, it observes the involvement of the Club with the questions of the epoch, detaching the debates about the abolition of slave work, the Republic and the competition between the reformist projects debated by the Generation 1870. It´s investigates, also, the participation of the partners in the reception, appropriation, distribution and exhibition of the erudite culture; the writing of his writers in newspapers, magazines and books; the erudite repertoire that mobilize for foundation and progress of the Club; exchanges, discontinuities and decadence of the literary association in the first decade of the past century.

Keywords: Modernity; Erudite Culture; Literary Associations; Writers.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – Álbum de Visitas do Club Litterario de Palmares
FIGURA 2 – Autógrafo do Álbum de Visitas do Club
FIGURA 3 – Autógrafo do Álbum de Visitas do Club
FIGURA 4 – Folha de Rosto da Reforma dos Estatutos do Club
FIGURA 5 – Jornal Club Litterario de Palmares
FIGURA 6 – Jornal O Echo de Palmares
FIGURA 7 – Anúncio “Loja da Estrela”
FIGURA 8 – Jornal Gazeta de Palmares
FIGURA 9 – Noticiário do Club Abolicionista
FIGURA 10 – Convocação da Sociedade União Recreativa
FIGURA 11 – Convocação da Sociedade União e Segredo
FIGURA 12 – Jornal A Semana
FIGURA 13 – Anúncio “O Cosmorama”
FIGURA 14 – Jornal Novo Echo
FIGURA 15 – Jornal O Progresso
FIGURA 16 – Poeta Fábio Silva
FIGURA 17 – Anúncio “La Folie”
FIGURA 18 – Rótulo dos cigarros da marca Rodolpho e Zulmira
FIGURA 19 – Dr. Costa Maia
FIGURA 20 – Poeta Fernando Griz

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1 – Relação de Autógrafos de Visitantes Ilustres
QUADRO 2 – Lista de presença da 1ª Sessão do Club Litterario
QUADRO 3 – Evolução da freqüência em escola pública (1872 – 1893)
QUADRO 4 – Lista dos sócios presentes ao lançamento da Biblioteca
QUADRO 5 – Composição do Quadro de Sócios em 1882
QUADRO 6 – Relação dos periódicos de Palmares entre 1882 e 1911

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO, 11
2	O CLUB DE PALMARES: HISTÓRIA, REPERTÓRIO E METÁFORAS, 32
2.1	HISTÓRIA E METONÍMIA: A ILHA DE LETRADOS, 42
2.1.1	A “ilha” é escriturada, 44
2.1.2	A “ilha” é impressa em papel, 48
2.2	O REPERTÓRIO DO CLUB, 50
2.2.1	Os ecos da <i>Belle Époque</i> , 52
2.2.2	Afirmando asfaltos, afirmando saberes, 54
2.2.3	O Repertório e o Álbum, 65
2.3	AS METÁFORAS DA INAUGURAÇÃO, 60
3	OS ESTATUTOS DO CLUB: LIVROS, LINGUAGENS E MEMÓRIAS, 65
3.1	O CLUB LITTERARIO E SEUS FUNDADORES, 69
3.1.1	A Comissão Provisória e a Preparação do Club, 71
3.1.2	A Ata de inauguração do Club e da Biblioteca, 75
3.2	OS ESTATUTOS DO CLUB E O PROCESSO CIVILIZADOR, 82
3.3	OS LIVROS E OS LEITORES NOS ESTATUTOS DO CLUB, 86
4	A CIDADE LETRADA MANDA NOTÍCIAS: O CLUB E A IMPRENSA, 94
4.1	A AÇÃO DE CIVILIZAR: PROSA E VERSO DOS FUNDADORES DO CLUB, 98
4.2	O ECHO DE PALMARES: ENTRE CIVILIZADOS E HOMENS BRUTOS, 103
4.3	A GAZETA DE PALMARES: ENTRE MANUMISSÕES E NOTÍCIAS DO CLUB, 110
5	OS CONTINUADORES DO CLUB E SEUS JORNAIS, 119
5.1	O NOVO ECHO: FLANANDO EM PALMARES, 128
5.2	O PROGRESSO: NOTAS DE 1900 E UM ESPECIAL “EÇA DE QUEIROZ”, 137
6	CONCLUSÕES: A REPRESENTAÇÃO DA DECADÊNCIA DO CLUB, 145
6.1	O CLUB <i>POST-SCRIPTUM</i> : ORALIDADE E LITERALIDADE, 163
7	REFERÊNCIAS, 167
8	APÊNDICE, 175

1 INTRODUÇÃO

Escreve-se aqui a história de um clube literário. Aquele fundado em Palmares, interior da província de Pernambuco, no primeiro dia de outubro de 1882. Faz três anos, a pequena e recém emancipada cidade ganha novas instituições e códigos urbanos (é o relato da esperada Lei Provincial¹ publicada em nove de junho de 1879). Antes, uma pequena vila pertencente às terras de Água Preta. O então núcleo político-administrativo da região, pois compreendia um vasto território somente desmembrado em 1873. Período quando Palmares é elevada à condição de distrito. Influência do transporte ferroviário que atinge o lugarejo em 1862. Caminho de ferro que viaja do Recife, com o objetivo de alcançar o Rio São Francisco. Mas, na direção da fronteira com Alagoas, resulta na construção do prédio da Estação do Una. Final dos trilhos da *Recife and San Francisco Railway Company*². O ponto de partida da cidade das letras. Espaço para onde convergem, inicialmente, as atenções e os interesses de senhores de engenho, comerciantes e profissionais letrados. Forma-se, deste modo, nas décadas finais do século XIX, o município sustentado entre a estação ferroviária, a praça do mercado, a capela e o cartório. O encontro entre os engenhos e as ruas de onde a civilização conhece seus encantos e desencantos modernos. E o primeiro odéon – agora historiado – de seus *homens de letras*.

Narra uma tradição oral que o lugar da estação chamou-se *Trombetas*. Nome reconfigurado de um instrumento musical achado pelos antigos moradores do povoado, que, identificando tratar-se de um apetrecho militar (quicá das tropas rebeladas sob comando do renegado capitão Pedro Ivo³), tomaram aquela corneta enferrujada como símbolo de presença

¹ Lei Provincial nº 1.458, que eleva Palmares à condição de município politicamente emancipado em 1879.

² “A segunda estrada de ferro do país foi construída em Pernambuco, quando os governos imperial e provincial garantiram à empresa inglesa *Recife and San Francisco Railway Company, Limited*, 7% sobre seu capital e um monopólio de noventa anos para que construíssem uma linha de Recife para o sudoeste até a junção dos rios Una e Pirangy. A construção teve início em 1855, tendo alcançado Palmares (km 125) em 1862. O governo provincial ampliou esta linha, sob o nome de estrada de Ferro Sul de Pernambuco, em 141 quilômetros até Garanhuns, em 1887”. Cf. EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança**. A Indústria Açucareira em Pernambuco, 1840-1990. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 72.

³ “Depois de abril de 1850, quando a maioria dos combatentes *praieiros* depôs as armas, Pedro Ivo continuou resistindo nas matas de Água Preta”. Cf. REZENDE, Antonio Paulo. **A Revolução Praieira**. São Paulo, Ática, 1995, p. 33.

no mundo, batizando a localidade com nome tão sugestivo e eufônico. Isto por volta dos anos 1850, quando a região reunia grupos de índios (na memória do lugar, também chamados *trombetas*) e negros “fujões”, aquilombados nas margens do sinuoso Rio Pirangy. Narra-se, além disso, que na época da República Negra de Palmares, a área foi caminho de escravos quilombolas na direção da Serra da Barriga.

A antiga lenda deu nome ao velho bangüê Trombetas. Um engenho erguido na propriedade de uma rica família portuguesa, os Montes. Patrícios e súditos agraciados pelo Governo Imperial, com um bom pedaço do vale do Rio Una. Certamente, por isto, o vínculo do lugar com as distâncias do mundo passou a guardar um ícone religioso: a capela da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Montes⁴ (A poderosa família portuguesa possuía até mesmo uma santa). Aliás, o marco urbano de onde se edificam, no início do século XX, o principal templo católico e a praça do mercado, configurados neste local de origem da antiga vila, onde começa propriamente o cotidiano que testemunhou a chegada do trem em 1862.

Dez anos depois, o recenseamento populacional do Império⁵, por exemplo, para registro, considera a denominação Paróquia dos Montes e aponta uma população residente de 7.854 “almas” – entre elas, 7.041 súditos “livres” e 813 escravos – distribuídos entre a sede e seus engenhos. Segundo Eisenberg (1977), na época, a vila possuía, nas redondezas, 113 engenhos⁶. No centro do território, a capela paroquiana dos Montes representa, deste modo, um símbolo agradecido da riqueza do açúcar. Testemunha a ordem imperial-católica soada pelo interior da Província, pacificada há alguns anos na tríade monarquia, latifúndio e escravidão, desde a *Praieira* debelada em nome da unidade imperial. *Paz agrária* pactuada entre conservadores e liberais, somente afrouxada no curso dos acontecimentos políticos e econômicos da chamada crise do regime monárquico. Período quando a Corte, a tradição colonial e as instituições imperiais são novamente questionadas e ganham contornos de insatisfação pública. Crise que se generaliza e escapa do controle da Coroa, também em Pernambuco.

⁴ Consultar a respeito, GALVÃO, Sebastião Vasconcelos. **Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco**. Rio de Janeiro, 1908.

⁵ DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, **Recenseamento Geral do Império de 1872**. Rio de Janeiro, 1876, p. 115.

⁶ Ver o “Apêndice III, Engenhos de Açúcar de Pernambuco”. EISENBERG, Peter L.. *Op. cit.*, 1977, p. 263.

Ao mesmo tempo, na cidade da estação do trem, esmaecem os batismos do lugar – Trombetas (porque de índios ou cornetas) e Paróquia dos Montes (porque de portugueses agradecidos) – se perdem na memória. Vinga, com o passar dos anos, a presença telúrica da flora. Muitas palmeiras avistadas de longe pelo viajante que chega, fixa-se e lentamente dá nome ao lugar. Afinal, o topônimo “palmares” contrasta com a “Maria fumaça” pioneira, que puxava caminho desde 1855 cortando a mata atlântica. Tempo-espaço onde o edifício da Estação do Una é erguido. Por isto, o lugar também se chamou, momentaneamente, Vila do Una. O rio que corta a cidade. Destino final da estrada de ferro, agora atirada na direção de Garanhuns. Processo que termina trazendo para Palmares, ao longo dos anos, os escritórios regionais da empresa *Estrada de Ferro Sul de Pernambuco*. Fato decisivo na diversificação dos negócios da cidade, transformada no centro político-administrativo e comercial da Mata Sul.

O símbolo do lugar (seus poetas e cantadores agora exclamam!) finalmente domina a natureza com o progresso da máquina a vapor. A cidade está, finalmente, conectada às distâncias do mundo moderno. O espaço e o tempo se alteram e rompem antigas memórias e linguagens. Porém, não o suficiente para transformar de vez a paisagem, seus homens, coisas e palavras. No entanto, algumas tradições são soterradas ao custo do tempo “acelerado” que precisa ser apreendido pelas “explicações” da ciência e da técnica. Primeiro, este domínio não é mais da oralidade; mas da escrita. Segundo, não é mais da fabulação; mas da historicidade. Do ato de fazer história com a história. Talvez, por isto, no clube de letras, ao longo da década de 1890, o nome palmares tenha a ver mais com a travessia da memória para um *lugar* anterior, onde lutavam e morriam os quilombolas chefiados pelo lendário Zumbi. Sopro de liberdade que associa o nome da cidade do trem ao espírito das explicações da *Ilustração Brasileira*. Espécie de *República das Letras* em moda nos círculos intelectuais de final do século XIX, que bem precisou de ícones de carne e osso para explicar narrativas épicas como pátria, nação e povo. A primeira máquina – o trem – é exaltada pelo mito da liberdade. Pelo sopro dos poemas que contestavam a escravidão, a ignorância e o atraso, louvando a cidade laboriosa, “abrigo dos perseguidos”⁷ vindos de muitos lugares desde o cativeiro:

Teu nome relembra a história
De brasileiros escravos
Que morreram como bravos
Na jornada tormentória

⁷ Soneto “Saudação a Palmares”, publicado por Fernando Griz em 1892. No livro autobiográfico “Sonhos e Lutas”, editado em 1924, este soneto reaparece explicando o “espírito literário e guerreiro” da cidade.

Sobre a montanha alterosa
 – abrigo dos perseguidos –
 Foi que soltaste os vagidos,
 Cidade laboriosa!

Salve, ó terra dos Palmares!
 Que tens, vibrando em teus ares,
 Da liberdade a canção.

Tiveste soberba origem;
 Simbolizas a vertigem
 De um sonho de redenção!

Em 1883, a cidade do trem adquire a segunda máquina, que sedimenta, mais ainda, o espírito do lugar: uma tipografia de segunda mão comprada pelos sócios do clube de letras. Fato moderno que significa enfrentar as opressões da natureza exuberante e rude. Também, *cutucar* com farpas o Segundo Império “caduco e atrasado”. Na tipografia improvisada do Club Litterario, as armas infundáveis da Literatura. Os versos épicos e satíricos que são também para auto-explicar “o que é” e “o que faz” um letrado “aqui nesse fim de mundo”, nessa “baixa da égua”? O primeiro jornal impresso na cidade é desse tempo de conquista das infinitas possibilidades da escrita e da leitura, como grandes exemplos de civilização e progresso.

Narrada a origem da cidade letrada e suas máquinas, pode-se dizer: a *modernidade é escritura* (CERTEAU, 1994) e, também, é *desencaixe* (GIDDENS, 2002). As forças que separam a “vida moderna” das particularidades do lugar, seus muitos nomes, cores e rostos. Neste sentido, o Club Litterario de Palmares encontra-se fora das particularidades corriqueiras, estranho, universal e *desencaixado* daquela paisagem onde reinam a força bruta e braçal, a palavra tosca e o gesto primitivo, mas, rapidamente, proliferam o texto escrito e as letras espalhadas por muitos lugares.

Imagina-se o homem iletrado olhando aquele prédio, mirando pela janela o salão onde se conversa e se murmura coisas estranhas, diferentes de qualquer outro ambiente. Logo, o Club Litterario, como foi um dia aquela “corneta” e depois a “capela”, ganha a condição de vínculo do lugar com as distâncias do mundo. Até mais importante que o trem, o Club dá substância às notícias civilizadas. Afinal, a cidade das letras manda notícias e admira o progresso do século que já inventou outras dezenas de máquinas que transmitem códigos, cantam óperas, gravam textos, fotografam e filmam pessoas e coisas.

Sinal que o espaço-tempo é outro. Há vinte se transforma, encontrando nas ruas acanhadas o duelo entre as bordas modernas do centro urbano, aristocrático, institucional e

comercial, onde o Club se esforça para *agir*, rodeado pela natureza profusa e exótica, do matagal de onde aparecem homens pretos, carros puxados a boi, cavalos desgarrados, aves de rapina barulhentas, cães e gatos famintos, carroças de gente mestiça e desvalida que segue o trajeto da estrada de ferro e inventa acampar nos bairros que se formam, disputando mangueiras, cajueiros, bananeiras e pedaços de rio para pescar, lavar roupas, montar estrebarias, curtir couro e defumar miúdos e embutidos de bois e porcos. Ou somente sair para trabalhar no vapor da usina de açúcar, aparecendo com força em 1887 (a Bom Destino, batizada depois 13 de Maio) e 1891 (a Pirangy).

Uma indústria moderna substituindo o fracasso econômico dos famosos engenhos centrais. Fábricas de moendas a vapor instaladas às margens dos rios que cortam a cidade. Caminhos escurecidos pelos restos que a máquina começa jogar nas águas. Rios que servem de bebida, asseio e irrigação para 25.228 “cidadãos” contados pelo censo republicano de 1890⁸. Sinal do vertiginoso aumento da população local, em vinte anos de trilhos de ferro e escrituração nos livros batismais e cartoriais, misturada no trajeto urbano e rural.

A usina de açúcar, portanto, é a terceira máquina que chega e acelera cada hora, dia ou estação chuvosa para garantir o canavial a se perder no horizonte e crescer; temporada de sol para colher o fruto com algumas mãos escravas e outras livres, vindas principalmente do agreste. Todas analfabetas, rudes e supersticiosas. Donas do tempo preenchido pela natureza e agruras da sobrevivência. Tempo que deve resultar cotidianamente, se possível, em comida, roupa e teto. E, anualmente, no espetáculo triste das queimadas, sempre lembrando o inferno que foi domar a terra e suas matas virgens.

Numa data ou outra, ocorrem festas e novenas. Momento para seguir o que se conta de ouvido em ouvido e se guarda na memória da senzala, do casebre ou do arruado pobre encostado nas franjas dos canaviais. Lendas e folclores que vão explicando, ao seu modo, o que é *máquina*, *progresso* e *instrução*. Aqui e acolá um deles salta a oralidade e mergulha nas letras que proliferam principalmente no centro urbano, no comércio e nas placas que começam letrar o ambiente. Porém, as letras atravessam todos os espaços veiculadas em livro, jornal ou revista. Muitos começam desconfiar que o tal “clube” guarda centenas destes *formatos*. Tesouros que alguns homens carregam à vista, mesmo sendo criticados e incompreendidos, para mostrar esnobes ou acanhados sua condição de homens letrados.

A sociedade de letras que aparece em 1882 pode ser rapidamente enunciada um espaço de atividade intelectual diletante. Uma associação formada por homens de prestígio

⁸ DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro: Officina de Estatística, 1898.

social, alguma posse econômica e leitura. Homens diferentes em quase tudo da grande maioria da população local. Para explicar o que representam, eles denominam-se *corifeus* pedagogos de uma experiência vivida no nervosismo das três máquinas da cidade – o trem, a tipografia e a usina – nem sempre proveitosas, mas, conectadas com a modernidade e o progresso. A utopia que transforma o antigo povoado e aparece na auto-imagem de seus principais protagonistas ao longo de três décadas, principalmente no selo mais precioso daquele espaço: o *Álbum de Visitas da Biblioteca do Club Litterario de Palmares*. Brochura com duas centenas de pequenos autógrafos, como este deixado pelo Barão de Nazareth⁹, sócio benemérito do clube, residente na cidade de Recife:

Este Club começou como todos têm começado, e é de se esperar que os seus sócios e diretores o levem ao grau de prosperidade a que tem direito a importante cidade de Palmares; que devido à iniciativa de seus habitantes, chegou a ser considerada no rol daquelas que se chamam grandes pelo seu comércio e agricultura¹⁰.

A cidade é apresentada ufanamente um importante núcleo comercial e agrícola. No entanto, encontra-se um lugar limitado por relações tradicionais e oligárquicas, recebendo as *novidades* e transformações que o país vivencia nas décadas finais do século XIX. Mutações locais misturadas aos apitos e nuvens de fumaça espargidas de caldeiras e bueiros barulhentos e fumegantes, causadores de euforia, curiosidade e desconfiança. Um novo cotidiano que assimila coisas e pensamentos vindos de longe, simbolizando as expectativas de conquista do decantado “progresso”. Sentimento que também invade os primeiros tempos do século XX.

Um conjunto de novas experiências socialmente irradiadas, vingadas sob as tentativas de administração intelectual e simbólica por uma diminuta parcela de homens alfabetizados, que faz do clube de letras um misto de espelho civilizatório e cartão de visita do “progressista” município, conforme descreve este texto autografado no ano de 1900:

Era dever meu visitar o grande empório de Palmares, onde a mocidade encontra o alimento para o espírito, e para as dores do coração; tendo viajado grande parte do Brasil, visitado e sócio de quase todos os clubes literários, ainda assim fiquei deslumbrado com o extraordinário cabedal que a briosia diretoria tem reunido na sua farta biblioteca, podendo fornecer obras completas a todos os habitantes desta hospitaleira cidade que visitei pela primeira vez, mas pedindo a Deus que não seja a última, para que possa admirar o progresso do clube e fornecer o tijolo para seu novo edifício¹¹.

⁹ Trata-se do deputado provincial Silvino Guilherme de Barros (1834 – 1903), negociante e coronel da Guarda Nacional da cidade do Recife.

¹⁰ Cf. nota do *ÁLBUM DE VISITAS*, em 21/10/1883. A brochura é encontrada na Biblioteca Pública Municipal Fenelon Barreto (Palmares-PE).

¹¹ Idem, em 06 de junho de 1900, assinada por Antonio Ferreira, proprietário de uma companhia de teatro.

Uma pista de que o Club Litterario de Palmares é moda; parte da *novidade* destas ilhas de ilustração criadas país afora. Ele surge, notadamente, do encontro entre a população de *estabelecidos* letrados (geralmente proprietários de imóveis agrícolas) – tradicionalmente ilhados por uma maioria de analfabetos, “ignorantes” e “matutos” – e a recém introduzida parcela de *outsiders*¹²: comerciantes, caixeiros, artistas, funcionários públicos, professores e doutores advogados, médicos e engenheiros. A nova configuração da “ilha de letrados” da cidade, ampliada numericamente pela imigração de profissionais caracteristicamente “modernos”, cria a sociedade literária com o nobre objetivo de promover a instrução dos sócios, conforme prezam seus Estatutos de 1885, instituído no artigo primeiro, “O Club Litterario de Palmares é uma sociedade que tem por fim promover a instrução, concorrer por todos os modos para o progresso das letras e aperfeiçoamento literário dos associados”¹³.

Ao mesmo tempo, nos registros da associação, verifica-se a afluência de idéias e linguagens civilizadas, abastecidas principalmente nos projetos reformistas defendidos pelos intelectuais da chamada Geração 1870¹⁴. Reformas inspiradas nas principais correntes de pensamento da época, a exemplo do naturalismo e do positivismo. O manancial doutrinário que inspira muitos estudantes, literatos e “doutores” brasileiros, quando Silvio Romero, em 1878, um de seus maiores propagandistas, alardeia a metáfora que retumba a pretensa “revoada de um bando de idéias novas” entre os letrados daquele *final de século*. Conteúdos que podem ser verificados nos escritos deixados pelos sócios do clube, principalmente salpicados nos *Periódicos* impressos na cidade, entre 1883 e 1911. Jornais inspirados no

¹² Norbert Elias define os “estabelecidos” e os “outsiders” enquanto categorias definidoras de identidades relacionais, ligados por um vínculo tenso e desigual de interdependência: os “estabelecidos” compreendem a “boa sociedade” e os “outsiders”, aqueles que desejam identificar-se moralmente a estes valores já consagrados, fato que não exclui os conflitos e os sentimentos de pertencimento e exclusão. Consultar ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders** – Sociologia das Relações de Poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹³ Cf. ESTATUTOS SOCIAIS DO CLUB LITTERARIO DE PALMARES, aprovados em fevereiro de 1885. Um volume da edição de 1894 encontra-se no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Recife-PE).

¹⁴ Ao longo da recente pesquisa histórica sobre os intelectuais brasileiros, a chamada “Geração 1870” tem sido apresentada como grupo de intelectuais opositores, no plano político, à ordem saquarema (Gabinete Conservador no poder entre 1848 e 1878) e no plano propriamente intelectual, ao catolicismo hierárquico, ao indianismo romântico e aos limites impostos pelo regime monárquico à participação e aos espaços de gestão política. Estes intelectuais também se caracterizam pelas posições abolicionistas e/ou republicanas. Tese desenvolvida por Alonso (2002) rompe com esta separação entre o “político” e o “intelectual”, demonstrando que o caráter unitário e geracional do movimento não se reduziu a doutrinas, origem social comum, instituições comuns. Para a autora, o movimento foi “uma experiência compartilhada de marginalização política” pelos jovens preteridos pelas instituições políticas do Império, resultando nas *oportunidades* de formulação e posturas críticas à combatida ordem saquarema.

conjunto de medidas regeneradoras da situação nacional, como, aliás, é comum na imprensa brasileira da época.

Segundo Sevckenko (2003) a abolição, a república e o progresso da nação pautam os discursos daqueles letrados de 1870, inspirando a criação de clubes temáticos, muitas vezes batizados com os nomes das lideranças nacionais: “Club Lopes Trovão, o Club Silva Jardim, o Club José Patrocínio, o Club Joaquim Nabuco, o Club Rui Barbosa” (ALONSO, 2002), entre estes, formando-se os grêmios literários destinados à defesa da instrução, da criação de bibliotecas e da difusão da ciência.

Uma nota publicada pelo Diário de Pernambuco, em 08 de setembro de 1886 (ano LXII, nº 206) , dá conta desta atmosfera literária entre os letrados pernambucanos:

Clube Literário Ayres Gama – Ontem ao meio-dia, solenizou o Clube Litterario Ayres Gama o primeiro aniversário de sua instalação, com uma sessão magna,brilantemente concorrida por cavalheiros e senhoras. Depois de um bem elaborado discurso, pronunciado pelo presidente honorário do mesmo Clube, Dr. Ayres Gama, falaram o Presidente efetivo e o orador do mesmo Clube, oradores comissionados pelo ano do curso normal, pela Faculdade de Direito, clubes literários, Comitê Literário Acadêmico, Grêmio Literário Pernambucano, Clube Literário Frei Caneca, Clube Literário Diegues Júnior; Filarmônica, Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos, Sociedade Propagadora, curso preparatório da Sociedade Propagadora, Clube Furtado Coelho e outros oradores. Durante os intervalos tocou a Banda do 2º Batalhão de Linha. Às sete horas da noite instalou o mesmo Clube as suas conferências literárias, tomando a palavra o Dr. Ayres Gama, que dissertou sobre a utilidade do estudo das ciências físicas naturais.

Os clubes literários da passagem do século XIX colocam-se nesta dissertação longe daqueles estudos culturais que vislumbram o mimetismo do *espírito de época* (GRAHAM, 1968) ou o desempenho de *letrados imitativos*, “mal preparados para discutir as últimas doutrinas da Europa” (SKIDMORE, 1976). Posições que desqualificam as práticas letradas cotidianamente difundidas em âmbitos privados e públicos, urbanos e rurais, nas capitais e pequenas cidades do país, exatamente quando os debates sobre liberdade, autonomia, instrução e participação civil ganham corpo num conjunto social mais amplo, como o espectro dos oradores da solenidade descrita acima muito denuncia. Questões que escapam do parlamento, da academia e do mundo eclesiástico, ganhando as páginas de jornal, escolas, ruas, botequins e mercados, também em pequenos centros urbanos, como o exemplo de Palmares bem esclarece, corroborando com esta nota sobre os letrados recifenses de 1886.

A proposta é, portanto, romper com certas explicações generalizantes de “importação” cultural, na medida em que a história do Club Litterario de Palmares não se deixa reduzir à idéia de pura e simples imitação letrada. Não se trata unicamente de uma

performance importada do Rio de Janeiro, por um grupo de senhores distantes, miméticos, ensimesmados e influenciados pelos modismos de época. Por outro lado, esta história colocasse no rol daqueles estudos culturais onde as demandas de recepção, apropriação, distribuição e exibição são importantes na produção moderna de *lugares, práticas e textos*. Compreendendo que *lugar, prática e texto* são constructos do cotidiano. As pontes que instauram a travessia dos desafios da vida comunitária, política ou intelectual. Processos que envolvem tanto a chamada elite, como os setores médios e populares, principalmente quando a disseminação da cultura letrada faz mediar constantes partidas, alteridades, representações e linguagens que atingem a identidade de grupos e indivíduos. Ou seja, olhar o microcosmo do Club de Palmares, implica ver o momento onde as “operações dos usuários supostamente entregues à passividade e à disciplina¹⁵” espalham-se reinventadas, curtidas de modo diverso, numa *arte de fazer* que escapa da idéia de “indiferença” ou “cópia”, finalizadas no claustro das paredes da sociedade elitizada e mimética. Por isto, “a *fabricação*” – que esta história do Club quer detectar – “é uma produção, uma poética¹⁶”. Considera a escrita da história um percurso criativo e poético: *poiein*, do grego, criar, inventar, gerar. Não obstante, sabe que “o gesto que liga as idéias aos *lugares* é, precisamente, um gesto de historiador¹⁷”. Uma narrativa que se traça, mediante documentos *deslocados* de outras falas e outros gestos.

Por isto, aqui não se deseja monitorar apenas o modismo dos clubes de letras. O que interessa é tal experiência se nutrindo das redes sociais e eventos dos quais participa; das práticas e dos discursos fazendo emergir de suas atividades, principalmente quando afloram, com mais entusiasmo retórico, as campanhas pela Abolição e pela República e se formalizam novos espaços públicos de participação dos segmentos alijados dos fóruns tradicionais e aristocráticos da política imperial. Conjuntura enfrentada por este exemplo de estratégia patrocinada pelos propagandistas da Abolição em Pernambuco: um discurso deixado por Leonor Porto, dirigente da sociedade Grêmio Aves Libertas, numa das páginas do *Álbum de Visitas do Club*, após participar de uma de suas sessões literárias, no mesmo ano de 1886, louvando os sócios da iniciativa letrada, ao tempo que divulga idéias e defende o fim da escravidão:

Presidente de uma Associação Abolicionista não posso deixar de dar um brado de animação aos fundadores de uma tão útil quão necessária instituição, porque penso, no meio para entender, que a instrução e a abolição são irmãs, e tão dedicadas que sem uma não poderá existir a outra. Por isso digo: trabalhai, lutai contra todo

¹⁵ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 11ª ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005, p. 37.

¹⁶ Idem, p. 39.

¹⁷ Idem, p. 65.

empecilho que possa encontrar vosso caminho ao progresso e plantai com raízes bem fundas a instrução para que dela só possais exultar engrandecimento e um nome assaz lisonjeiro para esse torrão que vos serviu de berço¹⁸.

Eis uma história que não considera, conseqüentemente, as sociedades de letras meros agrupamentos de letrados *imitativos*. Porém, as percebe como espaços de discursos oportunizados pela circulação de textos impressos (livros, jornais e revistas), mobilização de *meetings*, tertúlias, conferências literárias e pela confluência de salões, cafés e livrarias onde se reúnem políticos, jornalistas e literatos no intercâmbio de sociabilidades, até então, restritas às vivências em ambientes privados e domésticos, mas, agora, insistentemente rompidos como faz a abolicionista Leonor Porto, inclusive diante de um público tipicamente masculino.

Aqui, conseqüentemente, descarta-se a lógica de importação de idéias estrangeiras *aplicáveis* à realidade nacional, por letrados deliberadamente alheios às vicissitudes do cotidiano e conjunturas do país. Visão utilitária do cenário intelectual de *final de século*, que resulta, quase sempre, num anacronismo: *a priori*, reduzindo os letrados a “imitativos” ou, ainda, a “enfeitados” pela atmosfera do progresso, assimilado como a *representação* das teorias importadas principalmente da França, encaixadas nos trópicos ao sabor do cordial “gênio da raça”. Narrativas onde ganham destaque aquelas memórias biográficas e estudos que tentam classificar os letrados em “escolas filosóficas”, filiados a certa obra de filósofos ou juristas, como faz o estudo sobre Arthur Orlando e sua geração (CHACON, 1969). Afinal, não existem tais “letrados” motivados exclusivamente pelo “sabor dos modismos” e “contendas verborrágicas” levantadas nas páginas dos diários da *belle époque* tropical ou nas correspondências amistosas, isolados entre afetos e desafetos.

O que se quer dizer é que estas posturas historiográficas podem resultar no ofuscamento das atividades destes letrados, daquilo que os torna importante em seu tempo e de sua locomoção entre grupos e segmentos de afinidade, típicos na vida política e literária da época. Principalmente considerando que “o *engajamento* se torna a condição ética do homem de letras” (SEVCENKO, 2003, p. 97), enquanto a postura boêmia “*identifica-se*, em linhas gerais, com os ideais da geração modernista de 1870”, inversamente, existem os letrados que não defendem o “engajamento como condição” (VELLOSO, 2006, p. 208) preferindo posturas menos encantadas em relação à modernidade e ao progresso técnico. Escrever sobre

¹⁸ Cf. nota do ÁLBUM DE VISITAS, em 27 de julho de 1886, assinada por Leonor Porto, presidente do Grêmio Aves Libertas, sociedade abolicionista recifense organizada por mulheres e donas de casa.

letrados do Club de Palmares, portanto, implica a verificação desta heterogeneidade de grupos, tendências e aspirações, seja como produtores ou usuários da cultura letrada.

Esquemas interpretativos escapam do padrão mimético acostumado à generalização dos letrados pelo filtro “literário” de filiação a uma escola ou obra, movimento intelectual ou desempenho acadêmico do “moço” engajado ou boêmio; e do “velho” memorialista, na maioria das vezes, descrente e decepcionado, “morto” no desgosto e na falta de memória do país. Comportamentos verificados na experiência dos sócios do Club de Palmares, sem colocá-los numa quadra intransponível que defina de pronto este é “engajado”, aquele é “boêmio”, o “moço” é isto, o “velho” é aquilo. Afinal, muitos são protagonistas locais das campanhas pela abolição, ativistas republicanos, animadores da impressão de periódicos e organização de espaços e atividades literárias, transitando entre engajamento, boemia, erudição e academicismo. Ou simplesmente, consumidores, autodidatas ou *mecenas* dos sonhos e estripulias dos “metidos a literatos”. Prefere-se, assim, conhecer a experiência do Club de Palmares como uma criação, em sintonia com a invenção de novas tradições nacionais.

Uma trama que considera a abordagem de Hobsbawm (1984), sobre o invento de tradições modernas pelas nações novas, seus intelectuais e ideólogos. Para o historiador inglês, os *Estados* surgidos do processo de descolonização dos antigos impérios ultramarinhos, apostam na ocidentalização de suas culturas pós-Independência. Ou seja, as nações novas se empenham em inventar tradições que as definam e as distingam entre as demais. Porém, este processo tem por base o *repertório* de valores e costumes formatados ao longo da relação com as antigas metrópoles. Traços evidenciados no convívio secular entre nativos e estrangeiros, teoricamente nivelados pela conjuntura nacional que procura afirmar identidades e soberania, através da profusão de símbolos, festas cívicas, instituições da sociedade política, civil e militar. O clube é, portanto, uma entidade civil formada por sócios letrados, um salão literário e uma biblioteca. Sociedade letrada interessada nas tradições nacionais e *novidades* que procedem da civilização (vindas principalmente do Rio de Janeiro e da cidade de Paris).

Uma lógica percebida nas expressões culturais das populações latinas da segunda metade do século XIX, ao envolver antigas tradições e apropriação de novas estéticas e linguagens advindas do modernismo europeu. Ocorre, portanto, a *invenção* da idéia de nacionalidade e de aparatos formais e informais distribuídos por todos os segmentos letrados e iletrados do país. Fato que impulsiona o aparecimento de espaços públicos dedicados ao cultivo das letras e da língua nacional. Afinal, os clubes literários ocorrem com este intento,

pois objetivam a promoção das letras e da leitura entre seus membros na forma que versam, por exemplo, os *Estatutos Sociais* da associação de Palmares aqui anteriormente citados: “o aprimoramento literário dos sócios” é sua principal tarefa.

São três as fontes de onde conseqüentemente se *deslocam* estas memórias do Club de Palmares – o *Álbum*, os *Estatutos* e os *Periódicos* – possibilitando observar a criação e a significação de novas experiências letradas naquele momento particular de transformações na sociedade nacional e internacional. Afinal, o Club participa da divulgação da literatura, da imprensa e da academia numa localidade que desconhece estas instituições irradiantes de “tradições” novas, rogadas fundantes da pátria, sua história e símbolos perpétuos; mas, difusoras das idéias colhidas do estrangeiro e da chamada cultura universal.

Logo não se trata somente de um empório de diletantes. Segue a sociedade de letras uma tendência iniciada depois da Independência. Por exemplo, o governo imperial promove, no intuito da tradição nacional, o mecenato de escritores, pintores e escultores; cria a Academia de Belas Artes (1826), o Diário do Governo (1823); regulamenta o uso da Biblioteca Nacional (1833); organiza o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838); o Colégio Pedro II (1839) e os cursos superiores de Direito (1828) e Medicina (1832). Medidas unificadoras do perfil da elite letrada, geralmente detentora de curso superior, formada em uma das quatro faculdades provinciais e homogeneizada pelos conhecimentos e habilidades jurídicas, conforme explica José Murilo de Carvalho, para quem a corte imperial funciona como um verdadeiro *clube*¹⁹.

Os clubes ou grêmios literários começam exatamente nestes meandros da sociedade de corte: a erudição e o culto às letras promovidas por estes segmentos sociais elitizados, como meio de ilustração, são os pilares que fazem surgir, entre os muros das escolas e faculdades do Império, as primeiras sociedades dedicadas às tradições literárias e cívicas. Isto corresponde à fase romântica que suscita tais agrupamentos, *ilhantes* do orgulho e deferência social da leitura. Porém, durante o Segundo Império, principalmente com o processo de urbanização, metropolização de importantes capitais provinciais e implantação do transporte ferroviário, diversificando os interesses econômicos de setores médios e populares, o sistema estamental da sociedade de corte e suas instituições, reproduzindo este elitismo letrado, tornam-se insuficientes para os *moços* formados nas academias civis e militares e para aqueles que ocupam as novas atividades profissionais que a política e a economia urbana necessitam.

¹⁹ Consultar CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem**. A elite política imperial. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

É preciso, então, reformar o ensino brasileiro na tentativa de correção destas demandas, principalmente o excesso de bacharéis²⁰.

No início dos anos 1880, os letrados encontram no discurso da *instrução* “popular” uma forma de contestar a falta de livros, bibliotecas, escolas e público leitor país afora. Os clubes literários surgem envolvidos com estas demandas de ordem pública. Eles questionam a ausência das autoridades na criação de escolas e contratação de professores, além do fato de se reivindicar a organização do ensino e a adoção de modelos pedagógicos modernos, desenvolvidos em países como a França, Inglaterra e Alemanha.

Angel Rama (1985) vê neste reformismo pedagógico, a principal demanda da *cidade modernizada* latino-americana, considerando o protagonismo intelectual que passam a exercer os educadores e pedagogos, inclusive nas críticas aos advogados e suas tradições de “letrados artificiais”, que “cobriam de dourado” a realidade representada, sem o mínimo interesse de questionar a ordem²¹. Cenário de uma estrondosa taxa de analfabetismo, em torno de 84% da população em 1872. Entretanto, o parecer feito por Rui Barbosa, para a reforma do ensino primário, dez anos depois, resulte muito mais numa exposição de filigranas dos modelos pedagógicos aplicados em países centrais e na sistematização do discurso corrente na época sobre a importância redentora da educação²² (nada mais moderno que este discurso!).

O parecer Rui Barbosa atravessa a tradição nacional e supõe um país progressista somente realizado nas instâncias do futuro edificado pelas novas gerações. Sentimento que este autógrafo do Club de Palmares também registra:

Entre os elementos da civilização de um povo está a instrução; só por ela se fará o levantamento do caráter nacional e do sentimento de Pátria tão ausente no Brasil. Assim, pois, louvando os sócios da Biblioteca de Palmares pelo esforço em criar e manter uma sociedade como esta²³.

²⁰ Idem, p. 75: “a reforma de 1879 chegou mesmo a dividir o curso (de direito) em ciências sociais, as primeiras para formar magistrados e advogados, as segundas diplomatas, administradores e políticos”.

²¹ Na cidade colonial, principalmente os advogados tiveram o papel de ordenar e escriturar o sistema legal que subordinava as colônias latinas às metrópoles européias. Cf. RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²² Rui Barbosa, como a maioria dos homens letrados da época, comungava uma definição de educação em contraponto à situação sociocultural do país: “A nosso ver, a chave misteriosa das desgraças que nos afligem, é esta e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria”. Cf. REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO. Obras Completas de Rui Barbosa, vol. 10, 1983, t. 1, p. 121.

²³ Cf. nota do ÁLBUM DE VISITAS, datada de 12/03/1884, escrita por Fernando de Castro Paz Barreto, sócio benemérito do Club, então estudante da Faculdade de Direito do Recife e membro do Club do Cupim, sociedade abolicionista atuante na capital da província.

Nesta *confusão* sobre as responsabilidades com a instrução pública, modelos de educação, tradição e modernidade, em muitas comunidades espalhadas pelo interior das províncias e depois dos estados federados, por iniciativa de diminutos grupos letrados locais, surgem vários tipos de sociedades literárias com um possível horizonte muito similar: promover as letras nacionais, herdando seu caráter elitista e erudito (o *ethos* aristocrático que preconizam seus estatutos internos); debater as idéias do *repertório* contestatório (abolição e república) que se forma contra o combalido *status quo* monarquista, incentivando principalmente a circulação pública de textos (por exemplo, montar uma tipografia, publicar um jornal); incentivar o intercâmbio das idéias modernas que repercutem entre os letrados, fato materializado na publicação de periódicos, realização de saraus e tertúlias, criação de bibliotecas (*book clubs*) e atividades beneméritas ligadas à alfabetização de jovens talentosos sem condição financeira de estudo; assumir o discurso da instrução como a principal bandeira de aglutinação e exibição dos letrados, entre outras questões ligadas à ciência e à literatura.

Escreve-se, por tudo isto, uma dissertação à tese de que tais sociedades literárias atendem, na época de fundação do Club de Palmares, os anseios contestatórios de vários segmentos sociais alfabetizados. Seus protagonistas são os *moços* alijados dos espaços mais tradicionais da cultura do Segundo Império (ALONSO, 2002). Segue-se, portanto, a seguinte premissa: *de instituições aristocráticas vinculadas ao cânon imperial e romântico, as associações literárias passam à condição de tribuna e prelo das idéias de progresso, civilização e liberdade*. Como também, passam à *rede* de difusão das idéias que procuram publicizar os vários projetos modernizantes que circulam no país. Principalmente, aqueles alternativos à escravidão e à monarquia, em defesa de reformas do Estado e da sociedade nacional:

Foi o que fizeram vários grupos sociais a partir de meados dos anos 1870. Desta década até a queda do regime, emergiram múltiplas manifestações públicas de protesto, exacerbando a demanda liberal por reformas: associações de proprietários, manifestações populares, associações abolicionistas, militares, republicanas, literárias, e outras congêneres. (ALONSO: 2002, p. 98)

A leitura do Álbum de Visitas, dos Estatutos Sociais e dos Periódicos impressos na tipografia do Club de Palmares, demonstra a passagem do repertório tradicional para este de contestação, mobilização e imprensa política. É preciso de tal modo estabelecer diálogos com as abordagens historiográficas que ultrapassem a lógica da pura e simples *imitação* e do

alheamento intelectual destes letrados produtores ou usuários da cultura. Uma tentativa clara de relacionar a experiência dos clubes ao comportamento político das camadas insatisfeitas com o *status quo* da monarquia em crise e, logo depois, impactadas pelo advento da república e suas primeiras frustrações políticas.

Posição mediada nesta pesquisa, por aqueles estudos históricos e sociológicos que buscam nas *representações e práticas sociais*, as faces da mesma moeda: as ações e as idéias em movimento recíproco. E, assim, rejeitar estilos narrativos que valorizam mais os *discursos*, descartando a posição prática de quem os proferiu/escreveu, ou ainda, de quem os utilizou nas inúmeras artimanhas políticas instauradas no cotidiano letrado. No bom sentido, uma ação precipuamente vinculante entre os “discursos” e a “posição” de quem socialmente utiliza textos escritos na condição de leitor ou escritor:

A historia cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler (...) As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

Enfim, uma narrativa sobre a *ação* de homens que fizeram acontecer, na adoção de uma empreitada letrada e elitista, uma experiência coletiva e pública. A abertura para que novas expressões da cultura urbana ocidental ocorressem numa pequena cidade da província de Pernambuco. Observando por este prisma, encontra-se a lógica defendida por Michel de Certeau (1994) de que “a presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários²⁴”. Ou melhor, o Club de Palmares é também representação. Sendo assim, não basta dizer que não é uma mera *imitação* ou consagrar de pronto sua *invenção* original. É preciso enxergar a “manipulação” pelos sócios, como estes o representam, o configuram parte da memória e da história do lugar, de seus textos e práticas. Afinal, o que encontramos no Club Litterario de Palmares é uma *comunidade de experiência*²⁵ letrada, que vive as consagradas práticas de afirmação política da burguesia, mas, efetivamente exhibe um *repertório* novo para enfrentar a própria realidade.

²⁴ Certeau, *op. cit.*, p. 40.

²⁵ Para definir *comunidade de experiência*: “... os componentes do movimento intelectual não partilhavam uma mesma origem social, mas uma *comunidade de experiência*”. Ver Alonso (2002, p. 43), categoria que adotamos para observar as diferentes origens sociais e profissionais dos membros do Club de Palmares.

Cotidiano que não se fixa a nenhuma classe social em especial ou a modelos prévios e fechados de linguagem e comunicação.

Trata-se, portanto, de um conjunto aberto de práticas sociais úteis, principalmente, por literatos, jornalistas, bacharéis e estudantes, amplamente difundidas nas décadas de 1880, 1890 e 1910. Estas práticas servem, antes de tudo, para mobilizar as atividades que buscam promover o *extrapolamento* do universo simbólico de monarquistas, republicanos e abolicionistas de vários matizes (CARVALHO, 1889). Enfim, um poliedro de práticas, discursos e idéias que montam um *repertório* ao modo especular das propostas de modernização. Todas praticamente contestando a centralização política, o analfabetismo e o atraso científico do país e, por isto, oportunamente e formalmente unidas umas as outras. Algo favorecendo a iniciativa dos clubes e o debate que se vê registrado largamente na produção cultural e intelectual de seus vulgarizadores.

Obra que demonstra o transbordamento deste mesmo *repertório*, plenamente experimentado como experiência que escritura poesia e prosa engajada, aproximando as sociedades literárias dos embates políticos, superando-se uma idéia ingênua de finalidade meramente diletante de suas seções solenes ou publicações. Afinal, “tanto o repertório estrangeiro quanto a tradição nacional são fontes intelectuais, apropriadas num processo que envolve necessariamente supressão, modificação, recriação” (ALONSO, 2002, p. 33) pelos letrados e, especialmente, pelos literatos patrocinadores de atividades comuns no cotidiano cultural que antecede os modernistas da década de 1920.

Um *repertório* conseqüentemente mais amplo que a noção de “movimento intelectual” ou atividade exclusiva de “políticos reformistas”. Daí, Carvalho (1989), Alonso (2002), Sevcenko (2003) formularem uma perspectiva que desloca a cultura brasileira de final do século XIX – o moderno e a modernidade – da exclusividade de um movimento feito por intelectuais e políticos, para a lógica de uma rede de acontecimentos mais amplos e socialmente multifacetados. A rigor, lembrando a descrição densa de cultura formulada por Greetz (1989) – *a cultura não é um poder, é um contexto!* – somente interessa o Club Litterario de Palmares em sua linguagem criadora de significados que aparecem nas trocas com a cidade, seus impressos, seus letrados e literatos. Seus escritos não são um guia de mortos; mas, o objeto vivo de análise da história do lugar. Falam da experiência vivida concreta e cotidiana.

O clube literário da década de 1880, portanto, extrapola os muros das universidades e bibliotecas imperiais. Além dos sócios *doutores* com formação acadêmica, reúne outros

homens de comércio, profissionais liberais, funcionários públicos, representantes de patente militar e religiosa, e mesmo alguns senhores de engenho e fazendeiros, que passam a conviver sem maiores obrigações intelectuais com as *letras*, para regorjeá-las em saraus, tertúlias e palestras ao sabor da fruição das idéias que circulam com mais desenvoltura em livros e periódicos especializados na divulgação do pensamento positivista, naturalista e cientificista. Moda nos círculos letrados da *belle époque* tropical.

Foi também uma escolha, no melhor sentido da palavra, feita por uma “ilha” de letrados num “mar” de analfabetos, para autocontemplar e distribuir socialmente suas aspirações culturais distintas daquelas que circulam nas camadas pobres e iletradas. Uma tentativa de explicar o país e, antes de tudo, justificar as ações políticas reformistas que projetam a modernização das paragens tropicais. Missão somente efetivada pela instrução. Ou melhor, pela ilustração das camadas socialmente cultas, congregando no mesmo projeto senhores *estabelecidos* e moços *outsiders*, numa rota que envolve as tentativas de consagração de reformistas engajados e boêmios.

Os reformistas surgiram nos interstícios de uma sociedade fechada, dominada por uma pequena elite, e que se revelou um limite à sua ascensão e expressão política. Eram, sobretudo, jovens *outsiders* em relação à elite que foram frustrados em seus projetos pessoais de carreira política. Congregam a angústia em face das baixas perspectivas de ascensão e o fascínio teórico pelas ciências humanas emergentes numa aspiração por reformas estruturais no sistema de distribuição de poder do Império (...) é que o reformismo é ao mesmo tempo um projeto político-intelectual de modernização e uma experiência dos limites da velha ordem. (ALONSO: 1996, p. 02).

Reformismo muitas vezes notadamente antipopular, carregado de feições elitistas e fisiológicas. A forma encontrada para preservar antigos privilégios, status e mecanismos de ascensão social. Intenções deixadas nos diversos textos autobiográficos, crônicas de costume e folhetins da época. Daí, a combinação de “tradição nacional”, “idéias estrangeiras”, “elitismo” e “extrapolamento simbólico”, presentes nas estratégias de mobilização letrada, como remédios para curar todas as mazelas e entulhos provocados pelo regime estamental. A “ilha” de letrados, deste modo, age diante do conservadorismo das oligarquias agrárias regionais e, sobretudo, da imensa maioria pobre, analfabeta e *matuta* que reside os grotões atrasados, escravocratas e ressentidos do distante governo central.

Seus propagandistas defendem uma sociedade firmada sobre o cânon da raça branca e da autoridade das letras sobre as exóticas manifestações populares da oralidade e do costume. A preferência pelas letras é, pois, um traço de superioridade civil e cultural, e a sociedade literária um espaço de civilidade e secularização de homens de boa índole, cultos e

formados, como quaisquer senhores dos salões eruditos do Rio de Janeiro, Paris ou Londres. Um ritual onde os atributos da *cultura afirmativa* de inspiração burguesa rogam-se pretensamente universais, para se converter, nos salões literários, a celebração e exaltação dos valores elitistas. No horizonte do tempo burguês, “a cultura *reafirmava e ocultava* as novas condições sociais de vida²⁶”. O que sugere reforçar a idéia dos limites e fragilidades destes clubes, como também, seu caráter, na maioria das vezes, apenas voluntarioso. Questões que nos levam a indagar em relação ao Club Litterario de Palmares: por que as *letras* como preocupação e um clube literário numa cidade que ainda não conta com outras importantes instituições urbanas? Por que o dileitante empreendimento dessa prática elitista e refinada? O que pensa seus idealizadores e freqüentadores? O que se propõem criar para divulgar suas idéias? E também, ocorrem trocas culturais entre o Club e a sociedade local, especialmente com a maioria não-alfabetizada? Por que de sua longevidade e constante processo de declínio e retomadas?

Para responder tais questões, como fica exposto, envereda-se pelas abordagens da história na tentativa de construir um quadro para galeria daqueles emoldurados com as temáticas mais tradicionais sobre a região canavieira de Pernambuco. Pesquisas que têm privilegiado estudos históricos quase sempre ligados à economia monocultora, trabalho escravo, ferrovia, usinas, movimentos sociais agrários, etc. Uma rica historiografia alheia às *práticas* que habitam o cotidiano e os projetos dos segmentos orgulhosos de uma deferência social: a leitura.

Um passaporte para as novas dimensões da vida cosmopolita e moderna. Modelos do ideário elitista que afetam, guardadas as proporções de ritmo e espaço, o recorte das populações do mundo ocidental atingidas pela expansão capitalista de produção e consumo de mercadorias industrializadas. O Club Litterario de Palmares não existiria sem tais repercussões locais, próprias do momento internacional e nacional de expansão de novos bens materiais e intelectuais.

Um clube que é viável se investigar, conseqüentemente, enquanto manifestação de letrados e ufanos. Também pelas razões de seu aparecimento numa cidade a serviço do mundo rural. Um lugar (insiste-se aqui) formalizado nos espaços de uma fronteira agrícola, com a vida corriqueira girando em torno da igreja, mercado e cartório, sem os atrativos da participação pública dos centros urbanos, com seus jornais, cafés, teatros, escolas superiores, museus e clubes de lazer. Neste encaço, o que se apresenta como *fontes* consultadas dividem-

²⁶ Cf. MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. Volume I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Pg. 96.

se basicamente, a partir de agora, em cinco conjuntos: O citado *Álbum de Visitas* da Biblioteca do Club ou *Livro de Impressões*; Os *Estatutos Sociais* do Club, aprovados em 1885; Os *Periódicos* onde aparecem textos escritos pelos *fundadores* do Club – a geração dos engajados – tais como o *Echo de Palmares* (1883/1884) e a *Gazeta de Palmares* (1884/1885); Os periódicos dos primeiros anos da República, onde aparecem textos escritos pelos *continuadores* do Club – a geração dos boêmios – destacando-se *A Semana* (1892), *O Correio* (1894/1895), *Novo Echo* (1893/1894) e *O Progresso* (1897/1900); Os registros impressos sobre o Club na primeira década do século XX, a trajetória de seus sócios escritores, poetas, jornalistas e políticos.

Importantes nesta empreitada, o jornal *A Gazeta* (1907/1911) e algumas obras em verso e prosa, destacando-se o livro publicado por Fernando Griz, em 1924, intitulado *Sonhos e Luctas*. Uma série de crônicas autobiográficas onde se destacam os boêmios da cidade na década de 1890. Este conjunto de *documentos* define inclusive a periodicidade aqui trabalhada e garante um panorama da presença social do Club, seus intercâmbios políticos e culturais e a detecção de seu discurso mais freqüente: a defesa da *instrução*. No elenco desta leitura documental, dialogam o campo da história, a sociologia e a literatura, consubstanciando uma bibliografia que ajuda organizar cinco capítulos discursivos, na tentativa de responder àquelas questões indagadas sobre o Club, seus letrados e ufanos:

“O Club de Palmares: História, Repertório e Metáforas”.

“Os Estatutos do Club: Livros, Linguagens e Memórias”.

“A Cidade Letrada manda notícias: Os Fundadores do Club e a imprensa”.

“Os Continuadores do Club e seus jornais”.

“Palavras de conclusão: a representação da decadência do Club”.

Para finalizar, tempos depois, um soneto da fase parnasiana do poeta Ascenso Ferreira guarda a *fita genética* do discurso que transforma a instrução na santa entidade alegórica, ao embalar muitos “moços” do século XX inspirados nas antigas lições da Ilustração. Eis, a lembrança do tempo passado, preenchido de inúmeros *agoras*, como assinala a “tese” de Walter Benjamin. Nostalgia da esperança, onde o poeta descreve o soneto “Instrução” acima dos interesses mundanos – da corneta, da capela, da máquina a vapor, e, também, do próprio clube! – publicado no jornal palmarenses *A Notícia*, em 1913. Versos que atravessam os escombros em que o Club Litterario de Palmares brilha:

Lúcida estrela cuja luz fascina,
Deusa a quem rendo no meu culto um preito,
Farol divino, mágico e perfeito,
Que as ondas do meu cérebro ilumina.

És santa, és pura, és mágica, és divina,
Pois que divino há sido o teu proveito.
És tu a mãe sagrada do Direito,
Pois que o Direito tens como doutrina.

Instrução! Luz eterna que nos guia,
Glória suprema que eu quisera um dia
Alcançar para minha eternidade...

Instrução! Ideal por mim sonhado,
Salve o teu vulto esplendido, sagrado,
Jorrando luz sobre a humanidade!

Um distante sopro do Iluminismo que o Club deposita na memória do *lugar*, das *práticas sociais* e dos *textos* que, ainda depois de tanto tempo, despertam interesse público. Principalmente para uma geração imediatamente posterior de *homens letrados*, onde se encontram, entre outros, Ascenso Ferreira, Jayme Griz e Hermilo Borba Filho. Trajetórias recifenses. “Desencaixes” ambulantes da realidade bruta que “encantou” seus antecessores. As letras de outras histórias do passado que mistificam, na ficção e na poesia, o antigo clube sempre representado como o mais glorioso passado da cidade. A linguagem poética que este trabalho pretende transpassar com a *rede* da história, sem a pretensão de “encaixar” àquela ou outra memória sobre a cidade e o seu primeiro odéon. Afinal, entre muitos *lugares*, apenas outro se constrói. Também, como nos versos do chorinho de Ernesto Nazareth, gravado em 1910, ano que estréia a saudade do clube de letras de Palmares: “ai meu chorinho, eu só queria transformar em realidade a poesia”.

2 O CLUB DE PALMARES: HISTÓRIA, REPERTÓRIO E METÁFORAS

O Club Litterario de Palmares é isto: o másculo esforço de uns corifeus modernos na cruzada da instrução.

Nota do Álbum de Visitas do Club, 02 de abril 1888.

No texto de dois historiadores brasileiros encontra-se a figura de linguagem que anuncia este capítulo. Uma metonímia vistosa que representa a dimensão social daqueles letrados: uma “ilha” na acepção da palavra. Imagem que Nelson Werneck Sodré (1970) elabora como porção de homens *ilhados*; e José Murilo de Carvalho (1980) resume como perfil característico da elite, homogeneizada pela deferência da leitura: *Uma ilha de letrados*. Homens de formação livresca e erudita, destinada também à glorificação prosaica da própria condição de letramento. Uns esforçados *corifeus modernos*, como a epigrafe acima nomeia e elogia, porque se dedicam a um clube literário, numa heróica “cruzada” pela instrução.

Uma experiência que mobiliza vários segmentos sociais letrados, destacando-se as profissões de advogado, jornalista e professor. Entre os alfabetizados, portanto, alguns *homens de letras* que se aproximam e formam um lugar destinado ao diletantismo e, também, à discussão de idéias e tarefas comprometidas com o debate político e literário, que ressoa dos grandes centros urbanos. Principalmente porque é contemporânea do esforço intelectual de se criar uma literatura com motivos e estilos genuinamente nacionais, conforme analisa Roberto Ventura (1991):

Para escrever as diversas “histórias da literatura brasileira”, publicadas ao longo do século passado, seus autores afirmaram, antes de tudo, a existência de um objeto, a literatura nacional. Sem obras literárias de alta originalidade ou autônomas, com tema, estilo e expressão, tais histórias perderam a razão de ser. Para tanto, tomou-se a exuberância do meio e das raças locais, o sincretismo de povos e línguas sob o sol dos trópicos, como fontes de criação de novas formas e temas.²⁷

Muito embora obras de “interpretação do Brasil” do porte de Holanda (1972), Faoro (1976) e Sodré (1986) consagrem a “mimese” como o fio condutor que dispara a formação da *intelligentsia* brasileira, destacada no processo de organização do Estado e da sociedade nacional, estudos mais recentes tendem a ver nas experiências de “criação”, as tensões que irradiam um conjunto de transformações culturais, confirmadas no aparecimento de

²⁷ Cf. VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. História Cultural e Polêmicas no Brasil (1870-1914). São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p. 17.

academias, jornais, salões, cafés, livrarias, em muitas cidades brasileiras, na segunda metade do século XIX. Fatos decisivos na formação de um campo intelectual e artístico, que alguns autores, como avalia Sergio Miceli (2001, p.16), denominam *pré-modernista*. No entanto, aqui se prefere, superando “os detentores da autoridade intelectual na década de 1920” – os Modernistas da Semana de Arte de 1922 e seus epígonos – considerar os intelectuais contemporâneos do Club de Palmares, os *modernistas de 1870*, seguindo a designação formulada por Sevcenko (2003, p.97) – “a palavra de ordem da ‘geração modernista de 1870’ era condenar a sociedade *fossilizada* do Império e pregar as grandes reformas redentoras” – levando em conta que estes letrados apropriam-se de um discurso inspirado nas idéias modernas circulantes na segunda metade do século XIX.

Mas afinal, independente de rótulos, como definir este letrado? Qual a importância que detém naquele momento da história? Angel Rama (1985) no estudo sobre a tradição dos intelectuais latino-americanos, compreende o letrado enquanto conjunto ou classe de atores sociais que circula, opera e habita uma configuração de focos e circuitos localizados principalmente no centro das cidades modernas. Comportam-se, segundo o crítico uruguaio, como os principais construtores, distribuidores, administradores e guardiões da linguagem e discursos, justificando “a distância entre a letra rígida e a fluida palavra falada”. Daí, estarem os letrados decisivamente presentes no processo de atualização das instituições políticas, jurídico-administrativas e educacionais, pelas quais passam os países latino-americanos no período pós-colonial.

Atualizações formatadas no Brasil, na mudança de regime político, na abolição do trabalho escravo e *escrituração* de leis e normas para organizar e operar o espaço nacional “com o modo de vida promanado da Europa” (SEVCENKO, 2003, p.97). Porém, se os letrados não constituem ainda um campo intelectual autônomo, exercem a “função” de reclamar a modernização das estruturas do Estado, da instrução e elevação do nível cultural e material do povo. Assim, produzem e fazem *extravasar* para o mundo extra-elite os símbolos e imagens modernas, que os homens de letras destacam na formulação de um elenco de teses sobre o país e o estabelecimento de sua república.

Os chamados letrados constituem, portanto, o grupo responsável pela difusão das idéias *científicas* de progresso, comuns no cotidiano brasileiro dos anos 1880 (SCHWARCZ, 1993). Temas que pululam dos discursos político, literário e científico, para legitimar uma pretensa *agenda* de reformas. O “progresso” é visto, por sua vez, sinônimo de regeneração

civilizatória (DUPAS, 2006). Simboliza, para maioria dos “modernistas de 1870”, a república que a enfadada monarquia impede aflorar.

Ao criticar a “sociedade fossilizada”, criam uma miscelânea retórica de imagens “modernas”. Uma tentativa de atualizar a realidade nacional “defasada” e “obscura” se comparada à pujante Europa ou América do Norte. Os espelhos da livre iniciativa, das liberdades individuais e do avanço técnico-científico alcançado pela indústria. Daí, aparecer nesta conjuntura, um movimento intelectual muito similar e paralelo àqueles como a *intelligentsia* russa; a *Geração de Coimbra*, em Portugal; a *Generación* de 1898, na Espanha e o México do *Profiriato* (ALONSO, 2002; SEVCENKO, 2003). Tais movimentos constituem uma *rede* de atualização da vida nacional, envolvendo querelas políticas e literárias tencionadas diante de uma característica comum: seus países possuem elevadas taxas de analfabetismo e apresentam “atraso” econômico e social, se comparados a países onde o desenvolvimento técnico e a indústria capitalista são realidades.

Os “modernistas brasileiros de 1870”, que tanto influenciam os alfabetizados da época, compõem uma camada diminuta, considerando que a maioria do povo encontra-se iletrado, sem acesso à educação formal e tradicionalmente ligado à oralidade. Ou, como avalia Luis Costa Lima (1981), indistintamente da alfabetização, um público acostumado à cultura *auditiva* vinculada à vida proeminentemente agrária e à *dispersão* retórica destes tribunos ufanistas e euterpes, entregues às citações clássicas e religiosas. Porém, importantes na publicização e circulação das “explicações” sobre o país. Talvez por isto, notadamente ufanos e adeptos dos vários “consensos”, “conformismos” e “continuidades” presentes ao longo da história brasileira.

Esta “erudição” eufônica – que corresponde à herança colonial, à tradição patriarcal, monárquica e eclesiástica – encontra-se também enraizada no *fazer* dos letrados interessados em associações, bibliotecas, tertúlias e periódicos. Porém, com o advento de um numeroso público leitor de impressos (diários, semanais ou quinzenais) produzidos por uma imprensa mais autônoma e profissional, muitos rompem os cânones construídos na educação coimbrã, transplantada e auditiva. Por isto, prevalece agora, um conjunto de demandas que exigem a escrituração dos lugares (a ordenação simbólica) e o letramento dos espaços (a nomeação dos usos urbanos).

Comprar um bilhete *tipográfico* para pegar o trem em Palmares, pode ser um exemplo destas novas mediações. Momento em que o saber letrado vai formatando um campo próprio e um *fazer* mais interessado na recepção, celebração e exaltação das idéias e valores

da vida moderna. O bilhete com o destino da viagem ordena e nomeia os novos atributos do impresso e do leitor. Porém, tais preocupações “alfabetizadoras”, ainda bastante difusas entre a população da época, constituem um catalisador de desejos civilizatórios, multiplicados pelos novos recursos de divulgação e mobilização: os suportes técnicos da imprensa e as academias e clubes de caráter científico, artístico e literário. Entretanto, este catalisador das antigas fronteiras do campo erudito da cultura ocorre em escala internacional. Resulta da dinâmica formação de um campo de produção e consumo de bens simbólicos (BOURDIEU, 1974), que o advento da grande indústria e urbanização das metrópoles européias e americanas faz prosperar. Cidades de onde se irradiam, por exemplo, diários de grande circulação, revistas, telégrafos, fotografias, cinema, telefones e gramofones.

Aportes tecnológicos que o capitalismo vende pelo mundo, importantes para se compreender a tensão criada entre a erudição do “antigo regime” e o sistema de produção da cultura moderna, exemplificada, no Brasil, pela oposição entre as velhas castas eruditas e os moços metidos a “pedagogos do progresso” (HOLANDA, 1995:165) que, ainda assim, mantém os vínculos de erudição e refinamento que marcam as sociabilidades letradas da época. Retomando Bourdieu, portanto, há um traço indispensável entre o campo erudito da cultura e a necessidade de instrução (de aperfeiçoamento):

As obras do campo de produção erudita são acessíveis a um público reduzido e a sua recepção depende do nível de instrução dos receptores, ou seja, exige que os receptores tenham o manejo prático e teórico de um código refinado, sendo necessária também, a própria disposição dos mesmos em adquirir tal código. Já a recepção dos produtos no sistema da indústria cultural é relativamente independente do nível de instrução dos receptores. (BOURDIEU, 1974)

Os usuários da cultura erudita partem de um círculo fechado de produção e consumo, baseados na obra de arte rara e refinada. A *instrução* instala-se nesta relação como uma qualidade também muito restrita. Por isto, o que pode esclarecer melhor a passagem do campo da erudição para o campo da cultura moderna, não se encontra nas demandas letradas da Ilustração (que tem na *instrução*, o sentido do “progresso das letras e aperfeiçoamento literário” como desejam os *Estatutos Sociais* do Club). Ou seja, quando irrompem o conceito de arte moderna e a reprodução técnica de sua *fabricação*, observa-se entre outros resultados: o saber erudito é sobreposto, ao longo do século XIX, por um saber técnico e reprodutivo, que exemplifica tanto o acesso à *obra* de arte moderna como à desvalorização das técnicas da arte tradicional (BENJAMIN, 1994); a tradição oral e a narração são solapadas pela primazia da escrita fluida e efêmera, aparecendo a experiência urbana letrada que o *flâneur* de Paris

consagra (BENJAMIN, 1989); o saber popular, ancestral e campesino é afetado pela circulação constante de apelos ao letramento, à moda, à propaganda, à complexidade da vida nas cidades e territórios urbanos marcados pelas novidades da *belle époque*²⁸.

Assim, as análises teóricas de Walter Benjamin são, também, dialogando com as de Pierre Bourdieu, a porta que abre a história do Club de Palmares por uma trajetória mais apropriada à experiência moderna. Nele guardam-se raízes de erudição, oralidade e ilustração, porém, ativam-se as necessidades da escrituração, da reprodução do impresso, da recepção, apropriação, distribuição (ou segregação) e exibição da obra moderna. Como exemplo, o trato dispensado aos livros da biblioteca, que o Club disponibiliza para seus sócios, carrega nos “Estatutos” esta nova *aura*. Afinal, o livro do *book club*, nem raro ou sagrado, passa pelo sacrilégio de muitas mãos:

Art. 11. O extravio de um volume de qualquer obra, arrancamento de folhas ou outra qualquer grave dano, obriga o pagamento por inteiro de seu custo ou duplo se for edição esgotada.

Há nesta disciplina de uso do livro, o que Benjamin chama atenção sobre a perda da *aura*: “com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual²⁹”. Sinal dos tempos. O livro sai do seu confinamento. Há um apelo público para ampliar seu uso. Por isto, o Club é um desdobramento destas mutações da cultura ocidental, ocorridas nos estertores do século de poetas românticos, naturalistas, simbolistas e parnasianos. É, também, por seu turno, a separação entre espaço e lugar (GIDDENS, 2002). O que o Club representa não está na tradição. Na verdade, ele se projeta na direção de novas “mídias” inseparáveis da própria modernidade. Por exemplo, grande é o apelo dos jornais diários sobre o cotidiano aqui narrado. Forte é a presença destes escritos poéticos na textualidade dos jornais locais.

Nas sociedades literárias de final do século, os letrados brasileiros acompanham estas tendências e *vagam* do campo erudito da Ilustração para a modernidade das vanguardas positivistas. Passam a assimilar “igrejinhas” de afinidades conforme o engajamento, a boemia e o ufanismo que rondam cafés literários, academias, clubes e jornais. Podem exibir-se, como a epigrafe de Palmares diz: “*corifeus modernos*”. Uma auto-imagem que certamente “esbofeteia” os antiquados e maçantes partidários da tríade *monarquia-escravidão-*

²⁸ Período da arte e da literatura vanguardista européia, que se estende da década de 1880 ao início da Primeira Guerra, em 1914. O termo é utilizado neste sentido, sem recorrer a qualquer naturalização do tipo “espírito de época”, “tempo de euforia”, “de irreverência pequeno-burguesa”, etc.

²⁹ Cf. BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 171.

monocultura. Principalmente, demarcando o território onde surge o clube dos moços “pedagogos do progresso” e seu halo de civilização. Não à toa, a maioria dos sócios, também participa das associações emancipadoras e abolicionistas da cidade³⁰, estendendo uma *rede* local de sociabilidades que acompanham as principais tendências reformistas e “modernas”.

O Club de Palmares é, pois, um lugar escriturado. Intercedido por *metonímias* e *metáforas* sobre o que se convencionava chamar vida moderna, modernidade, tempos modernos. Figuras de linguagem que servem como apólogos e confirmam a presença do homem de letras, exatamente quando chegam novidades técnicas, a ferrovia e uma dezena de casas e armazéns comerciais, trazendo o decantado “progresso” e o irreprensível ufanismo:

Como pernambucano, faço sinceros votos para que continue em crescente progresso a biblioteca de Palmares, porque é desses laboratórios do pensamento que havemos de tirar a força precisa para realizarmos um dia a profecia do velho imortal mestre: o Brasil no século XX chamar-se-à América do Sul, e no Século XXI, Humanidade.³¹

Entre todos os exemplos – a escrita de um ufano – este autógrafo, além de reverenciar o “velho” Dr. Tobias Barreto, representa a importância do Club como *lugar* da amplificação dos discursos que circulam e projetam o país no “banquete daqueles civilizados”. Isto não exige da fala do homem de letras, o caráter de crítica inconformada. Por isto, talvez, ainda que circunscritos a sócios letrados, os clubes da região, Palmares (1882), Gameleira (1879)³² e Escada (1877)³³, a exemplo de tantos espalhados pelo país, absorvam o reformismo que pauta as idéias da “Geração 1870”. Seus clubes são, periodicamente falando: 1º. Evidenciados no efervescente período abolicionista, entre 1882 e 1888, pois a presença de poetas constitui-se uma tradição na divulgação dos clamores de liberdade e abolição; 2º. Depois, os clubes funcionam na seqüência de tarefas republicanas, como propagadores de imagens, alegorias, símbolos e mitos públicos nacionais, que os acontecimentos de 1889 objetivam popularizar.

Repertório que o discurso ufano dos membros do Club de Palmares exalta em verso e prosa, e que o autógrafo exagerado (este que projeta o país do século XXI) bem demonstra a importância destas sociedades no trato das figuras que povoam o discurso dos autores

³⁰ Funcionava na cidade de Palmares, um Club Abolicionista (cf. Gazeta de Palmares, edição 24 de agosto de 1884) e um Club Emancipador chamado 28 de Setembro (cf. Gazeta de palmares, edição de 23 de novembro de 1884), ambos presididos por sócios fundadores do Club Litterario. Respectivamente Francisco das Chagas C. de Albuquerque e Izácio de Almeida.

³¹ Cf. nota do *ÁLBUM DE VISITAS*, escrita em 14 de março de 1894, assinada por Alcedo Marrocos.

³² *ESTATUTO DO GABINETE DE LEITURA INSTRUTIVA E RECREATIVA GAMELEIRENSE* (1878). obras raras (caixa 31). Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

³³ Tobias Barreto é precursor dos clubes na região, fundando em Escada um incipiente *club* denominado club popular de Escada (1877).

românticos, naturalistas, realistas, parnasianos e simbolistas. Desta maneira, como escrever a história do Club de Palmares? Antes de tudo, esclareça-se algo: os tropos enunciados acima – *metonímia* e *metáfora* – carregam a preocupação do manejo com o tipo de fonte documental aqui trabalhada. Ou seja, documentos onde tais figuras aparecem na forma literal, especialmente em poemas e autógrafos. Uma narrativa que pretende se aproximar daqueles autores que investem no texto de cunho literário, enquanto fonte especial de informações sobre as “possibilidades que não vingaram”, os “planos que não se concretizaram”, sobre “homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 2003, p.30). Uma história que se “despe” do sucesso e que procura entender como o homem de letras do Club de Palmares recorre ao ufanismo, mas, também, em certa medida, ao sentimento de fracasso e decepção.

Aliás, é por isto que “escrever história é uma atividade intelectual” (VEYNE, 1982, p. 43). Atividade que labuta “memórias” e “inscrições” ligadas a um *lugar* diferente da curiosidade que o investiga. Ou melhor, “por essência, a história é conhecimento mediante documentos” (VEYNE, 1982, p. 12). Um *lugar* de saberes que precisa ser conhecido por “atrativo” do passado, mas, também, por *motivações* puramente narrativas. Afinal, do mesmo modo, “a história é anedótica” (VEYNE, 1982, p.15). Cria o encontro narrativo indispensável entre a história e a literatura. Ou seja, para conhecer a escrita produzida pelos sócios do Club torna-se metodologicamente importante *narrar* suas pegadas nos limites da “ilha de letrados” – entre livros, charutos e licores – extravasados na direção do cotidiano *orbe et urbe* de ruas, jornais, botequins e cafés. Novas sociabilidades que exigem “deslocar” do passado um lugar de produção de textos revirados do mofo e letras desbotadas, para o *cursor* da tela do computador(cumprir-se os prazos da Universidade!). Processo que vai urdindo certa trama sobre discursos e ações de natureza pública, política e literária e, também, privada e diletante(compromisso e deleite do autor da dissertação!). Intertexto dos que escrevem suas impressões sobre o Club, a cidade e o mundo.

Textos de toda natureza, como esta *advinha* publicada no *Echo de Palmares*, em 1884, que pergunta: “Qual a letra que usam os carpintas e advoga? Responde: – ‘L’ trado!”. Na brincadeira das palavras, os carpinteiros usam a verruma (trado); e o letrado advoga, domina as letras e os códigos. Eis sem dúvida outra auto-imagem. E, também, a chave da diferença: o carpinteiro não precisa de instrução. Basta-lhe o trado. A “ilha” é, por isto, visitada como um *lugar* escriturado pelo homem que é poeta, prosador e cronista, que na maioria das vezes, tratando-se do século XIX, é também um advogado.

Daí, considerando os poucos fragmentos de registro formal, atas, correspondências oficiais ou memorandos administrativos disponíveis sobre o Club, é bastante rica sua presença nos periódicos locais, onde aparecem alguns avisos e comunicados de atividades, etc. Contudo, a fonte mais abundante e preciosa de seus registros é literalmente *poética*. Aliás, tal memória caligráfica, diversa no bico de pena e no uso das primeiras canetas, mostra a mesma passagem do campo de produção erudito para o campo de produção industrial da cultura. A escrita se apresenta, até 1898, um desenho de letras cursivas e estilizadas; a partir de 1900, escorrega livre; aqui e acolá se borra e retoma, sem esmero, um português mais coloquial, menos rutilante e, também, mais desconfiado, conforme a nota abaixo ilustra, demonstrando que o ufanismo muitas vezes dá lugar ao desencanto e à frustração com a vida moderna:

Numa época em que a educação brasileira sofre terríveis embates de uma direção que nada se recomenda, conferindo títulos a jovens inteiramente neófitos nas ciências (...) sente-se o coração trepidar de verdadeiro prazer somente em transpor o limiar de uma biblioteca bem organizada, que institui por si um primeiro passo para instrução e conseqüentemente para o processo das leis (...) principal motor do engrandecimento do nosso idolatrado Brasil³⁴.

Assim, a metonímia recolhida nos textos de Werneck Sodré e Murilo de Carvalho, se encarrega de uma transnomação de conteúdo (ilha por letrados) e as metáforas diletantes do *Álbum* (“corifeus”, “modernos” e “ufanos”) constituem a tentativa de recolher e atravessar o tropo discursivo dos sócios que escrevem sobre modernidade, instrução, ciência, progresso, livros e literatura. Linguagem desenvolvida na experiência de novas sociabilidades: freqüentar salões e cafés literários; participar de clubes beneméritos e recreativos, bibliotecas e instituições ligadas à difusão de livros e periódicos; discursar em tertúlias e ouvir recitais que proclamam o *heroísmo* dos poucos letrados na “cruzada” pela difusão das *letras*, como anuncia o discurso proferido na sessão solene de inauguração da Biblioteca do Club, em 1882:

As duas bases que sustentam o perene alicerce da geração atual: ciência e liberdade! O Clube Literário vem dar um passo que se dirige à grande apoteose que o futuro lhe destina (...) A fundação de uma Biblioteca, esta fonte miraculosa onde se mata a sede de instrução, é a semelhança mais perfeita da imagem que se ergue na imaginação do progresso³⁵.

Eis, assim, a importância letrada nas relações sociais que marcam o período. Os letrados recorrem a modelos inspirados no *repertório* europeu, formado nos episódios ligados à Ilustração e às modulações liberais presentes no aparecimento das primeiras formas de

³⁴ Cf. *ÁLBUM DE VISITAS*. Nota escrita em 14 de agosto de 1901.

³⁵ Cf. *Diário de Pernambuco*, edição de 05 de outubro de 1882.

contestação civil e artística, que emergem no final do século XVIII, constituindo-se um *repertório* que modernamente inspira movimentos sociais e intelectuais em vários países europeus e não-europeus. Entenda-se, deste modo, o conceito *repertório* aqui utilizado:

Conjunto de recursos intelectuais, disponível numa dada sociedade em certo tempo. É composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas. (SWINDLER, 1986, apud. ALONSO, 2002).

Conceito que se expande na figura de um *repertório* de contestação à ordem, considerando argumentos formulados por Tilly (1993), ao definir *discurso* e *ação* como dimensões construídas nas performances coletivas que os movimentos sociais colocam em redes de disputas, reivindicação e resistência.

Repertórios são criações culturais aprendidas, mas elas não descendem de uma filosofia abstrata ou ganham forma como resultado de propaganda política; eles emergem da luta. [...]. Repertórios de ação coletiva designam não performances individuais, mas meios de interação entre pares ou grandes conjuntos de atores. [...] um conjunto limitado de esquemas que são aprendidos, compartilhados e postos em prática através de um processo relativamente deliberado de escolha. (TILLY, 1993, apud. ALONSO, 2002).

Posição importante quando se estuda um clube. Um coletivo que, inclusive, atua numa *rede* plural e extensa de indivíduos e instituições ligadas pela insígnia do letramento³⁶. Pode-se intuir que a epígrafe de 1888, aquela que afirma deliberadamente serem os letrados uns “modernos”, sai deste *repertório* que “funciona como uma caixa de ferramenta” (*tool kit*). Pista sociológica que desperta outro importante aspecto do Club. Uma experiência de trinta anos configurada numa espécie de “cruzada” reivindicatória: elevar a instrução do povo. Discurso propagado por muitas cidades brasileiras carentes de escolas e professores, onde os clubes de letras são criados, apesar das dificuldades, sob o peso de uma contradição: o espaço privado (o salão literário) procura suprir benemeritamente a ausência do poder público, na medida em que improvisa salas de alfabetização; promove cursos para jovens pobres e “talentosos” e, principalmente, abre para *visitação* o acervo de sua biblioteca privada.

A história do Club está, por isto mesmo, evidenciada numa ampla *rede* de conexões entre a *urbe* e o mundo “civilizado”. Seus letrados, impressos e idéias circulam e garantem o destaque social da iniciativa elitista de propagar as *letras*, num cotidiano amplamente marcado pelo iletramento. E, também, pela desvalorização do trabalho intelectual e toda gama

³⁶ Cf. Marcuschi (2001, p. 21) letramento “é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, *letramentos*”.

de discriminação formada à custa de séculos de escravidão, monopólio colonial e autoritarismo religioso, patronal, familiar e estatal que desvalorizam historicamente uma educação destinada à cidadania.

Os letrados funcionam na comunidade brasileira de final de século, também como herdeiros das tradições, costumes e símbolos de um *repertório* histórico-nacional que necessita de *escrituração* e de leitores. Ou seja, forjar-se enquanto literatura em temas próprios e estilo.

É na Literatura que se junta a cultura de um país, todas as tradições do seu passado que é a sua história, o desenvolvimento de suas ciências e artes: uma terra sem tradição não tem direito ao convívio entre os povos civilizados³⁷.

O homem de letras é, por isto, um símbolo moderno da tarefa política, educacional, literária e jornalística: advoga construir uma tradição nacional e impregnar o povo de símbolos e cerimoniais civilizados. Seu arrebatado apelo à instrução investe-o num polivalente *corifeu*, atuante em muitas frentes. É bom lembrar que o letrado ergue as fronteiras de uma *cidade letrada*, cercada por uma vastidão iletrada, atinada às tradições antigas da oralidade. Porém, procura atuar na totalidade que configura a “*cidade real*” (RAMA, 1988). Uma arena de disputas sociais e choques entre o cotidiano das letras e a ação política. Entre *fundir* a herança da oralidade e a premente necessidade da escrita.

O letrado é, por tudo, um receptor do “murmúrio da sociedade”. Mais que um intelectual, como se passa a denominar no século XX, é um agente criador de fórmulas prontas sobre *progresso* e *civilização*. Sua história passa pelo Club de Palmares claramente nestes melindres acentuados pela presença de escritos, que ajudam entender sua exibição num espaço urbano em formação, historicamente rural, escravocrata e iletrado. Assim, eis a pretendida seqüência de três tópicos que relacionam a história e a literatura presentes no Club de Palmares: *História e Metonímia: a ilha de letrados*; *O Repertório do Club*; e *As Metáforas da Inauguração*. Tópicos que buscam analisar o discurso do famoso *Álbum* e alguns artigos publicados em jornais da época. Fato que inspira a tese defendida de que o Club de Palmares possibilita, no espaço local, a invenção e o *consumo* de novas sociabilidades típicas da modernidade.

³⁷ Cf. *ÁLBUM DE VISITAS*. Nota escrita em 29 de julho de 1903.

2.1. HISTÓRIA E METONÍMIA: A ILHA DE LETRADOS

Não há mais dúvidas, o Club é uma “ilha de letrados”. Um recorte temporal e espacial intercambiando o discurso que se expande em nome do progresso. A Europa e, principalmente, a França é sua distância preferida. Epicentro de onde recebe e manda *embarcações*, no intuito de aproximar a vida local do “melhor” da civilização moderna. Assim, acontece aos poucos a morte da metonímia: o Club não é somente uma “ilha”. Pois, ao rogar tal *semelhança*, logo depois, nega sua própria urdidura. Afinal, durante a narrativa, “o nome que designa a parte de uma coisa” é depois, pelo efeito da totalidade do discurso, “tomado por toda a coisa” (WHITE, 2001, p. 276). Trocadilho lingüístico à parte, a história do Club extrapola suas fronteiras e descobre que *nenhuma ilha é uma ilha*, como traduz o título de Ginzburg (2005), recorrendo à negação pela imagem poética que desperta isolamento, solidão e mistério; no entanto, numa postura *não insular*, logo prospera no intercâmbio, na troca de signos de encontros e descobertas.

Eis, assim, a perfeita paráfrase do verso de John Donne (1572-1623): “nenhum homem é uma ilha”. O que bem cabe dizer, o Club de Palmares é parte do grande *continente* que o processo civilizatório expande pelos espaços urbanos:

Nenhum homem é uma ilha, sozinho em si mesmo; cada homem é parte do continente, parte do todo; se um seixo for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se fosse um promontório, assim como se fosse uma parte de seus amigos ou mesmo sua.

O poeta inglês estende a Europa num efeito inverso àquele que dividiu os continentes. Preocupa-lhe perder “pedaços” e “promontórios”, rogando que os “amigos” mantenham os laços e a fraternidade com a Europa-mãe. Mas, logo, abre mão da metonímia por uma sinédoque (tropo que se funda na relação de compreensão e consiste no uso do todo pela parte, do plural pelo singular, do gênero pela espécie). Como um bom cristão que carrega o “não-dito” da disciplina religiosa: nenhum homem é uma ilha, porque intui que todo homem convertido é potencialmente uma Europa cristianizada e civilizada. Analogia do letrado do Club de Palmares, que “silencia” no discurso a presença do iletrado, acreditando que a *instrução* reverterá em forma de progresso gradativo e universal o “infortúnio” de não saber ler e escrever.

Mito civilizatório retomado no “século da história” quando novas disciplinas surgem proclamando os novos territórios da linguagem acadêmica. Agora revestida na autoridade da sinédoque (o todo pela parte; o gênero pela espécie) que a ciência moderna entabula e classifica, separa e segrega. Novos territórios, disciplinas e linguagens (FOUCAULT, 1981) que as metáforas visitam para principalmente *etnografar* e escriturar pessoas, palavras e coisas. Foucault faz uma sintonia mais fina que Benjamin e Bourdieu, quando no território da linguagem encontra os motivos responsáveis pela mutação oitocentista do saber erudito, da autoridade canonizada pela erudição, pela porosidade e capilaridade de múltiplos saberes que a modernidade coloca em jogo.

Eis a história que começa na distante terra atracada pelo navio *Beagle*, onde Charles Darwin formula a teoria da evolução das espécies, numa paisagem promissora para se ultrapassar a *idade teológica* e ufanar-se do cientificismo e do materialismo que surtam as academias e os intelectuais eruditos do século XIX. Eis, também, o primado positivista de August Comte, Littré e Renan que tanto anima os letrados do Club, neste “atrasado” lugar inculto, como se fosse um laboratório a céu aberto para testar a civilização e soerguê-la abaixo do Equador, apesar do clima quente, da sensualidade exuberante e indolência de um gentil miscigenado e exótico.

Questão que Ventura (1991) discute quando observa “a disputa do novo mundo” na argumentação dos intelectuais europeus do século XVIII³⁸, envolvendo uma “teoria geral do clima” para explicar pretensa “civilização” formada pelos conquistadores e seus conquistados. O clima tropical aparece como responsável pela apatia, pela preguiça e covardia de seus habitantes, mas, também, pela escravidão, pelo despotismo, pela sensualidade exacerbada. Porém, no século XIX, sob as asas do “conceito *evolutivo* de história”, que trouxe a “*temporalização* das estruturas de conhecimento” (VENTURA, 1991, p. 28) a “teoria geral do clima” é substituída pela investigação das *diferenças evolutivas*, baseada nos estudos científicos de Lamarck (a ação positiva do meio) e de Darwin (a variação espontânea do caráter). Daí por diante, o positivismo e o darwinismo passam à condição de fontes privilegiadas de explicação da “civilização” tropical, inspirando uma delgada *rede* de letrados brasileiros seduzidos pelas teorias científicas, que lhes parecem carregar a chave que tanto concilia *mistura de raças e clima*, abrindo finalmente o caminho para a concretização de um estilo verdadeiramente nacional – debate que envolve, por exemplo, a crítica literária da época formulada por Silvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo.

³⁸ O exemplo de Montesquieu, Buffon e Voltaire. Cf. VENTURA, op. cit., p.18.

Este deslocamento pendular do olhar intelectual das *regras fixas* da Ilustração para as *evolutivas* do Positivismo representa a “mutação” sofrida na cultura ocidental, que se vê resvalar nos modelos literários, filosóficos e científicos desenvolvidos na segunda metade do século. Uma cisão entre a história dos civilizados e a etnografia dos povos desprovidos de escrita é seu clímax. Situação que remete o *Outro* à explicação da linguagem culta e letrada, modificada num aspecto central: ocorre agora a “transcrição” do selvagem para um modelo explicativo de “apreensão conjunta” entre as partes e o todo. Ou seja, os letrados da época apuram o olhar nas sendas que justificam o Imperialismo. Se não o fazem deliberadamente, terminam por escriturar o debate em torno das questões étnicas, escamoteando a realidade, numa abordagem de discursos científicos na forma e no conteúdo: O “clima quente” dá lugar à “evolução”. Um esquadrinhado *sistema* científico universal, que não abre mão do literato, do filósofo e do cientista na justificação das aptidões modernas dos homens mais adaptados e evoluídos. Estes formam um *club* na ilha britânica ou um *salon* na Paris da *belle époque*, para exortar as fantasias sobre os trópicos e vê-los como classificáveis em algum sistema histórico natural coerente. Digam as borboletas empalhadas sobre um veludo escuro e os versos que pulam dos monóculos embasados nos cafés e confeitarias.

Prosperidade dos discursos escritos sobre assuntos taxonômicos diversos, que procuram classificar os “tipos”, como exemplarmente faz a coluna de humor “Galhofa”, publicada no jornal *Novo Echo*³⁹, em fevereiro de 1895: “O namoro”... “Observações psicológico-cosmopolitas de um turista: a italiana namora, por temperamento; a holandesa, por prazer; a inglesa, por higiene (...) a crioula, por intimidade (...) a brasileira, por curiosidade”. Descontado o humor, fica a preocupação do discurso moderno, sua diversidade, entrecruzamentos e interpenetrações que são *textualidades* por que são práticas. Ação de gente de carne e osso, envolvida com preconceitos e estranhamentos que aparecem agora na escrituração, mais próximos ainda da oralidade e das circunstâncias ordinárias da vida cotidiana. Por isto, é bom não esquecer: o Club que é destinado a leitores, também abriga seus escritores.

³⁹ Edição de fevereiro de 1895, localizados na cx. E – 2 v. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

2.1.1. A “ilha” é escriturada

O Club de Palmares é a excitação de que literatos europeus assistem em outras cores de aventura e exílio. Os sócios do Club lêem as “viagens” exóticas de quando editaram Baudelaire e seus poemas modernos “deflorando” ilhas desconhecidas da cartografia ocidental, depois de *flanar* a moderna Paris. Símbolos que podem muito bem ser rogados na estrofe inicial do soneto “*a uma dama crioula*”. Uma senhora nomeada sob os olhos da civilização interessada por países e nativos estranhos, que o poeta não consegue disfarçar sobre o “dossel” de intenções sensuais, inferindo sutilmente que um homem terminou de conhecer uma mulher negra de “encanto ignorado”, interessada por “intimidades”. Senhora curiosa a respeito da civilização, que o poeta pretensamente carrega:

No país perfumado, a um sol de fogo e pena,
Conheci sob dossel de árvores purpurado
E de palmas de onde o ócio ao nosso olhar acena,
Uma dama crioula de encanto ignorado.⁴⁰

O mesmo estranhamento que Daniel Defoe inventou nos domínios da prosa. O *book club* de Palmares, também lê o metafórico *Robinson Crusoe*⁴¹, herói da odisséia moderna e dos novíssimos navegadores ousados. *Crusoe*, mesmo perdido, deseja estabelecer a civilização no limite “ignorado” e distante de uma ilha tropical. E, por isto, não se refuta fabricar um guarda-chuva para caminhar como faz um aristocrata nas ruas de Paris ou Londres:

Havia já algum tempo que vinha pensando em fazer um guarda-chuva, que me defendesse do sol e do mau tempo. (...) Essa tarefa, contudo, foi deveras custosa, e só depois de muito tempo e muita paciência, consegui terminar um. Mas, ai! Era muito fácil tê-lo armado, mas não havia meios de fechá-lo, de modo que devia trazê-lo sempre aberto sobre a cabeça. Afinal, depois de muito custo, consegui fabricar outro, que não ficou nada mau e que correspondia às minhas necessidades. Podia, então, enfrentar o sol e as chuvas. Abria e fechava muito gostosamente, de modo que, com grande orgulho, a passeio, quando dele não precisava, metia-o debaixo do braço, ou, então, com ademanos, ia floreando-o, como um perfeito aristocrata.

Fragmento de onde se deslocam duas falas contemporâneas. Intertextualidades que assentam os letrados do Club de Palmares às demandas transculturais já percebidas: Edward Said (1995) – o *Outro* é a distância que precisa ser investigada, textualizada, subordinada e integrada, em nome das tradições, cuja comparação se vê estampada no protótipo do romance

⁴⁰ Cf. BAUDELAIRE, Charles. **Flores do Mal**. Editor Martin Claret, 2002.

⁴¹ Cf. DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Virtual books, 2000, p. 35 e 36.

moderno europeu: Robinson Crusoe, aquele que “cria para si mesmo um *feudo* numa distante ilha não europeia” – e, Michel de Certeau (1994): o “espaço” virgem por onde caminha Crusoe, tanto no diário que escritura, no guarda-chuva que fabrica a bem da civilização que pretende “por em ordem”, na tentativa de superar o naufrágio. Missão tranqüila, até se deparar com uma surpresa: as pegadas de um nativo na praia inculta, incivilizada e agora desvirginada e perigosa.

Deduz-se, “o *Outro*, aqui, não constitui um sistema que se acharia escondido sob aquilo que o *náufrago* escreve” (CERTEAU, 1994, p. 248). Ora “a ilha não é um palimpsesto” aonde a história vai aos poucos se revelando camada a camada. A “ilha” é um *lugar praticado* neste encontro entre o Crusoe letrado (aquele que lê e escreve; homem do *progresso*) e o batizado Sexta-Feira (o iletrado; aquele da oralidade; homem do *passado*). A ilha é a mesma; porém, é como se começasse noutra substância capaz de mediar as distâncias e os estranhamentos do mundo.

O Club demanda, inevitavelmente, este *encontro* entre seus letrados e a gama de analfabetos da cidade, assumindo a promoção pública da *leitura* como um valor social. Uma insígnia que inicia a história *pública* da cidade nas artes de fazer *ler* e *escrever*. Por exemplo, no espaço urbano, o centro comercial é *escriturado* em pôsteres, placas, avisos, bilhetes de viagem, jornais e propagandas cada vez mais insinuantes e corriqueiras. O cartório, o mercado, o correio, a igreja, a prefeitura, a escola, todos se codificam, se *inscrevem* e *escrevem* textos que transbordam seus lugares, deslocados para o papel impresso. É comum recorrer agora aos *órgãos noticiosos* da cidade e evocar a condição moderna de *falar* ao leitor anônimo. Porém, a questão moderna não é mais somente nomear; dar nome as pessoas, situações e objetos; é, também, dominar a enunciação. Comunicar um destino, um percurso que exige acesso, portanto, transforma-se em poder. O que para Giddens (2002) é o efeito midiático da modernidade: “a instrução de eventos distantes na consciência cotidiana”. Poder moderno de quem *escritura* a cultura, que aparece nesta verdadeira “operação de caça” (CERTEAU, 1994) onde o leitor é envolvido toda hora na dependência crescente por textos *ordinários*.

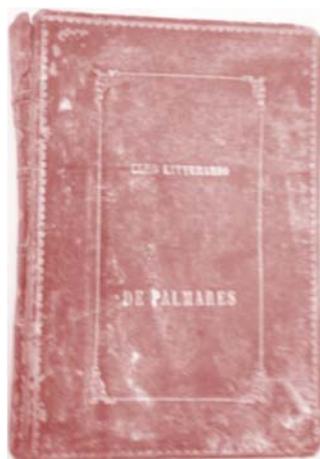


FIGURA 1: *Álbum de Visitas do Club Litterario de Palmares (1882 – 1910).*

O citado *Álbum* demonstra exatamente isto. Os versos de alguns de seus visitantes, claramente, aparecem grafados para leitura silenciosa posterior. Astúcia de quem escreve premido pela oralidade:

Não sou, linda terra, algum Poeta / Trovador ainda menos / Se essa filha dos céus, a Poesia / deusa ou fada de fecunda fantasia me declarar... /A lira que ganho nessa ora é para tecer-te uma canção sincera, pura/ Com prazer, dedicação e sem mais demora⁴².

O poema “declara” o poder de nomear “com dedicação” a poesia e a cidade. Uma para outra, ao destacar, na dedicatória do Club, o heroísmo de seus sócios em manter na pequena comunidade, espremida pelas tradições e costumes rurais iletrados, uma biblioteca que abriga os elevados “espíritos” da cultura moderna. Nuança muito bem reproduzida em prosa acadêmica, nesta dedicatória escrita por Clóvis Bevilácqua:

Faço os votos mais sinceros para que a biblioteca de Palmares prospere de mais em mais, jorrando sobre a cabeça do povo as torrentes de luz e vida que recebem do alto os grandes espíritos, cujas obras aqui acharam abrigo⁴³.

Os “grandes espíritos” observados pelo jovem Bevilácqua são os autores que conectam o mundo civilizado. Aliás, várias notas sobre o movimento de doações e retiradas de livros da Biblioteca, durante os meses de novembro e dezembro do ano de 1882,

⁴² Jorge Grassiano de Araújo, registrado no *ÁLBUM DE VISITAS*, em 13 de agosto de 1883.

⁴³ Nota do *ÁLBUM DE VISITAS* datada de 26 de novembro de 1886.

publicadas no Diário de Pernambuco⁴⁴, demonstram que os sócios acessaram Darwin, Comte, Baudelaire e Defoe, montando um “acervo com o índice de ilustres pensadores e literatos modernos”.

A própria necessidade de informar o movimento da Biblioteca, em jornal de grande circulação, assevera o que diz François Furet: “a modernização, a modernidade é a escritura”. O fato de publicar nota sobre a doação de livros, destacando o nome de seus doadores, autores e títulos doados, demonstra a importância de se associar a um *book club*. Estatutariamente, uma das condições para sócio benemérito, é doar uma coleção à biblioteca, permitindo um perfil da leitura pelos sócios e o acervo usado pelos leitores.

2.1.2. A “ilha” é impressa em papel

O herói moderno, o homem de letras, que circula entre Sexta-Feira e a Dama Crioula (de olhar desconfiado e flor branca enfeitando o cabelo, como no quadro de 1892 do pintor Gauguin), para chegar à biblioteca do Club atravessa lugares cheios de pobres, pretos e iletrados; recebe olhares desconfiados e, também, desconfia. Porém, percebe a “flor” como um símbolo para *escrever* em verso e prosa, ao lembrar-se de alguma situação sensível colhida de um romance sobre os trópicos que leu recentemente. É que se desenvolve no Brasil do século XIX, entre os letrados, “um apego quase bizantino aos livros” (HOLANDA, 1995:163) que outra nota do *Álbum* muito bem ilustra:

O livro é o talismã, o abracadabra da humanidade, que faz rasgar as trevas da ignorância e vão os palmareses criando esta biblioteca, preparando uma herança possante para as obras grandiosas do futuro.⁴⁵

O *heroísmo* do Club de Palmares surpreende seus visitantes. Abre o universo das idéias decantadas pela “Geração 1870”. Onde aparecem, por exemplo, importantes “corifeus” de Pernambuco: Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Silvio Romero e Martins Júnior, também incorporados às estantes da Biblioteca. Um dos visitantes ilustres registra o clima de interesse pela divulgação de impressos, relacionando ufanamente o futuro da pátria, com a presença ostensiva de livros e jornais por todos os recantos:

⁴⁴ Edições de novembro (08/11, 23/11, 28/11) e dezembro (12/12, 27/12 e 30/12) de 1882, período das primeiras doações pelos sócios beneméritos.

⁴⁵ Cf. *ÁLBUM DE VISITAS*. Nota escrita em 09 de julho de 1995.

É grato aos que olham para o futuro da Pátria encontrar abertos, a cada canto, o Jornal e o Livro. Venho achá-los aqui, na minha excursão política, vendo que eles frutificam no espírito dos palmaresenses⁴⁶.

Aliás, o *boom* de editoração de periódicos pelo interior da Província de Pernambuco, neste período, representa a importância dos impressos no intercâmbio e circulação de *idéias necessárias para afirmação das novas perspectivas sociais* vividas pelas populações urbanas do Estado⁴⁷. Por exemplo, a cidade de Palmares conta neste período (de fundação do Club) com um jornal de tiragem semanal. O *Echo de Palmares* (órgão comercial, agrícola, literário e noticioso) que muito contribui para focar as razões de aparecimento do Club e, principalmente, o cenário onde se irradiam as primeiras atividades da agremiação. Período particularmente fértil na animação de projetos modernizadores, que o *Echo* procura acompanhar, circulando as quintas-feiras e domingos, sob o lema geral de informar e entreter, divulgar a ciência e a instrução. Fato que um atinado poeta da cidade não deixa escapar, confirmado o que sintetiza o discurso do Club e que, também, os editorais do jornal evocam insistentemente:

A instrução: ei-la sorridente a despontar,
Com as densas trevas dissipando.
Largos horizontes vão espantando,
Os falsos preconceitos seculares.⁴⁸

Versos simples e diretos que impõem uma discussão: esclarecer que concepção de *intercâmbio* reforça esta linguagem e que contexto histórico conhece tais projetos que buscam “largos horizontes” para espantar “os falsos preconceitos seculares” concorrentes das *Luzes*, ufanamente evocadas pelos letrados. Primeiro, sabe-se, o momento é de internacionalização e expansão do capitalismo. Etapa batizada como Imperialista. A ascensão do mercado mundial à produção em larga escala e consumo em massa, com efeitos sobre a vida urbana e uma crescente divisão social do trabalho, refletindo conseqüentemente na aceleração do cotidiano e na exigência de modernização do espaço, sua escrituração e normatização jurídico-institucional. Também, na ampliação do repertório técnico-científico, criando novos processos de intercâmbio e circulação culturais mais ágeis e dinâmicas, onde a imprensa e sua linguagem é um fato incontestável.

⁴⁶ Idem, nota escrita em 01 de julho de 1895, por Demetrio Simões.

⁴⁷ Para uma história da Imprensa pernambucana, consultar: NASCIMENTO, Luis do. **História da Imprensa de Pernambuco**, vol. I, Recife: Imprensa Universitária, 1968.

⁴⁸ Versos de Pedro Afonso de Melo sócio do Club (17 de novembro de 1883).

Novas *forças produtivas* e formas de viver imbricadas num vórtice que movimenta e expande os interesses da Europa Ocidental por todos os quadrantes do planeta, em nome do progresso científico e do processo civilizador, inclusive, na direção do “atrasado” Império brasileiro de final de século. País que no período de vinte e cinco anos, entre 1888 e 1914, quadruplica o volume de empréstimos de capitais junto a bancos ingleses (SEVCENKO, 2003, p. 63) na tentativa de garantir inserção no seio das nações “progressistas”, expandindo a malha ferroviária, equipando portos e serviços comerciais para exportar principalmente café, açúcar, cacau e borracha. Espiral que influencia o espaço interno, arrastando para o interior do país novas demandas de mercado e institucionalização político-administrativa.

O estudo do Club de Palmares pressupõe um conceito de cultura vinculado à experiência social e uma metodologia capaz de narrar o *repertório* de seus protagonistas. Quando o Club é impresso em papel possibilita o aparecimento da imprensa local. Fonte que amplia e muito a leitura do repertório de *lugares, práticas e textos* envolvidos na trajetória da sociedade de letras, possibilitando o olhar multiforme que o estudo social da cultura exige.

2.2. O REPERTÓRIO DO CLUB

A locomotiva imperialista abre caminhos de pensamento. A paisagem de canaviais e bananeiras se modifica e o novo transporte de homens, coisas e idéias simboliza a chegada do progresso. Deste modo, o século expande pelo mundo uma multiplicidade de objetos econômicos, políticos e culturais, conquistando muitas áreas da costa tropical do Atlântico Sul⁴⁹. A antropologia cultural explica, por exemplo, que este *modelo civilizatório* europeu avança *pari passu* um arsenal de tradições, concepções, valores e etiquetas metropolitanas. Aquelas impostas pelos antigos parâmetros de colonização mercantil, acrescidas agora de um *repertório* onde se reconfigura e se destaca a idéia de civilização do progresso e da ciência:

Os evolucionistas sociais acreditavam possuir critérios científicos que lhes permitiam ordenar as sociedades num gradiente de menos a mais civilizadas. Não é de surpreender que classificassem as sociedades não ocidentais como as menos civilizadas, por comparação com as ocidentais, que não só eram as mais civilizadas,

⁴⁹ A história econômica registra, por exemplo, entre os anos 1890 e 1913, que 40 bilhões de marcos foram investidos *de novo* em linhas férreas nos países “independentes” da Ásia e da América Latina. Duzentos mil quilômetros de novas ferrovias foram implantados.

mas também, convenientemente, produziam os estudiosos que desenvolviam essas classificações. (MAYBURY-LEWIS, 2002, p.17)

Um processo que se irradia da ampla relação entre *cultura* e *império*. Algo mais elaborado que pensar somente em letrados imitativos, alheios às coisas locais, cercados por iletrados ignorantes, não civilizados. Ou, ainda, no fato do Brasil, na passagem de século, está submetido à camisa-de-força da transplantação cultural européia. Por outro lado, interessa o ponto de vista metodológico de Edward Said (1995) que considera este momento de intensa atividade imperialista, correspondente também à busca de *identidades* (nação, tradição, cultura). Ou melhor, o processo de “imitar” e “criar” na civilização não se encontram puros. E, também, as culturas jamais se encontram acima ou abaixo: “o que costuma circular não é ‘verdade’, mas representação” (SAID, 1990, p.33). Perspectiva da cultura exteriorizada em centena de milhares de *textos*.

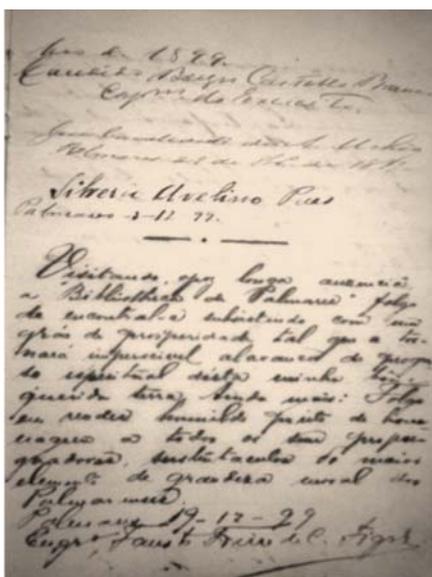


FIGURA 2: A importância atribuída à Biblioteca de Palmares é verificada nos autógrafos de seus visitantes, como este deixado pelo engenheiro Fausto Freire, em 1899.

O Club lhes garante, assim, um espaço de produção textual e vida pública. O ânimo civilizatório que mobiliza as décadas batizadas *belle époque* e o contato com as sociabilidades dos famosos cafés literários. A fluidez das conversas intermináveis sobre as novidades da ciência e da técnica que invadem as folhas dos jornais. Mas, também, o cotidiano e o trivial das questões locais. O rapé tirado na direção do nariz, enquanto os óculos vão para algibeira

copiada de uma revista de moda inglesa. Ou o anúncio de um retratista afamado que chega da capital.

É por isto, inclusive, pela variabilidade do conteúdo letrado e pela montagem de um *lugar* de vivência entre pares alfabetizados interessados na leitura de livros e jornais, que o conceito *repertório* é fartamente utilizado aqui. Afinal, há uma *aprendizagem* no fato dos sócios do Club lidarem com um material *mimético* inventado no confronto com as condições locais de vida. Pois, até chegar ao salão requintado do Club, certamente atravessam-se ruas de terra batida ou irregular – “porque forradas com cascalho” – e um tropel de carroças puxadas por cavalos e bois. O Club apresenta-se, assim, um refúgio contra o atraso material da cidade.

2.2.1. Os ecos da Belle Époque

Belle époque. Momento da *cultura afirmativa*, burguesa, cujo problema de fundo se encontra – no âmbito nacional – na relação entre cultura e sociedade. Ou seja, o “sentimento geral” de decadência e esgotamento presente nos grandes aglomerados urbanos do *Velho Mundo*, a exemplo da Paris de *final de século*, mobilizada pela efervescência artística e boêmia que inspira cidades mundo afora, inclusive o Rio de Janeiro e o Recife.

Primeiro, da França, um símbolo moderno do urbanismo parisiense: “o asfalto encontra sua aplicação nos passeios” (BENJAMIN, 1989, p.199). E “com o tráfego das ruas a crescer permanentemente é, afinal, graças apenas à macadamização das ruas (*asfalto comprimido*) que se podia conversar nos terraços de suas calçadas sem precisar gritar nos ouvidos uns dos outros” (BENJAMIN, 1989, p.190). Os famosos cafés de Paris são imitados por muitas cidades latinas que desejam inscrever-se na rota do embelezamento das ruas centrais. Outro motivo de *afirmação* burguesa, para exatamente valorizar as vitrines das lojas e as fachadas comerciais, os passeios precisam de higiene e conforto. Assim, a aceleração da vida moderna cotidiana instaura-se.

A vida pública e a vida privada são submetidas a novos processos cognitivos e práticos. Um cenário cujo cerne motivador é a *invenção*, a *novidade* e o *domínio* do homem sobre a natureza. Neste processo, a sociedade sofre o *desencaixe* entre o “necessário” da vida material e o “belo” da alma enfadada, cansada das promessas de utilitarismo e igualdade. O

sintoma é o contraste, o sentimento de decadência e sua reversão imaginária no reencontro com a *origem*. É nesta época, que o medievalismo assume um papel de destaque entre os intelectuais europeus. *Origem* que escapa também pela jornada por lugares exóticos, espalhando o maravilhoso “invento” europeu, mas, na distância, explora a seiva da aventura, do exotismo e da sensualidade de outras gentes, lugares e costumes distantes, que movimentam a imaginação da *Belle Époque* nos trópicos.

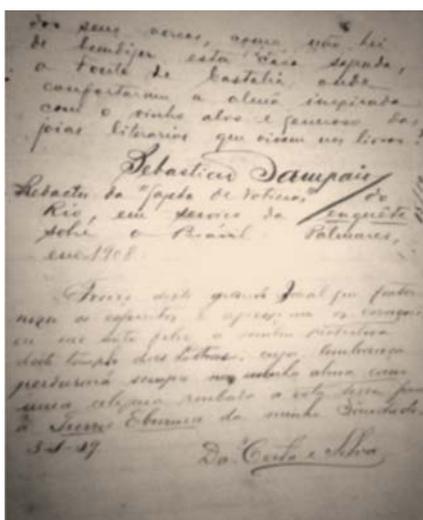


FIGURA 3: No retorno de viagem, muitos palmarenses deixavam sua mensagem louvando o progresso da cidade e da biblioteca, como narram estes autógrafos de 1909.

A citação proposital de *Robinson Crusoe* segue este percurso e demonstra a metáfora que o progresso “europeu” constrói para si ao universalizar seus valores como *civilização* para todos os lugares da Terra. Fazendo um jogo de espelhos: ao narrar o *Outro* cria para este a imagem de cultura exótica, incivilizada e, no mesmo movimento, uma auto-imagem de cultura e civilização avançadas. Teoria que Said (1995) sustenta no livro *Cultura e Imperialismo*.

Segundo, da cidade de Palmares, um interessante registro do Club – *lugar* privilegiado entre os “civilizados” – que busca especialmente romper, pela ótica europeia, o atraso e atingir o altar da civilização que “sacrifica” os letrados à ciência, comparando-os à religiosa devoção dos exóticos Árabes:

O beduíno errante, depois de atravessar o Saara ardente, após a luta ingente contra o deserto, não deixa de ir à Meca Santa entoar os hinos consagrados a Alá; assim também eu, peregrino, que chego de longe, venho aqui, como crente árabe, ajoelhar ante este vosso grandioso Templo, onde se sacrifica à ciência e ficais certos de que, ao regressar levarei o rosto voltado para vos religiosamente.⁵⁰

É também assim que a “civilização” *belle époque* desbrava desertos, florestas densas, montanhas imagináveis, geleiras colossais, anexando-as aos *templos* modernos da ciência, da arte e da literatura. Surgem suas famosas sociedades científicas, academias, gabinetes e clubes que selecionam, entabulam e classificam tudo (CHARTIER, 1999) e que difundem este tipo de discurso “científico”. Tropos retirados da natureza “selvagem” e do “selvagem” para afirmar os interesses acadêmicos e toda imensa tela de coisas exóticas e sensuais que o universalismo e o naturalismo trazem perto da Europa, sob o olhar atento da imprensa que a tudo transforma em espetáculo. Apelos de opinião pública que terminam em pura escrituração: “a hora do absinto é a conseqüência lógica dos ecos de Paris e da crônica” (BENJAMIN, 1989:204). Bebida cor verde que acompanha o hedonismo parisiense, logo após inspecionar borboletas empalhadas numa tela de veludo. Roteiro que o letrado do Club de Palmares lê como se fosse um eco da distante Cidade das Luzes.

A *belle époque* representa deste modo, um momento da história recente das relações entre culturas, distâncias e estranhamentos que, se não estão no centro das explicações sobre a modernidade, perpassam a literatura, a arte e a imprensa que irradiam pelo mundo a *cultura afirmativa* burguesa. Repertório que seduz os letrados das antigas colônias européias à afirmação de novas sociabilidades, cuja produção de textos torna-se sinônimo de vida moderna e mediação da experiência urbana.

2.2.2. Afirmando asfaltos, afirmando saberes

Este conceito de *cultura afirmativa* também está diretamente relacionado com as análises que elevam as visões de mundo da burguesia à condição de categorias universais; cindindo-se os conceitos de cultura e civilização; implicando novos valores morais e estéticos

⁵⁰ Gaspar Guimarães, em 08 de fevereiro de 1896. Nota extraída do ÁLBUM DE VISITAS.

de produção e consumo que recepcionam, celebram e exaltam a universalidade da cultura eurocêntrica e seus novos protocolos de necessidade, beleza, produção e consumo:

Na época burguesa a teoria da relação entre o necessário e o belo, entre trabalho e prazer experimentou modificações decisivas. Em primeiro lugar desapareceu o modo de ver segundo o qual a ocupação com valores supremos seria apropriada como profissão por determinados setores sociais. Em seu lugar surge a tese da universalidade e validade geral da cultura. (MARCUSE, 1997, p. 94).

Resumidamente, para a burguesia do Iluminismo, a *cultura* fornece a alma à *civilização* e este conceito, antes tão dissolvido no apanágio erudito ou teológico, passa a significar o “todo da vida social”. Daí o *universalismo* constituir-se na perspectiva que, em tese, precede a idéia de modernidade e progresso. Atributos que diversas correntes de pensamento recepcionam para justificar o ponto de vista do europeu. Idéias que grassam diversos campos das atividades ditas *civilizadas* e *modernas* e que os homens de letras brasileiros assumem como tal (SCHWARCZ & SOUZA, 2000, p.15). Afinal, a percepção do contraste entre o “necessário” e o “belo”, entre o “trabalho” e o “prazer”, entre o “cotidiano” e a “história” são matérias em que se forjam os saberes (cognição) e as práticas modernas (ação); mas, também, os *lugares* e os *textos* de interpretação e auto-imagem (os discursos). Pois, desde o início, fica demonstrado aqui o vínculo indissolúvel entre *modernidade* e *escrituração*.

Eis o “asfalto”, sua beleza e conforto, que aparecem no artigo de Benjamin (1989, p.199). Metáfora que contribui para se verificar o quanto se processa, na *distância* tropical, a questão da “modernidade”. Motivo da reivindicação pública dos calçamentos e da “novidade” do asfalto comprimido, sua resultante em beleza, higiene e diminuição dos ruídos, encontrados também na pesquisa do Club de Palmares. Uma nota publicada no periódico *Echo*, em 1884, numa coluna denominada “*Artes*”⁵¹, onde o colunista, escondido no pseudônimo *Jaldime Amoaqui*, satiriza as condições das ruas do lugarejo e, de sobra, demonstra o poder de circulação das idéias e das “novidades” urbanísticas modernas, irradiadas do *repertório* europeu na direção dos trópicos, e de como estas idéias ganham as cores locais:

Não deixa de ser para a engenharia com especialidade, uma descoberta de grande importância a do calçamento “gastro sola”, introduzido na cidade de Palmares, pela real sociedade “gastro sapataria a vapor”. Superior ao macadam, do inglês Mac Adam e ao asfalto comprimido hoje usado em Paris e em algumas cidades da Suíça, ou de paralelepípedos usados no Rio de Janeiro (...), acha-se ou é o calçamento

⁵¹ Echo de Palmares, agosto / dezembro de 1884.

“gastro sola”, já pelas vantagens econômicas, e pela sua conveniência higiênica superior ao macadam, já no rolamento dos carros, na surdez produzida nas vibrações das carruagens, na beleza aparente.

Pode-se, daí, intuir a situação descrita. Primeiro, a “real sociedade gastro sapataria a vapor” que introduziu na cidade o asfalto “gastro sola” de sapato, é uma alusão ao episódio da Ferrovia Sul ter forrado algumas ruas da cidade com o cascalho utilizado na linha férrea. Segundo, as ruas são cortadas por charretes e carretas puxadas a cavalo e bois, ocasionando atritos, barulho e a inevitável lama misturando terra e esterco. A região é regularmente chuvosa e o cascalho cria buracos, mau cheiro e feiúra. Independente das afirmações, o colunista, com humor, faz a *escrituração* do espaço. Orienta e temporiza os percursos que registram o *lugar*. Ou seja, “o espaço é um *lugar* praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202) e sua *escrituração* recebe o influxo da memória: orienta e temporiza um saber e uma ação. No caso, evidentemente, um letrado propaga um discurso moderno e possibilita que a leitura do “espaço” local participe da idéia de progresso, higienização e embelezamento de ruas que as grandes cidades do mundo processam. No *Echo de Palmares*, os ecos de Paris.

A idéia de progresso deixa seu repouso tranqüilo de *representação* mimética e envereda por categorias cognitivas, e propriamente táticas. A questão passa a ser *como* a cultura se vincula à experiência, e como seus códigos se tornam socialmente compartilhados. Inclusive rompendo fronteiras culturais imensas, feito o ocorrido na simpática coluna de um pequeno jornal, numa pequena cidade da América do Sul, sobre as vantagens dos calçamentos de Paris. Exemplo das posições de Geertz (1989), onde a cultura aparece como um conjunto de códigos manejados cotidianamente pelos agentes sociais. Algo que suscita também a definição de Said (1995):

Quando emprego o termo, ele significa duas coisas em particular. Primeiro, “cultura” designa todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos (...) Em segundo lugar, e quase imperceptivelmente, a cultura é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento.

A “cultura é um documento de ação”. Ela é “pública porque o significado o é” (GEERTZ, 1989). Deste modo, enquanto *representação* (presença de uma ausência ou exibição de fato) é pragmática e identitária, pois orienta ações e comportamentos sociais diante das emergências do cotidiano e do futuro (GIDDENS, 2002). Responde à vitalidade que códigos e símbolos exigem nas atividades de interação e comunicação. Contudo, Geertz,

por sua vez, numa apreciação mais antropológica, universaliza seu conceito a partir do *autor* cognitivo, cindindo propositadamente símbolo e representação:

O conceito de cultura ao qual adiro (...) denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.

Tais posturas teóricas remetem a *cultura* para o campo da experiência, da construção e desconstrução. Afinal, também “comprovam a existência de um tráfego ininterrupto – da experiência – entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula” (GAY, 1992, p.19). Ou melhor, o colunista do *Echo de Palmares* experimenta, “participa dos objetos de interesse e da paixão; dá forma aos anseios ainda incipientes e levanta barreiras contra ansiedades ameaçadoras” (GAY, 1992, p. 19). Satiriza, informa e protege a idéia moderna de asfaltamento das ruas. Sua recepção no Club e nas várias situações daquele dia, intui-se, é experimentar que não se está tão “distante” do progresso, pelo menos no discurso de “elevado” teor de “refinamento” e bom gosto.

Aliás, esta tentativa de receber, consagrar e exaltar o *progresso* está também presente nos escritos do Club de Palmares. Um improvisado soneto deixado na sessão natalina de 24 de dezembro, daquele mesmo ano de 1883, pelo chefe dos escritórios regionais da Ferrovia Sul, chamado Celso Duperron, demonstra o quanto circula entre os letrados a idéia de evolução, ciência e progresso enquanto *leis* que se levantam contra o mal, a ignorância e o atraso nestes cantos desbravados pelos novos valores ocidentais:

Ainda bem que é tempo de acabar.
 Novas vitórias conquistando,
 Vai o mal aos poucos deliberando.
 Eis que um dia, neste caminho de findar,
 Vai o facho da ciência a difundir,
 Por sobre a ignorância em profusão,
 Há de o fim tão desejado produzir,
 Derramando sobre o povo a instrução.
 Far-se-á, sem demora, então,
 Sentir os efeitos da lei da evolução.

Mas, o que há de comum entre a notícia sobre os “asfaltos” e o soneto do chefe dos escritórios da Ferrovia Sul, sócio do Club e, quiçá, um dos responsáveis pelo cascalho “improvisado”, derramado nas ruas de acesso ao centro da cidade? Os textos trazem o mesmo diapasão das discussões feitas pela grande imprensa naquela década de 1880! Ou seja, o

decantado “progresso não é apenas um mito para pessoas respeitáveis” (GAY, 1992, p. 43). É uma promessa. Existe na intenção pública de conquistas e partilhas de seus frutos. E, acessoriamente, carrega o discurso da *instrução*, da *educação dos sentidos*, da *formação das almas*, que preocupa a minoria letrada diante da multidão de analfabetos. Lembrando, além de tudo, que o discurso da *instrução* é uma “quantidade” de elevação e refinamento. O desejo de vê “derramando” a erudição entre os letrados, todos aptos na decodificação de mensagens que chegam do Rio de Janeiro, Londres e Paris. Contudo, sabendo proteger as antigas tradições, que traçam a linha divisória entre brancos e pretos, pobres e ricos, civilizados e não civilizados.

2.2.3 O repertório e o Álbum

Para finalizar este capítulo, um olhar mais detalhado sobre o conteúdo do *Álbum de Visitas do Club* demonstra que este *repertório* de questões modernas circula na imprensa da época, numa rotina de intercâmbios culturais, cujo trânsito é avolumado exatamente porque das novas técnicas de transmissão de mensagens e impressão. O telégrafo e os cabos submarinos contribuem decisivamente para velocidade da transmissão de notícias, enquanto a imprensa diária, além de ganhar a figura das agências de notícias, industrializa suas tiragens, fazendo cair o preço dos jornais e o aumento de seu consumo, principalmente nos grandes centros urbanos. Assim, as associações literárias tornam-se, também, capazes de emitir discursos mais diversificados na direção de um público de características locais, circunscritos a núcleos urbanos pequenos, algo que contribui decisivamente na divulgação e no consumo de publicações estrangeiras e nacionais, livros e revistas em círculos cada vez mais socialmente diversificados.

Periódicos	Linha Editorial informada	Proprietários	Período de Circulação
Echo de Palmares	Publicação comercial, agrícola, literária e noticiosa.	Severino Pereira	1883 / 1884
Gazeta de Palmares	Publicação literária e noticiosa.	Guarino G. A. Silva	1884
Jornal de Palmares	Órgão de todas as classes	João Dez	1891

A Semana	Órgão literário e noticioso.	Uma associação	1892
Correio de Notícias	Periódico imparcial e noticioso.	João Baptista Wanderley	1892 / 1893
Pequeno Correio	Órgão noticioso.	Manoel Monteiro E Benigno Lagreca	1893
A Cartilha	Periódico imparcial e noticioso.	João Baptista Wanderley	1893
Novo Echo	Publicação literária e noticiosa.	Fenelon Ferreira e Fernando Griz	1894 / 1895
O Progresso	Publicação literária e noticiosa.	Fenelon Ferreira	1897 / 1900
O Correio	Semanário comercial, agrícola e noticioso, neutro em política.	J. Demetrio de Meneses	1902 / 1903
A Reação	Semanário literário e noticioso.	Vicente Maria Barreto	1903
A Idéia	Semanário literário, noticioso e independente.	Manoel Alves Bezerra	1903
O Gênio	Órgão independente.	A. Argemiro Coelho	1906
Gazeta de Palmares	Órgão literário e noticioso.	Vigário Sebastião B. A. Pessoa.	1907 / 1911

QUADRO 1: *Relação dos Periódicos editados na cidade de Palmares entre 1883 e 1911.*

O destaque maior são os jornais populares, principalmente, os milhares de periódicos de pequena tiragem. Efêmeros em duração, mas intensamente provocantes na finalidade de mobilizar opinião e credulidade, como se demonstra no caso particular do *Echo de Palmares* aqui muitas vezes citado. O *repertório* do Club é, pois, de fato, a reunião destes processos de intercâmbio e circulação entre seu programa e a imprensa local. Ele provém das questões que circulam socialmente e, ao mesmo tempo, alimenta o periodismo local. Um espaço e uma arma de mobilização política. Conclusão compartilhada com Alonso (2003, p. 276) no estudo sobre o papel da chamada “nova imprensa”.

A nova imprensa e as associações constituíam uma arena na qual os grupos da Geração 1870 podiam expressar suas opiniões sem coesão do Estado ou constrangimento social direto. Neste sentido, trata-se de uma esfera pública do mesmo gênero daquela que se estava construindo na Europa contemporânea.

O tema da *instrução*, já foi debatido, é o mais recorrente nos escritos do Club. Anima a fala e a escrita. Projeta o sentido benemérito que se deseja com a sociedade de letras, além do fato da questão está na ordem do dia da chamada “nova imprensa”. Nos últimos tempos da coroa, criou-se uma espécie de unanimidade em torno de reformas no ensino primário e superior, para aperfeiçoamento dos súditos e sua incorporação ilustrada à civilização. Com o advento da república, a instrução sofre a denúncia de suas carências, rogando-se seus efeitos patrióticos na construção de um povo ordeiro e patriótico, dono de virtudes cívicas e morais

para sentar-se no *banquete* dos povos civilizados, como aparece neste autógrafo deixado em 03 de outubro de 1903:

Deixo aqui uma única palavra expressa nesta página (...) digna de ficar na amarela folha de nosso álbum e que possa simultaneamente traduzir a admiração pelo passado, o respeito pelo presente e a presença do futuro (...) Uma única palavra – no banquete de cuja civilização só poderemos ter algum talher, trabalhando e nos organizando em instituições dessa natureza: progredir!

O mesmo *mote* que emana da fundação do Club anos atrás. Uma das metáforas que valoriza a sociedade de letras e seus letrados. O biombo que esconde a idéia de “progresso” e “civilização”, autorizando os homens de letras a exigir que ao beneplácito da instrução se *derrame* pelo povo. Um discurso que circula na imprensa e transborda o parlamento e a academia. Um discurso presente no cotidiano daqueles letrados desde o primeiro texto escrito para homenagem do Club e sua biblioteca. Um soneto parnasiano de um comerciante metido a poeta: M. G. Ferreira Mendes.

2.3. AS METÁFORAS DA INAUGURAÇÃO

A transcrição do soneto “A Biblioteca de Palmares” de Ferreira Mendes, comerciante e sócio benemérito do Club, busca compreender como o *processo civilizador* evoca a importância da iniciativa letrada e arma os discursos sobre “progresso” e “civilização”, recepcionados e difundidos pelas associações literárias oitocentistas, a exemplo de Palmares. Porém, para comentar o aporte de metáforas sobre o Club presentes no soneto, antes um breve comentário que ajuda na compreensão dos motivos que levam o poeta a exaltar a *ciência*, as *letras* e os *gênios* que as distribui na comunidade local. No sexto capítulo do livro “Olhos de Madeira. Nove Reflexões sobre a Distância” (*Estilo: inclusão e exclusão*), Carlo Ginzburg (2001, p. 139-160) apresenta o século de Ferreira Mendes como uma era de “tumultos políticos”, de “expansão européia” e de “mudanças intelectuais e sociais” bastante profundas. Uma caracterização que corrobora com os aspectos já levantados nos tópicos anteriores e que acrescenta algo mais:

Todos esses fatos transformaram radicalmente a cultura visual do público culto europeu, pondo-o em contato, direta ou indiretamente, com testemunhos de civilizações bem distantes no tempo e no espaço. (GINZBURG, 2001, p. 153).

Considerando o caminho inverso, o impacto da cultura européia sobre o público *culto* brasileiro na década de 1880, pode-se explicar as escolhas que tornam os versos de “A Biblioteca de Palmares” um exemplo de como o *repertório* europeu influencia e organiza o aporte discursivo daqueles letrados. Um texto declamado bem ao estilo parnasiano, sustentado numa gama de “imagens” objetivas que traduzem a valorização do Club, ao oferecer novos símbolos contra as adversidades de um lugar rude e iletrado. O movimento de parnasianos brasileiros inicia, aliás, no mesmo ano de 1882⁵², a divulgação desta poesia anti-romântica que busca exatamente consagrar a objetividade e o culto à forma; o ideal da *arte pela arte* e o apelo descritivo que viabiliza composições fixas como o soneto. A expressão de que por trás do *estilo* encontram-se as *doses* de exclusão que acompanham o pensamento moderno (GINZBURG, 2001), principalmente nas chamadas áreas “atrasadas” da civilização. Por isto, eis uma preciosa *fonte* sobre o comportamento dos fundadores do Club:

O fanal radiante da verdade,
Q'esclarece a razão e a consciência,
O astro fulgurante da ciência,
Q'inspira na virtude a humanidade;

As flores, que celeste amenidade...
Espargem dando à vida grata essência;
Pura filosofia que à demência
Suplanta com nobreza e majestade:

Eis que nos aparecem, primorosos,
Como gênios das lendas populares,
Oferecendo os dons mais preciosos!

Salve dia gentil... Erguendo altares
Às Letras que nos fazem venturosos,
Nós te saudamos, Terra dos Palmares!

O soneto é, assim, “deslocado” da condição de peça literária para *documento* que narra a fundação de uma biblioteca. Por isto, no que pese a apresentação de alguns poemas nos tópicos anteriores, este texto em particular tem características importantes: foi escrito em 01 de outubro de 1882, para homenagear a Biblioteca de Palmares e seus fundadores; depois recitado na sessão inaugural do Club; e, finalmente, publicado no Recife, edição do Diário de Pernambuco, em 05 de outubro de 1882. E o mais importante, é da autoria de um dos principais idealizadores do Club, responsável pela Comissão Provisória que organizou a

⁵² A publicação do livro “Fanfarras” de Teófilo Braga (1882) é considerado o marco do movimento parnasiano no Brasil.

entidade. Ou seja, carrega um conjunto de referências que o credencia como possível síntese do pensamento corrente entre a maioria dos 111 sócios fundadores. Portanto, seu “deslocamento” de um lugar *recitativo*, feito para o encanto da leitura em voz alta, exige a mediação com posições já lançadas na tentativa de explicar a manifestação da cultura na *rede* cognitiva, simbólica, material e imaterial, letrada e iletrada.

Primeiro, se a questão é tentar responder quais as intenções e apelos dos idealizadores do Club de Palmares, considerando o uso de idéias estrangeiras (para configuração de um processo civilizador inovador) é bom acrescentar, também, aspectos presentes nas análises de Elias (1996) e Bourdieu (1997) sobre o *habitus* social. Conceito sociológico importante para identificar motivos mais específicos que aqueles que o estudo geral da cultura oblitera ou generaliza. Esclarecer, assim, que o sociólogo alemão aciona o conceito *habitus* na configuração da sociedade do Antigo Regime. Enquanto o filósofo francês, numa perspectiva mais abrangente, utiliza-o para explicar o movimento de interiorização e exteriorização da cultura pelo indivíduo.

O que é importante, em ambas as posições, é considerar *cultura* um processo sócio-cognitivo, mas, também, prático e convencionalmente exibido e representado. Seja recordando aqui – *a cultura é um documento de ação*; ou – *cultura significa “elevação e refinamento”, mas também as “práticas” de uma civilização* – a coerência fica por conta da aproximação destes pensamentos, quando renunciam enxergá-la pela fixidez de estruturas econômicas, sociais ou políticas. A teoria do “terceiro nível” que Chartier (1990) também se coloca a criticar, alçando a *cultura* ao grau da importância epistemológica, narrativa e hermenêutica que manifesta no horizonte de certos estudos historiográficos.

Voltando à questão, Elias ao alegar o “*habitus* psíquico das pessoas civilizadas” esclarece que o ser social participa da civilização operando certo tipo de *economia moral*. Controle que possibilita as convenções, as proibições e os constrangimentos pelas quais os atores são submetidos em nome do mais elevado e refinado da civilização. Portanto, não se deve concluir somente o traço benemérito de Ferreira Mendes e seus amigos na criação da biblioteca do Club. Há evidentemente a intenção de participar da recepção, consagração e exaltação das idéias “de fora” e, assim, “incluir” iguais (letrados civilizados) e “excluir” os que representam o atraso e o obscurantismo, considerando que os iletrados (a maioria esmagadora das mulheres, crianças, trabalhadores pobres e escravos) são por isto devedores da diligência (agenciamento) dos *gênios populares*.

Bourdieu trabalha tal perspectiva civilizatória, porém, informa que o *habitus* é antes de tudo uma *capacidade mediadora* entre o modo como a sociedade está depositada nas pessoas e de como estas lidam com o dinamismo do “meio social”. Lugar onde se confrontam o senso comum, o indivíduo e a sociedade. O que faz os versos de Ferreira Mendes repetir o mesmo eco das palavras de parnasianos consagrados, como Teófilo Braga, na tentativa de colocar-se acima deste cotidiano atrasado:

O século é pujante, heróico, inexorável.
 — Navio que enristou a quilha incontrastável
 Às praias do porvir, lá vai talhando o mar.
 Espadana-lhe em vão as bavas hediondas
 O inútil preconceito; embalde em crespas ondas
 Forceja por tolher-lhe o impávido marchar.⁵³

Afinal, o que diz tais *ondas* vindas da inauguração do Club? Observa-se que o discurso racional e esclarecido dos parnasianos – o positivismo – tem na assertiva de Ferreira Mendes (em busca de consagração) e Teófilo Braga (poeta consagrado) o *universalismo*, que lança as bases de apropriação de um discurso geral, que combate a “demência” e o “inútil preconceito”. Logo, nada consegue frear o “impávido marchar” do “progresso”. Eis, portanto, a grande utopia positivista. A *ciência* que orienta as idéias implicadas nos versos de Ferreira Mendes, recitados como um elogio à modernidade, num lugar onde prevalece a antiga situação pós-independência (de escravidão, monocultura e monarquia). Por isto, o poeta-comerciante evoca indivíduos autônomos (*venturosos*). A possibilidade de um novo *habitus* desdobrado na exposição da vida privada, da ética econômica e profissional, como elementos vitais da sociedade, que possui agora uma biblioteca como insígnia do mais elevado exemplo de civilização.

Chartier (1990) observa, por exemplo, estes “deslocamentos” quando a sociedade de corte é solapada pelos acontecimentos da Revolução Francesa, alterando a relação entre o público e o privado, a economia e a profissão. No Brasil, à época de Ferreira Mendes, as relações sociais configuradas no trabalho livre, na liberdade de mercado, na valorização da concorrência mercantil e no acesso mais diversificado à instrução, à mobilidade social e à exaltação da cultura e da tradição, constituem, ainda, a introspecção de letrados e, posteriormente, seu reforço político na direção e organização de um *movimento* capaz de mobilizar a sociedade e seus indivíduos na direção do processo civilizador moderno, tolhido

⁵³ Cf. BRAGA, Teófilo. *Poesias escolhidas*. Seleção, introdução e notas Antonio Candido. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.

pelas condições sociais e políticas que mantêm o *status quo* e uma “modernização sem mudança”, que adiam as pretensões letradas sempre carregadas de retórica e metáforas.

Quando o poeta, na primeira estrofe, anuncia *o fanal radiante da verdade* como alusão às idéias das *Luzes*, declara que o Club é representante local da difusão de novos valores. Uma “caixa de ressonância” que organiza o discurso político e literário. Assim, a metáfora da *ciência* oferecida pelos sócios do Club, reconhece que a cidade se apresenta economicamente “fortalecida”, porém, asfixiada pelas permanências das “demências” e “preconceitos” seculares. O poeta, não obstante, *silencia* demandas que são do entorno da cidade real, aí incluindo todas as dimensões da tradição, da oralidade e, portanto, do iletramento. Ele exalta os tais “*gênios das lendas populares*” que oferecem uma aproximação poética, capaz de juntar livros em um espaço de batismo: a metáfora do “altar” dedicado às letras – a biblioteca – o *front* de combate à “demência”, que simboliza o atraso e a incivilidade de “partes” iletradas e ignorantes da cidade.

Eis, portanto, algumas configurações sociais novas que vão operando na vida dos indivíduos e, literalmente, recebendo as *palavras* em relatos vários, disputados na circulação de impressos, ao alcance das mentes letradas que precisam instruir-se e cortejar a metáfora dos homens “primorosos”, numa cidade que possui instituições inclinadas ao “progresso da civilização”. Por isto, o processo civilizador implica o autocondicionamento. Um procedimento de longa duração que envolve, simultaneamente, um laboratório de comportamentos inéditos e, também, a elaboração de novas normas sociais. Constrói-se um Club, um novo *habitus* a refigurar práticas e discursos, como demonstram o soneto de outubro de 1882.

Configurar um novo altar às letras, conseqüentemente, feito de homens de um lugar “instruído e civilizado”, principalmente interessados por metáforas e conhecimentos decretados muito longe. O que interessa não é o contrário: as “novidades” fazendo as idéias; mas como são representadas e apropriadas no horizonte da experiência histórica, onde *escrever* e *ler* a vida se impõe como uma condição de produção, troca e consumo cotidiano. Ou seja, o poder está no domínio da *escrituração* da cultura, inclusive como prescrevem os *Estatutos Sociais* do Club aprovados no início de 1885, quando as *regras* aparecem organizadas nas letras e códigos de acesso, convívio e uso do livro, da linguagem e da memória pelos letrados.

3 OS ESTATUTOS DO CLUB: LIVROS, LINGUAGENS E MEMÓRIAS

*O Livro é grande eflúvio
De ensinamento eterno...
Façamo-lo – Dilúvio
De um ideal fraterno.*

Fernando Griz (1898).

Narrar os passos marcantes da trajetória do Club envolve livros, linguagens e memórias. Atravessa seu grande objeto – a biblioteca – e explora seus textos formais (estatutos, atas e comunicados). Memórias do início e das etapas que seguiram à experiência vivida por homens letrados e ufanos. Dois adjetivos que se completam: cidadãos versados nas letras; pretensos eruditos envaidecidos pela própria condição. Um *status* reconhecido na *rede* social que envolve associações do gênero, comuns em muitas cidades brasileiras. Fato que pode ser verificado no banco de dados da Biblioteca Nacional ⁵⁴, onde se guardam vários periódicos deixados por estes clubes. Fato que demonstra como são freqüentes e como mobilizam as comunidades letradas nas décadas finais do século XIX.

Se comparados com o período de fundação do Club de Palmares, é estimulante verificar o espalhamento das associações literárias por localidades de variados portes e importância, a exemplo do Club Litterario de Cuiabá (1882) e sua publicação “Club Litterario”; o Club Litterario Gonçalves Dias (1883) de Maceió e seu jornal “A Instrução”, ou mesmo, um Club Litterario de Escravos (1882) em Bragança, Província de São Paulo. Situação que faz cair por terra uma idéia de prática exclusiva da elite econômica destas cidades.

Recebemos a circular de um que se criou em Bragança, na província de São Paulo. É firmada pelo presidente da associação, o escravo Mathias Henrique da Silva, e pelo seu secretário, o escravo Faustino da Silva Paiva, que nela pedem-nos a remessa de nossa folha para seu Club. Satisfazendo ao seu pedido, enviamos aos dignos escravos cordiais parabéns pelo louvável propósito de melhorar-se pela educação, para melhor cumprirem os deveres de seu estudo e habilitarem-se para o lugar que a sociedade lhes reserva no meio dos cidadãos ⁵⁵.

Tratam-se, sim, de práticas letradas disseminadas, que valorizam o intercâmbio e a circulação de impressos, consoantes os propósitos de “melhorar-se pela educação” e habilitar

⁵⁴ Catálogos de microfilmes. Biblioteca Nacional, end. eletrônico: <http://consocio.bn.br/scripts/odwpo32>.

⁵⁵ Club Litterario de Escravos. In: O Baependyano. Ano V, fasc. 232. 12 de março de 1882. Obras raras: P11B,03,82. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

um “lugar” de convívio entre cidadãos alfabetizados e livres. Há notícias, também, que funciona em Passo Fundo, Província do Rio Grande do Sul, um Club Litterario informal apelidado “Club do Toco de Vela”, devido à pobreza de seus organizadores que, sem dinheiro para comprar lamparinas, queimam à noite “velas” que recolhem durante o dia. Deste modo, o Club formado por rapazes com fama de “pobretões” concorre com o aristocrático Club Litterario Amor à Instrução⁵⁶, fundado no início de 1883, por comerciantes e profissionais liberais daquela cidade.

Observa-se que independente de formalidade estatutária, tais associações objetivamente encontram-se relacionadas com a recepção e divulgação das *letras* na comunidade onde atuam. Seu esforço, aristocrático ou popular, corresponde ao impulso de atividades pertencentes à *esfera pública*. Práticas que ganham ênfase, contextualizadas nos processos de abolição do trabalho escravo, construção do Estado nacional republicano e transformações socioculturais, pelas quais o Brasil integra-se ao conjunto de mudanças da sociedade moderna.

A massificação do mercado, a metropolização das cidades, a nucleação da família, o individualismo, o subjetivismo moral, a ilustração e o desdobramento de suas instituições letradas (como estes clubes e seu “ideal fraterno” em torno de livros e leitores) podem ser apontados exemplos das novas demandas sociais que atingem e redimensionam a *esfera pública*. Aliás, como a compreende Habermas (1984) – “os salões representavam um espaço público onde as pessoas privadas se aglutinavam em um público; deste modo, os salões representavam um espaço de mediação” – referindo-se às novas sociabilidades que emergiram na Europa, principalmente entre as camadas sociais de livres proprietários e vários segmentos de literatos e artistas.

Destaque-se, também, que este conceito tão fundamental para a compreensão da vida moderna, segundo Hanna Arendt (2001), traduz a separação entre as atividades privadas (trabalho e obra) e públicas (ação, interação e discurso). O *lugar*, segundo a filósofa, constitutivo da atividade política. Vale salientar, ainda, que na intersecção entre tais *esferas*, encontra-se a “obra de arte” e sua linguagem sempre na intenção de um público espectador. Portanto, a *rede* que sustenta a prática dos clubes literários, pressupõe a formação de um *espaço público* e um *público* no sentido moderno do termo. Mas, ao mesmo tempo, resulta naquilo que o clássico *A Condição Humana* afirma: o *espaço público* implica igualdade e

⁵⁶ Consultar BERTOL, Sônia e FROSI, Fabíola. **O surgimento da mídia impressa no Município de Passo Fundo – RS. Os primeiros 50 anos.** In: Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano I nº. 01, janeiro/junho de 2004. Disponível em: www.metodista.br/unesco/gcsb/index.htm.

distinção. Ou melhor, não há na experiência dos clubes, um traço homogêneo que a defina exclusiva desta ou daquela grupo social. O que importa é verificar como reproduzem as distinções entre ricos e pobres, livres e escravos, letrados e iletrados, homens e mulheres. Como são estatutariamente instituídos e *instituintes* de práticas envolvendo produtores de textos (literatos), consumidores de textos (leitores) e o veículo distribuidor de textos (livros, jornais e revistas).

Assim, um *Club Litterario* de escravos, jovens “pobretões” ou homens de posse inscreve-se numa quadra de exibição pública que tenciona a *ação* e o *discurso* letrado. Lugar cada vez mais interessado e expandido pela linguagem impressa, cujo acesso se torna socialmente diversificado, na medida em que uma gama heterogênea de leitores vai se constituindo. Afinal, se os homens não fossem distintos, eles não precisariam da linguagem para se fazerem entender (ARENDDT, 2001). Recorreriam aos instintos, colocando em risco o que definem por civilização. Deste modo, o acesso cotidiano a heterogeneidade de textos impressos é o fundo civilizatório de onde emerge a vida pública destes clubes. Seus sócios são atraídos para convívios diferenciados dos círculos domésticos, profissionais e partidários, pelo distintivo de uma aptidão muito restrita: a leitura. Portanto, o tempo do Club de Palmares é daquele tempo em que a taxa de alfabetização verificada encontra-se praticamente inalterada. Na imensa maioria das cidades brasileiras, apenas 10 a 15% da população sabe ler e escrever.

O poemeto “Ao Club” de Fernando Griz (1898), um jovem sócio dirigente, serve para ilustrar este distintivo social que é a leitura, principalmente para aqueles letrados, interessados por estas sociedades literárias:

Seja bendita a alma,
Que busca sempre ler
– Saber a luta e a calma
Para gozar... Viver.
O livro é grande eflúvio
De ensinamento eterno...
Façamo-lo dilúvio
De um ideal eterno⁵⁷.

Nestes versos, do décimo sexto aniversário da associação, aparece um eivado subjetivismo moral. Sentimento que sublima a aptidão e o interesse pela leitura. No verso “bendita a alma que busca sempre ler”, por exemplo, sugere o apelo à manutenção do Club,

⁵⁷ Cf. jornal comemorativo do 16º aniversário do Club: *Club Litterario de Palmares*, número único, editado em 23 de outubro de 1898, p. 4. Exemplares encontram-se na Fundação Joaquim Nabuco e no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Recife-PE).

seu diletantismo – “gozar... viver” – e a exaltação do livro, considerado no poema o “eflúvio”, a essência que exige dedicação, apesar das grandes dificuldades para se promover o “dilúvio de um ideal fraterno” entre os letrados e assegurar sua responsabilidade com o Club e a biblioteca.

Nos versos, também, a reconciliação prosaica que mobilizam muitos dos participantes a verem, na história da sociedade literária, o símbolo maior da cidade “progressista”. Fato que demonstra como as sociabilidades letradas tornam-se socialmente inspiradas no processo de urbanização. Modelo que também influencia o ritmo de vida de milhares de pequenos núcleos *rururbanos*. Centros onde o corpo social depende de interesses rurais (FREIRE,1985; FAORO,1997), embora prosperem hábitos elitistas e “estrangeirismos” afirmadamente urbanos. No caso aqui estudado, o Club de Palmares é exemplo destas sociabilidades elitistas que reúnem homens cujo perfil inclui “um senhor de bem, de boa colocação e dinheiro”. E, também, muitos deles, aspirantes a literatos, escritores ou poetas, o caso do jovem Fernando Griz.

Perfil que atrai letrados de diversas profissões e que influencia decisivamente sua composição social, inclusive com a participação de alguns estrangeiros⁵⁸ (portugueses, ingleses e italianos) geralmente comerciantes, fundamentais para os negócios comerciais e ferroviários que animam o ambiente na divulgação de tais sociabilidades civilizadas. Portanto, observar os estatutos do Club na busca do arranjo de seu quadro de sócios, é invariavelmente se perguntar sobre as formalidades e atuação dele enquanto *espaço público*, mediado por inserções culturais típicas de ambientes que reúnem leitores.

Monta-se, antes de tudo, um *book club* onde regras de convívio previamente se estabelecem – portadoras do processo civilizador e dos novos cerimoniais constitutivos da vida moderna – objetivando a interação entre os poucos leitores da cidade e os livros que são caros, reservados até então em mãos economicamente privilegiadas. Uma sociedade de encontros e convivências que são plurais e demandadas politicamente. Daí, a imbricação entre o Club, os movimentos sociais e as mobilizações que extrapolam as estantes da biblioteca, convergindo ao salão literário, conferências, tertúlias e saraus de diferentes propósitos. Atributos que extrapolam os estatutos da sociedade de letras, como se pode constar adiante.

O diálogo com Arendt – e seu pensamento sobre as esferas da vida pública e privada – é exatamente dedicado à postura de não tratar as regras estatutárias (artigos e parágrafos)

⁵⁸ O recenseamento de 1890 aponta a presença de 68 estrangeiros residentes na cidade: 55 homens e 13 mulheres, principalmente envolvidos com as atividades comerciais e profissões especializadas nas usinas de açúcar, administração e engenharia de ferrovias.

dissociadas da *ação* de seus atores, que escrevendo ou lendo, conversando ou protestando, bebendo ou dançando, deslocam as *pluralidades* aqui narradas, para memórias que marcam e constroem a história da associação e, por sua vez, a vida da cidade em seus primórdios urbanos, cuja escrita aparece como “pegadas” da sociedade de letras, seu entorno social e seus letrados. Daí, a opção metodológica de reunir no mesmo diapasão sobre os estatutos, a linguagem e a memória dos *fundadores* de 1882 e dos *continuadores* de 1898, quebrando qualquer lógica linear ou episódica do Club.

Para isto credita-se a posição de que a história é *escrita* do começo ao fim (CERTEAU, 2006); enquanto a memória se configura construída na dinâmica mediação política com o passado. O processo que Lowenthal (1981) define deste modo: “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos, confirma o que somos”. Eis, assim, o que é o jornal comemorativo de 1898, “O Club Litterario”, número único, dedicado ao décimo sexto aniversário da associação. A tônica da memória institucional construída pelos próprios membros do Club e a confirmação da importância de seus ufanos na construção das imagens de *progresso* e *civilização*, investigadas e debatidas desde a primeira frase deste trabalho.

3.1. O CLUB E SEUS FUNDADORES

Os temas aqui discutidos, na medida em que analisam os estatutos do Club de Palmares, buscam explicar os motivos que levam um grupo de treze letrados se reunirem duas vezes em setembro de 1882 (nos dias 03 e 13 daquele mês), sob o comando de um promotor público, Augusto Higino da Cunha Souto Maior; um comerciante, Manoel Gonçalves Ferreira Mendes e um professor, Sizenando Hilário Ramos, indicados respectivamente para presidente e secretários da *Comissão Provisória* responsável pela mobilização e providências de lançamento da associação⁵⁹.

⁵⁹ Jornal comemorativo *Club Litterario de Palmares*, 1898, p. 1.

Sócio Fundador na ordem de assinatura na Ata de 13 de setembro de 1882	Profissão evidenciada em registros do Club ou periódicos locais
Augusto Higino da Cunha Souto Maior	Promotor Público
Sizenando Hilário Ramos	Professor
Manoel Gonçalves Ferreira Mendes	Comerciante
José Batista Marques Dias	Comerciante
Custódio Floro da Silva Fragoso	Militar
Antonio Caphedório de Carvalho	Comerciante
Raymundo dos Anjos Fialho	Comerciante
Joaquim Gonçalves de Albuquerque e Silva	Militar
João Felix Ferreira	Comerciante
João Ribeiro	Funcionário Público
José Bernardo da Silva	Advogado
Manoel de Holanda Cavalcanti	Advogado
Francelino Manoel de Santa Rosa	Proprietário Rural

QUADRO 2: *Relação dos 13 sócios fundadores, conforme Ata escriturada em 13 de setembro de 1882.*

Atividades inspiradas previamente nas formalidades estatutárias do Gabinete Português de Leitura (fundado em 1850) e do Gabinete de Leitura Instrutiva e Recreativa Gameleirense (fundado em 1878). Pode-se afirmar uma *sociedade de leitura* como aquelas que os ingleses e alemães inventam no século dos iluministas (CHARTIER, 1999, p.78). A intenção de formar bibliotecas destinadas ao “uso mútuo e exclusivo de seus sócios”, com o intuito da ampliação de conhecimentos e civilidades. A marca mais evidente desde os primeiros registros escritos sobre a criação da associação, cujo lema “Glória à Instrução” bem representa o discurso fundador de seus sócios, que pregam o “heroísmo” de criar-se uma biblioteca e montar um salão destinado a encontros e convivências, com o que há de mais civilizado e refinado em outras “associações congêneres”.

Conhecer este “heroísmo” e entender as intenções dos *fundadores*, passa pela análise de documentos formais escritos nos primeiros anos. Tais como estatutos, atas e comunicados, além de matérias do citado jornal comemorativo de 1898: os itens a seguir, “A comissão provisória e a preparação do Club” e “A ata de inauguração do Club e da biblioteca” possibilitam responder algumas das questões sobre o perfil e a composição dos sócios, os objetivos da sociedade de letras, sua organização interna e funcionamento. Ao mesmo tempo, narrar a formação da sociedade, recorrendo à memória construída pela geração de seus *continuadores*, nas décadas de 1890 e 1910.

3.1.1. A Comissão Provisória e a preparação do Club

As atividades de lançamento do Club de Palmares, registradas na edição comemorativa do décimo sexto aniversário, constroem um primeiro receptáculo de memória institucional, escrita por uma nova geração de sócios que relata o “heroísmo” e a “abnegação” dos *fundadores* de 1882, em oposição às dificuldades de manter a instituição, envolvida constantemente em descontinuidades e processos de retomada, conforme divulga seu editorial:

A primeira sessão preparatória do Club Litterario de Palmares teve lugar aos três dias do mês de Setembro de 1882, na sala da escola pública do sexo masculino desta cidade, sendo aclamada uma comissão (...), para o fim especial de incorporar a sociedade que teria por fim promover a instrução, fundando especialmente uma biblioteca para uso dos sócios. Até hoje, com heróicos esforços e abnegadas dedicações tem o Club Litterario atravessado fases eivadas de dificuldades, nunca, porém, tendo deixado de transpor estes períodos de desfalecimentos, abroquelado na vontade rija dos seus associados, que não conhecem sacrifícios para manter a instituição na altura e na dignidade de que ela se tem feito criadora há dezesseis anos.

O texto demonstra a permanência das dificuldades de se criar e manter a associação, confirmando o caráter efêmero e pulverizado destas *sociedades de letras*. Porém, a questão também reporta um dado particular. O principal objetivo que é promover a *instrução*, na primeira sessão preparatória (03 de setembro de 1882), ocupa-se da sala de aula do sexo masculino, revelando que a “progressista” cidade dona de máquinas a vapor e caldeiras, conta somente dois espaços públicos destinados ao ensino das primeiras letras. Uma sala para meninos e outra para meninas, demonstrando a imensa tarefa educacional comum às cidades da época, ainda que circule socialmente um discurso abnegado, creditando sua reversão às almas letradas e civilizadas que estes clubes tanto enaltecem.

Os enaltecidos 111 “corifeus modernos”, liderados pelos ilustres Souto Maior, Ferreira Mendes e Hilário Ramos, “abrem as sendas do atraso” e louvam a *instrução*, por compreenderem ser o único caminho digno para atingir o *progresso* oferecido pela civilização moderna. Não reivindicam a educação ou a alfabetização, mas, a elevação do *grau* de pessoas instruídas, civilizadas, bem informadas. Neste sentido, vários autógrafos do *Álbum de Visitas*, principalmente aqueles escritos nos primeiros anos, representam muito bem o cerne desta

contradição existente entre o discurso instrucional dos letrados e a realidade escolar da “progressista” cidade, ainda “bastante atrasada”⁶⁰:

Visitei a biblioteca de Palmares e vi a bravura que tiveram seus sócios pelo amor à instrução e à ciência (...) porque é grande em providencia uma biblioteca em uma cidade onde a civilização está um pouco atrasada (...) e o progresso dos bons livros a ajudará a cultivá-la.

Uma década após este comentário, um periódico local com um nome bastante sugestivo – *A Cartilha* – confirma que continuam funcionando os mesmos dois espaços destinados à escola pública de ensino primário. Os espaços que um dia serviram de abrigo para a reunião preparatória dos *fundadores* do Club. O incansável jornalzinho divulga a frequência escolar que aponta 274 alunos matriculados e o nome dos respectivos mestres de meninos e meninas⁶¹. Realidade que demonstra o salto populacional que ocorre em duas décadas de estrada de ferro: de 7.854 “almas” para 25.228 habitantes. Número verificado no início dos anos noventa, quando o município politicamente emancipado, reproduz as mesmas elevadas taxas de analfabetismo. Ou mais claramente, em números absolutos, 21.279 de seus concidadãos que “não sabem ler nem escrever”.

Salas de aula destinadas a...	Freqüentam “escolas” em 1872, cf. Censo do Império.	Freqüentam a escola pública de meninos e meninas em setembro de 1884, cf. Jornal Gazeta de Palmares.	Freqüentam a escola pública de meninos e meninas em setembro de 1893, cf. Jornal. A Cartilha.
Meninos	66	132	172
Meninas	39	72	102
Total	105	204	274

QUADRO 3: *Evolução da Frequência Escolar na escola pública de Palmares, entre 1872 e 1893, considerando dados do Censo de 1872 e notícias publicadas nos jornais Gazeta de Palmares (1884) e A Cartilha (1893).*

Eis o resultado direto da estagnação local das taxas de frequência da “população escolar de 6 a 15 anos” à escola primária, como se pode constatar na progressão de matrículas do ensino público local: na medida em que a quantidade de habitantes triplicou, a oferta de

⁶⁰ Nota do *Álbum de Visitas* do Club, escrita em 21 de outubro de 1883, durante as comemorações do primeiro aniversário da instituição.

⁶¹ “A Cartilha” de agosto de 1893 indica a presença de três professores públicos na cidade: José da Hora Beda (Meninos) e Leonor Holanda Ferreira e Emília Firmo de Oliveira (Meninas). Dez anos após a fundação do Club, são as mesmas salas de aula registradas nos documentos da Entidade.

educação não foi devidamente dimensionada. Aliás, a situação da educação primária que se projeta da Monarquia nas entranhas da República.

Outro aspecto importante, enraizado na mesma matriz de exclusão, é que nenhuma mulher aparece no elenco dos sócios que assinam a *Ata de Fundação do Club de Palmares*⁶², muito embora tenham estado presentes à solenidade. Dado que notabiliza o perfil dos sócios mobilizados pela *Comissão Provisória*, cuja segunda reunião escriturada pelo professor Hilário Ramos, assim se registra: 13 de setembro de 1882, “primeira sessão do Club” responsável pelos preparativos finais de lançamento da biblioteca.

Na sala de aula do sexo masculino, estabelecida na Praça do Maurity, desta cidade de Palmares, (...) foi o Doutor Souto Maior aclamado presidente da reunião, e ocupando este a cadeira da presidência, convidou o Professor Sizenando e ao Senhor Ferreira Mendes para servirem de secretários. Em seguida expôs o fim da reunião que declarou consistir em tratar de obterem-se meios para se fundar uma sociedade que promova a instrução na comarca, fundando especialmente uma biblioteca, no dia 02 de outubro próximo no qual se procederá a eleição das pessoas que devem tomar parte na administração da sociedade...

Uma reunião de homens letrados e “bem colocados”, conforme se verifica na lista de assinaturas. Os 13 sócios protagonistas (que assinam a *Ata da primeira reunião*) e a identificação de suas profissões validam os argumentos de que os letrados são de origem e perfil social diverso, qualificados pelas insígnias da “posse”, “colocação” e “leitura”. O que ressalta abrigar segmentos urbanos e rurais oriundos da aristocracia e, também, cidadãos de “poucos recursos”, dependentes de empregos públicos ou serviços no comércio.

No rastro do tratamento destinado a mulheres, crianças e homens pobres, escravos e iletrados, por detrás deste perfil social dos que fundam o Club, pode-se verificar o registro de um sortido e articulado conjunto de práticas tradicionais – patriarcalismo, elitismo e erudição – mobilizadas para mediar as emergências da vida pública, que se ampliam com as transformações pelas quais passa a cidade. Pois, se por um lado articulam o encontro entre proprietários rurais e urbanos, profissionais liberais e servidores públicos, e mesmo o cidadão comum alfabetizado; por outro, refletem o consenso em torno do discurso que nomeia a *instrução* uma “qualidade” de homens “venturosos” (a mensagem do soneto de Ferreira Mendes). Os únicos que sabem conduzir o progresso e promover a civilização, especialmente numa cidade de tantos analfabetos e cidadãos incultos.

Na verdade, a *instrução* de que falam, é o acúmulo de conhecimentos segregados na distribuição social e equacionados como “quantidade” de leitura, sempre à disposição de citar

⁶² Ata publicada integralmente no Diário de Pernambuco, ano LVIII, nº. 227, dia 05 de outubro de 1882.

autores e livros nas peças escritas ou nos meandros das conversas formais e informais, principalmente pelos sócios literatos. Daí, a lembrança da crítica à cultura, que F. Barth (1989) prestigia, e que muito contribui metodologicamente na tentativa de compreender o Club de Palmares e seu *modus operandi* decantado nos textos de auto-imagem de sócios e visitantes:

As estruturas mais significativas da cultura – ou seja, aquelas cujos efeitos sobre as ações e as relações dos indivíduos são mais sistemáticas – podem não residir nas suas formas, e sim nas suas distribuições, na maneira pela qual não são compartilhadas.⁶³

A estratégia aqui, portanto, é buscar compreender como a *distribuição* dos bens da cultura – no caso, o letramento – aparece *represada* entre os sócios, ainda que seus discursos apontem sempre na direção inversa de atividades compartilhadas e fraternas na busca da *instrução* do povo. Discurso que explica a similitude das falas dos *fundadores* de 1882, do Barão de Nazareth, na festa do primeiro aniversário (citada no capítulo de introdução), e dos *continuadores* de 1898; e mesmo depois, até 1910, quando o Club entra em declínio. Todos afinados pelo moroso diagnóstico contemplativo, sem nenhuma referência de distribuição urbana da cultura letrada, que demonstre uma única atividade concreta na direção de alfabetizar a comunidade, se bem que isto se projete, aliás, como fica demonstrado no quadro sobre o *repertório* do Club e suas metáforas prediletas declamando progresso, civilização e instrução.

O que reforça o eixo já verificado: não é por lidar com “estatutos”, que o fogo fátuo do Club – a autocontemplação letrada – venha pesar mais que as relações sociais produzidas na trajetória de trinta anos (entre 1882 e 1910). E não podia ser diferente. O “heroísmo abnegado” dos *fundadores*, que se constitui o principal enredo de memória, e que o acompanha durante décadas sempre justificando sua continuidade, é ele mesmo o exemplo *significativo* da experiência elitista vivida entre livros, tertúlias e banquetes reservados. O Club não é uma “ilha”, mas, também, não é um “porto” aberto para qualquer empreitada, conforme seus estatutos procuram antever e projetar, balizando o comportamento dos sócios e prescrevendo o uso do salão literário e da biblioteca. Ou seja, o convívio “civilizado” entre os pares letrados e o refinamento das atitudes tomadas nas “concorridas” seções literárias

⁶³ Cf. BARTH, F. **The analysis of cultur in complex society**. Ethnos, 54, 1989, citado por Paul-André Resental. in: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pg. 156.

promovidas pela associação de pés calçados, que limpam discretamente no batente do Club o barro das ruas sem asfalto.

3.1.2. A Ata de Inauguração do Club e da Biblioteca

O preâmbulo da *Ata* publicada no Diário de Pernambuco (05 de outubro de 1882) relata a programação de inauguração, onde são anunciadas as pretensões do evento, animado pela presença de mais de uma centena de homens instruídos:

No dia dois de outubro de mil oitocentos e oitenta e dois (...), presentes os seguintes sócios do Club Litterario (...) e os senhores Doutor Leopoldo P. A. de Lima, promotor publico de Barreiros, Antonio da Maya Pessoa, orador do Gabinete Português de Leitura, João Duarte Filho, representante da Sociedade Nova Emancipadora. Pelo Doutor Souto Maior, presidente da Comissão Provisória foi aberta a sessão, proferindo um discurso de inauguração, no qual declarou que os trabalhos desta sessão se dividiram em três partes, tratando-se a primeira de notar-se as bases dos estatutos da Sociedade, a segunda, de eleger os funcionários que devem administrar a sociedade no exercício de outubro de 1882 a 1883, na terceira, de solenizar com uma sessão literária a inauguração da Biblioteca do Club.

Fica mais uma vez bastante claro que emerge na intenção dos *fundadores* a montagem de um círculo social apto ao *book club*. Senhores honorários capazes de doar uma “coleção de livros” para formar a biblioteca oferecida reciprocamente; uma taxa mensal e outra anual para manutenção do acervo e do salão literário destinado às *palestras científicas*, *tertúlias litterarias* e *comemorações cívicas* ou “*populares*”. O diletantismo de um espaço de leitura e exibição erudita, agora nos formatos de exibição pública. Comportamento *deslocado* dos salões residenciais privados que o romantismo tanto incentivou.

Ali a leitura ocorria privilegiando a declamação e depois os *acepipes* de um banquete. Tempo em que a biblioteca ficava circunscrita no interior das casas-grandes, emparedada geralmente à escrivaninha do fidalgo. Livros enfileirados como adorno e insígnia de alfabetização do senhor da casa, mas, na maioria das vezes, sem uso por parte de seus ocupantes. Livros também interditados dentro da própria família pela censura religiosa, moral ou analfabetismo de muitos de seus membros, especialmente mulheres, crianças e escravos. Cenário consagrado pela ordem imperial, nos moldes da educação coimbrã: uma *ilustração* voltada à manutenção do passado colonial, valorizada pela erudição e vínculos com a teologia de herança ibérica.

Eis, assim, mais esboçada, a tese de percurso deste terceiro capítulo: o movimento das *associações de letras* – especialmente na década de 1880 – possui um vetor ainda conformado à educação imperial, consumida ao longo do século. Desdobramento de uma política de ensino elitista, que inculcava tal formação erudita e livresca, em detrimento de uma dirigida às necessidades da vida prática, coletiva e emancipadora. Historiadores demonstram que a educação foi elemento poderoso na homogeneização política da elite imperial: “Isto por três motivos. Em primeiro lugar, porque quase toda a elite possuía estudos superiores... Em segundo lugar, porque a educação se concentrava na formação jurídica... Em terceiro lugar, porque se concentrava, até a Independência, na Universidade de Coimbra e, após a Independência, em quatro capitais provinciais” (CARVALHO, 1980, p. 51).

Situação que o *repertório* intelectual e a imprensa (como já foi avaliado) começam formalmente inquirir, deslocando o discurso letrado do lugar que a chamada *ordem saquarema* consagrava como uma espécie de espinha dorsal do regime monárquico – a tríade *casa / governo / rua* – que Mattos (2004) observa fundamental na articulação política entre conservadores e liberais, que buscam, na conservação da *pax* imperial, neutralizar forças progressistas e anular durante anos manifestações de oposição ao regime.

O que recebe o filtro político – a condição letrada da elite imperial homogeneizando seus interesses (CARVALHO, 1980) – em aparece facetado – vários *lugares* sociais articulam-se alternados pelos interesses da elite letrada (MATTOS, 2004) – ambos destacando que a condição de homem letrado está em evidência na segunda metade do século. Assim, conclui-se, que a passagem dos círculos letrados estatais, domésticos ou acadêmicos para o cotidiano público de intercâmbios e apropriação de novas demandas políticas, educacionais e literárias, faz as associações literárias congêneres inscreverem-se no conjunto de mobilizações que marcam o movimento intelectual daquela geração, ao esbarrar na moldura política da *ordem saquarema*. Principalmente, com a publicização dos debates abolicionistas. Ali a *instrução* que se apresenta a mola-mestra do discurso letrado e encarta o *progresso* como construtor privilegiado da *nação*, é, ao mesmo tempo, o beneplácito do viés elitista, erudito, patriarca e masculino que constituem as práticas dos sócios do Club. Situação de onde podemos intuir, portanto, o Club de Palmares é uma experiência elitista. O perfil de seus dirigentes e participantes demonstra claramente a escolha de homens de posse ou “notáveis” nas profissões típicas dos chamados *homens de letras*: advogados, professores e jornalistas, prevalecendo naturalmente os formados nas ciências jurídicas; Preza a erudição, o refinamento dos discursos e o diletantismo das idéias, considerando dois aspectos: atende o

consumo dos sócios aristocratas e também os ritos de consagração dos “notáveis”, poetas e tribunos locais ou visitantes que participam mais ativamente das campanhas abolicionista e republicana; Cola-se à estrutura patriarcal que dirige a Comarca (município), objetivando o encontro entre sócios de origem latifundiária e as camadas de proprietários urbanos formados com a chegada do transporte ferroviário, armazéns e casas de comércio; Reproduz o *lugar* masculino das atividades públicas, porém, agencia a instrução e o lazer feminino, *concedendo* a condição de sócias do Club às senhoras leitoras interessadas em empréstimos de livros e tertúlias apropriadas para as famílias de bem.

Se não, o que dizer deste escrito de 1898 exaltando os *Fundadores* do Club?

Sobre os que trabalham pela Instrução, pelo engrandecimento da nossa cultura intelectual, caem sempre as bênçãos dos Espíritos que se dedicam às Letras. O Club Litterario de Palmares por si é uma vitória; demonstra pela sua longa existência, através de fases perigosíssimas, que há um sentimento de perseverança consolidando aspirações de todos os sócios deste Club, que, nesta cidade, goza orgulhosamente da alta e sincera simpatia de todas as classes. E há de progredir e há de avançar períodos longos de fecunda existência uma associação como o Club de Palmares que tem por fim desenvolver a Instrução, o que quer dizer elevar o espírito dos que a ela pertence. E destes exemplos que necessitamos em favor de nossa dignidade político-social⁶⁴.

Tem-se, assim, a prática da leitura extrapolando a intimidade da antiga biblioteca particular. Uma nova contradição que se instala entre a *esfera privada* e a *esfera pública*, distendida principalmente pela difusão da imprensa e proliferação de novas técnicas tipográficas: criam-se as demandas de circulação de livros, jornais e revistas, por um público social mais elástico (passando gradativamente a incluir mulheres, crianças, trabalhadores pobres e escravos) que rompem os círculos da erudição eclesiástica, palaciana e acadêmica, que em matéria de educação formal, estrategicamente providenciava o letramento restrito da *casa*, o letramento irrestrito do *governo* e o iletramento da *rua*.

A crise que se instala gradativamente no Segundo Reinado oportuniza e muito as chances políticas de apropriação de novas idéias extrapoladas do mundo acadêmico e literário, para um espectro social mais diversificado. Fato que traduz a recepção admirada destas sociedades de letras pelas comunidades distantes das capitais provinciais, como estratégia de atuação propriamente literária (livros e leitura), publicitária (palestras e escritos de propaganda) e, sobremaneira, política. Os slogans “glória à instrução”, “amor à instrução”, “melhorar-se pela educação” colam-se às tarefas estatutárias dos clubes, para também

⁶⁴ Jornal comemorativo Club Litterario de Palmares, 1898, p. 4.

qualificar e ampliar o ritual consagratório dos *homens de letras*, sempre prejudicados pela desvalorização social de escritores e poetas, decorrente da tradicional ausência de público (SODRÉ, 1986). Diga a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, e a *fuga* da profissão de escritor para o jornalismo diário. Um apanágio de textos, linguagens e memórias que alinha os projetos de modernidade que circulam no período anterior e posterior aos acontecimentos da Proclamação da República.

Outra observação pertinente, é que o salão literário e a biblioteca irmanam-se sob a forma estatutária de um clube dado ao passatempo, ao lazer e à ação de seus sócios, com a finalidade de propagar a *instrução*, mas, também, a criação deste público expectador, “concentrado” para júbilo de seus literatos em busca de reconhecimento. Fim da afasia de muitos poetas e cronistas, quando a imprensa se distribui pelo interior do país e instituições da finalidade do Club juntam escritores românticos, simbolistas, realistas e parnasianos no casulo do beletrismo. Marca aferrada da vida literária brasileira de final século.

Uma referência para o pequeno *homem de letras* (subliterato) que faz da arte de escrever, um extenso domínio de protestos ou apaixonadas apologias sobre os heróis da civilização moderna. Deste encontro público de *produção* e *consumo*, portanto, entre os senhores letrados e o subliterato, geralmente boêmio e freqüentador das colunas de jornais, surge o desejo de manter o Club em atividade, apesar de várias dificuldades e descontinuidades, cuja memória os *continuadores* de 1898 se encarregam de captar e afirmar como puro “heroísmo”.

Exatamente um mês após a primeira reunião da *Comissão Provisória*, conforme relata a edição do Diário de Pernambuco, o Club é lançado com os 111 sócios e uma biblioteca de 600 volumes. Fato que a primeira parte da referida *Ata* empenha-se em qualificar assim:

Entrando-se na primeira parte dos trabalhos foram discutidas e aprovadas as seguintes propostas: primeiro: que a Sociedade se denominará Club Litterario de Palmares. Segundo: que a biblioteca criada pelo Club se denominará Biblioteca de Palmares. Terceiro: que o Club terá sócios efetivos, correspondentes, honorários e beneméritos. Quarto: que os sócios efetivos pagarão uma jóia de cinco mil reis e mensalidades de mil reis. Quinto: que perderão os direitos de sócios quando não estiverem em dia com a Caixa ou Secretaria nem indenizar livros e objetos da Sociedade. Sexto: que os sócios honorários, beneméritos e correspondentes terão os mesmos direitos e deveres de que tratam os estatutos de associações de igual natureza. Sétimo: que por dissolução do Club pertencerão os livros, móveis e todos os utensílios da Sociedade, a escola pública do sexo masculino da cidade de Palmares, onde ficarão depositados para serem entregues a outra sociedade de igual natureza, que por ventura venha depois levantar, sendo condição essencial, para entrega, que a mesma sociedade se reja por estatutos em tudo semelhantes ao do Club Litterario. Oitavo: que a sociedade será administrada pelos funcionários seguintes eleitos anualmente no dia primeiro de outubro de cada ano: Diretor, primeiro e segundo secretários, tesoureiro, orador, procurador, presidente da

assembléia geral, primeiro e segundo secretários da assembléia geral, comissão de contas compostas três membros e conselho deliberativo, composto de vinte e quatro membros. Nono: finalmente que a Diretoria, com estas bases fica encarregada de confeccionar, logo que for possível, os estatutos do Club Litterario aproveitando no que julgar conveniente as disposições dos estatutos do Gabinete Português de Leitura do Recife e da de Gameleira.

A reprodução completa destes trechos serve como ilustração de tudo aquilo que foi exposto até aqui. Ilustração para guardar o fragmento penosamente reencontrado. Pois, o Club de Palmares participa de uma *rede* de entidades afins, que se dinamizam, enquanto resultantes do processo de *mobilização, repertório e prática associativa* do período: as associações civis, entre estas, as literárias, vingam como centro de aglutinação não partidária para discussão das questões nacionais, muitas vezes em torno de uma comunidade de letrados interessados basicamente no reconhecimento público de seus textos e idéias.

Entrando na segunda parte da sessão, foram aclamados diretor, Doutor Souto Maior; vice, Vigário Tertuliano; orador, Doutor Cornélio; Procurador, Nascimento Barros; comissão de contas, Augusto Rufino, Izácio e Prudêncio; presidente da assembléia geral Doutor Constantino Braga... Em seguida tomaram posse as pessoas acima declaradas. Em ato continuo, foram eleitos pelos relevantes serviços prestados à Sociedade: Doutor Felipe de Faria, João de Vasconcelos, Antonio da Maia Pessoa, João Duarte Filho, sócios honorários; Tenente Coronel Joaquim Lúcio Monteiro da França, Sizenando Hilário Ramos, Manoel Gonçalves Ferreira Mendes, Joaquim Firmo de Oliveira, João Batista Marques Dias sócios beneméritos.

É possível observar na *Ata* tais interesses. A presença de senhores de engenho donos de escravaria; outros defensores da emancipação gradual ou abolicionistas mais convictos; uns conservadores e monarquistas; mas, certamente, uns liberais positivistas e republicanos interessados na tribuna do Club para fomentar debates até sobre as opiniões que remontam os ideais da Independência Americana e da Revolução Francesa. Contudo, o formato da Assembléia Geral, a escolha por voto direto dos “administradores da sociedade” e a abertura para confecção participativa de seus estatutos, demonstram valores propensos à “representatividade” conquistada também pelo mérito individual, consoante à horizontalidade de suas instâncias organizativas e decisórias – diretoria executiva, assembléia geral e comissão de contas – muito diferentes da verticalidade, centralização e vitaliciedade das decadentes instituições imperiais, onde vingam as práticas da tutela e do apadrinhamento.

A *Ata* é finalizada, destacando que a “terceira parte” da Assembléia dedicou-se aos discursos de louvação e auto-elogio de seus fundadores.

Passando-se à terceira ordem dos trabalhos fez o Doutor Souto Maior um relatório acerca do estado da Sociedade donde se conclui que o Club conta com 111 sócios e a Biblioteca seiscentos volumes. Depois pronunciou um discurso em que fez a história da Comarca de Palmares, seguindo-se-lhe na tribuna os senhores Antonio da Maia Pessoa, orador do Gabinete Português, João Duarte Filho, João Batista Ferreira da Silva, Antonio Caphedório de Carvalho, Manoel de Holanda Cavalcanti, Manoel Ferreira Mendes que recitaram discursos e poesias e não havendo nada mais a tratar-se o presidente levantou a sessão lavrando-se esta ata que subscrevo e assino; em aditamento, que foram eleitos primeiro e segundo secretários da diretoria, Manoel Marinho do Nascimento Valois e Manoel de Holanda Cavalcanti. Eu Custodio da Silva Fragoso subscrevo-me e assino.

Nesta tribuna de encerramento, além do soneto de Ferreira Mendes já recitado, a oração proferida pelo doutor João Duarte Filho, representante da Sociedade Nova Emancipadora, enviado do Recife, cujo discurso encontra-se reproduzido na mesma Edição do Diário de Pernambuco. Uma pérola sobre a importância destas sociedades literárias e suas bibliotecas:

Meus Senhores, Excelentíssimas Senhoras. (...) Eu procurarei harmonizar o meio melhor de externá-lo, fazendo patente a necessidade dupla da execução dessas idéias, únicas compatíveis com o progresso e a civilização do País (...) Falo, senhores da efusão das Luzes por meio da Ciência e da Literatura, e da liberdade indispensável, isto é, da consciência que todos devemos ter do quanto valem, lembrando-nos que, se igualdade tem origem celeste, é que sem ela jamais desaparecerá dentro dos homens a errônea presunção, as superioridades absurdas! (...) Eis as duas bases que sustentam o perene alicerce da geração atual: ciência e liberdade! (...) Ânimo, pois, senhores do Clube Literário de Palmares! Trabalhar é a divisa mais sagrada com que a criatura pode se recomendar perante Deus e a Sociedade!

As bases que sustentam “o alicerce da geração atual: ciência e liberdade”. O ufano João Duarte reproduz o discurso dos chamados “positivistas abolicionistas⁶⁵” – em cujas fileiras intelectuais aparecem, entre outros, Clóvis Bevilácqua, Silva Jardim, Martins Júnior e os expoentes da “Escola do Recife”, Tobias Barreto e Silvio Romero – que defendem a modernização do país, conquistando-se a *ciência* no seu estágio mais evoluído e positivo, cujo modelo está na civilização moderna européia, abolindo-se a “aberração” do trabalho servil e, em seguida, “incorporando” o elemento africano “economicamente e moralmente” à sociedade.

Questões silenciadas no discurso, mas evidenciadas na convocação aos sócios do Club – “ânimo senhores, trabalhar é a divisa mais sagrada” – esperando que, pela ilustração gradativa da elite local, também se atinja o que está latente na “imaginação do progresso” que o país em breve alcançará pelo desenvolvimento *científico*. Eco de muitas falas distantes, mergulhadas em inúmeras contradições, porém essenciais para formação do campo

⁶⁵ Segue-se classificação utilizada por Alonso (2003), p. 346.

intelectual, adiante pretensamente desvinculado das filigranas dos cargos estatais e das rotas de consagração traçadas por um seletivo grupo de eruditos que a Corte perfila, deixando à margem os jovens doutores que formam a *rede* de contestação do reformismo. O cuidadoso João Duarte Filho demonstra que fala para uma platéia diversa no status, no bolso e nas idéias.

Adolpho Firmo de Oliveira	João Sabino Pereira
Afonso Marinho Cavalcanti	João Tolentino Ribeiro
Alexandre Coelho da Silva	Joaquim Lúcio Monteiro da França
Antonio Caphedório de Carvalho	Joaquim Candido de Miranda
Antonio Carlos Soares Avelar	Joaquim Firmo de Oliveira
Antonio Cezar Pinto	Joaquim G. Albuquerque Pinto
Antonio Joaquim de Nascimento Barros	Joaquim Lopes de Silveira
Augusto Higyno Cunha Souto Maior	José Batista Marques Dias
Augusto Rufino	José Bernardo da Silva
Austriclinio de Castro Paz Barreto	José Firmo de Oliveira
Constantino José da Silva Braga	Julio César de Paiva
Custódio Floro da Silva Fragoso	Lauro Augusto Henriques da Silva
Domingos Joaquim Rodrigues	Leonel Augusto da Costa
Edmundo Piley Cox (inglês)	Manoel de Holanda Cavalcanti
Elisário Adolpho de Paiva	Manoel Marques Dias
Eloy Hermínio Ferreira de Almeida	Manoel Gonçalves Ferreira Mendes
Ernesto Adolpho de Paiva	Miguel Rodolpho de Barros
Fiel Granjeiro	Minervino Francisco Lobo
Francelino Manoel de Santa Rosa	Padre Manoel
Izácio Mathias de Almeida	Prudêncio de Oliveira Pimentel
João Barbosa de Carvalho Drumonnd	Raymundo dos Anjos Fialho
João Batista Alves Ferreira	Sebastião Braga de Freitas
João Batista Ferreira da Silva	Sizenando Hilário Ramos
João Felix Pereira	Vigário Tertuliano

QUADRO 4: *Relação dos sócios presentes à Inauguração da Biblioteca de Palmares, inaugurada pelo Club Litterario de Palmares, em 02 de outubro de 1882.*

3.2. OS ESTATUTOS DO CLUB E O PROCESSO CIVILIZADOR

Encontra-se no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Recife) um volume dos Estatutos do Club Litterario de Palmares. Edição 1893, impresso no formato livro de bolso, inclusive, na companhia dos Estatutos do Club Litterario da Vila de São Bento (1882)

⁶⁶ e do Gabinete de Leitura de Gameleira (1878) ⁶⁷. O formato é para “facilitar a distribuição pelos sócios no ato de seu registro”, diz a Direção Executiva de 1893, realizando na sessão de 04 de dezembro, uma reforma nos antigos estatutos, onde se modificam alguns artigos e basicamente se introduz esta novidade: “O Club terá Pavilhões que hasteará nos dias de feriado nacional”.

No decorrer de quase uma década o Club funcionou sob os estatutos que foram redigidos pela “comissão composta dos sócios Sizenando Hilário Ramos, Raymundo Fialho e Leonel Costa e revisados pelo consócio Dr. Alves Lima”. Documento aprovado na sessão de 22 de março de 1885, início do terceiro ano de funcionamento da associação. Um texto baseado em estatutos afins, especialmente do Gabinete Português de Leitura da cidade do Recife.

São em número 43 artigos e umas dezenas de parágrafos, que demonstram o trocadilho perdido naquele órgão noticioso da cidade, aqui citado: “se o carpina sabe usar o trado; advoga o letrado”. Por isto, Alves Lima revisa o texto em impecável “linguagem” forense. Enseja a *escrituração* do *lugar* e o letramento do *espaço*. Lembrando novamente Certeau (1994), sobre o homem ordinário e sua arte comum e corriqueira: “um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”. Portanto, não se trata de apresentar aqui a “letra morta” dos estatutos, porém, persegui-las entre as notícias captáveis nos periódicos locais sobre os sócios, o Club e sua biblioteca, como também, compará-los à redação estatutária utilizada por outras entidades afins.

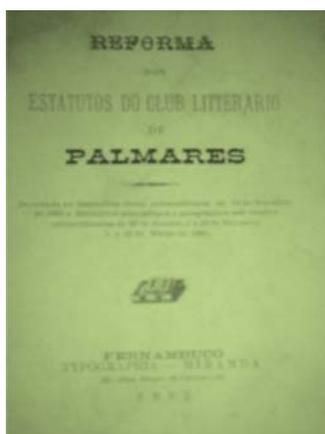


FIGURA 4: *Estatutos do Club, edição de 1895, para distribuição aos sócios, bibliotecas e sociedades congêneres.*

⁶⁶ São Bento do Una, atual município da região agreste de Pernambuco.

⁶⁷ Atual município da Gameleira, zona da mata sul de Pernambuco.

A parte introdutória dos estatutos é dedicada às finalidades, admissão, direitos e deveres dos sócios. Ela se define no horizonte criado por estas associações interessadas no “aperfeiçoamento literário” dos sócios: “Art.1º. O Club Litterario de Palmares é uma sociedade que tem por fim promover a instrução, concorrer por todos os modos para o progresso das letras e aperfeiçoamento literário dos associados”.

Chama atenção, contudo, a generalidade das expressões “promover por todos os modos” “o progresso” da *instrução*, das *letras* e cultura literária. Pois, apesar de vários acontecimentos registrados na imprensa relativos à biblioteca e ao salão literário, ou a representação do Club em eventos locais e até interprovinciais, não há notícias de ações duráveis no intuito da formação dos sócios. O manejo dar-se mais no discurso e incorpora o ranço beletrista comum entre os literatos da época.

Textos espalhados para colunas de jornais e comunicados oficiais. Principalmente, quando da consulta a sócios correspondentes (literatos com publicações consideradas relevantes), editores de periódicos e entidades nacionais e internacionais que franqueie coleção de livros ou revistas especializadas. Há registros, por exemplo, de correspondências desta natureza com o Instituto Geográfico de Lisboa⁶⁸ e com os Institutos Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, Minas Gerais e com o IHGB.

A admissão e a tipologia de sócios, por sua vez, correspondem ao modelo unitário de composição dos clubes, destacando-se o *procedimento moral e civil* como requisitos básicos para ingresso: “Art. 3º. Poderão ser sócios do Club pessoas de um ou outro sexo, sem distinção de classe nem nacionalidade, as quais tenham bom procedimento moral e civil”. Inspiração para formar estas categorias de sócios, distribuídos entre efetivos, correspondentes, beneméritos, honorários e subscritores⁶⁹, distribuídos na sua primeira diretoria.

Os estatutos estabelecem que os sócios honorários também sejam aqueles visitantes oficiais, dispensados de obrigações pecuniárias com o Club: o governador da província, o inspetor geral da instrução pública e o bispo diocesano. O sócio subscritor, por sua vez, é respaldado pela indicação de um sócio efetivo e seu nome submetido à aprovação do Conselho ou da Assembléia Geral.

⁶⁸ Cf. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1882, p. 52.

⁶⁹ Uma leitura das Atas de fundação do Club e das notas na imprensa da época possibilita a quantificação por categorias de sócios, considerados aqui no período de outubro a dezembro de 1882.

Sócio	Condição de Acesso	Quantidades em 1882
Efetivo	Residente na Comarca, indicado por sócio ao Conselho Diretor ou Assembléia Geral, mediante “jóia” de 5\$000 réis e mensalidade.	39
Correspondente	Residente fora da Comarca, convidado devido publicação de escrito de reconhecido valor literário ou científico.	-
Honorário	Pessoas que ofereçam coleções de livros e quantia não inferior a 50\$000 réis.	04
Benemérito	Pessoas qualificadas devido a relevantes serviços prestados ao Club, abonadas das mensalidades.	05
Subscriber	Pessoas residentes na Comarca e aprovados pelo Conselho Diretor ou Assembléia, mediante anuidade de 10\$000 réis, sendo homens, e 1\$000 réis mensais sendo senhoras.	63
	Total de Sócios	111

QUADRO 5: *Relação da composição no ano de sua fundação (1882), considerando a categoria atas e notas enviadas à imprensa.*

Fato que reforça o traço socialmente cordato na composição destas sociedades literárias. Qualidade que estreita o ingresso às academias de inspiração burguesa. Afinal, “pertencer à elite *implica* também certa preferência artística e uma determinada sensibilidade” (VOVELLE, 1997) que são reforçadas nas práticas de convívio refinado e, assim, restritamente distribuído.

Práticas importadas da experiência européia. “Os clubes, originalmente club, surgiram na Inglaterra do século XVIII, mas no século XIX atingiram o auge como local onde se reuniam pessoas refinadas” (NEEDELL, 1993, p. 383). Portanto, organizados na intenção do refinamento, fato que exige do sócio “portar-se com moderação e decência na sede do Club e com especialidade nas seções solenes”. Para isto, são estabelecidos códigos de convívio que prefiguram o comportamento no salão literário e na biblioteca. O *habitus* que valoriza o indivíduo, seu condicionamento e autocontrole. Situação que Michel Foucault atribui como docilização do corpo no espaço e no tempo. Características de vigilância e punição que se incorporam às estratégias de controle social, que o Iluminismo estabelece como principal dúplice civilizatório ao correlacionar *liberdade e disciplina*.

Esta tentativa de “civilizar” o comportamento do sócio é mais uma vez expressa no artigo 30: “são proibidas as discussões políticas, religiosas e outras contrárias aos assuntos das reuniões”. Uma advertência que busca evitar polêmicas entre os sócios, considerando de antemão sua pluralidade e perfil, que tornam inevitáveis as disputas sobre muitos pontos de vista divergentes. O alcance prático desta *proibição* é encaminhar as solenidades do Club, harmonizando-as sob o manto da idéia de elegância e sofisticação. Algo comum às demais sociedades literárias da época. Por exemplo, nos Estatutos do Club Litterario de São Bento aparecem *proibições* desta natureza, ainda mais explícitas e direcionadas:

São proibidas as discussões políticas nas reuniões da Associação que refiram-se à localidade e possam ofender a qualquer dos grupos políticos representados na mesma Associação; e as discussões religiosas que forem de encontro à religião católica apostólica romana.

O que se espera no clube de São Bento é evitar a reprodução das disputas locais no âmbito das seções literárias. Disputas que podem enfraquecer a Associação e afastar importantes financiadores de suas atividades. Também, vir a provocar complicações com a Igreja, considerando o momento político de propagação de críticas sofridas pelo clero católico e sua pretensa autoridade sobre o saber. A tese ilustrada de que a religião oficial, valendo-se de preconceitos e dogmas, ofusca o progresso da ciência. Argumentos insuflados desde a *querela religiosa* episco-maçônica de 1872 (BARATA, 1994), que fratura a instável relação entre o Estado e a Igreja.

Questão que aparece implícita no cuidadoso estatuto e, também, além de reconhecer a importância da ilustração do clero, resulta no convite à presença de padres nas direções executivas – no Club de Palmares, o vigário Tertuliano foi o primeiro vice-presidente – o que demonstra que a iniciativa civil das *sociedades de leitura* interessa ao tradicional monopólio do clero sobre a difusão de livros e leitores. Principalmente, nestes espaços considerados redutos provinciais de bispos e dioceses, implicados politicamente com o padroado e a representação do Império. A legitimação local do trono, onde “os braços estatais *são* mais curtos” (ALONSO, 2003), funcionando o clero católico uma correia de transmissão das vontades da corte:

Esclarecendo a população de nossos sertões e do interior do Brasil que, em geral, pouco ilustrada, tanto carece de quem, inspirando-lhe fé – a guie pelos suasórios à obediência às autoridades e a chame ao caminho legal.⁷⁰

⁷⁰ Cf. Atas do Conselho de Estado, 09 de setembro de 1875, p. 37, citada por Alonso (2002).

Exemplos de que os estatutos dos clubes literários brasileiros de final do século se constroem no liame entre o *repertório* europeu das *Luzes* e a tradição imperial. Combinam um misto de tradição, ilustração e experiência boêmia. Adaptam-se às questões locais, porém dão corpo à *rede* que reivindica a experiência moderna. Quando os estatutos estabelecem *direitos* e *deveres* são mobilizados pela identificação de “sociabilidade” como sinônimo de “civilização” – processo que faz prosperar salões, clubes e academias – algo que deve resultar, por isto mesmo, em *punições* nos casos que contrariem o convívio entre os membros dos clubes ou afetem criminosamente a sociedade, como prevêm os estatutos de Palmares:

Ficam suspensas as regalias de sócios efetivos, aqueles que perturbarem a ordem nas discussões ou praticarem dentro do estabelecimento atos ofensivos ao decoro e respeito que deve reinar entre os membros do Club. (...) Serão imediatamente eliminados os sócios que forem condenados por crime infamante, e não poderão jamais fazer parte da entidade.

Uma clara demonstração da vontade de disciplina que clubes, salões e academias impõem aos sócios, inspirados no processo civilizador moderno. Condição que afeta também o sócio leitor e sua relação com a biblioteca, os livros e os demais usuários, transformados pelas boas condutas que exaltam “o mais conspícuo” da civilização.

3.3. OS LIVROS E OS LEITORES NOS ESTATUTOS DO CLUB

A *sociedade de leitura* na forma de clube é estatutariamente um espaço de direito privado. Ganha uma vida estatutária que regula o uso exclusivo da biblioteca e do livro pelo corpo de sócios. Um conjunto de deveres que prevêm o comportamento e, no caso da falta de conduta, restrições e punições que advertem ou até eliminam o infrator. Portanto, a lógica nesta construção estatutária é a *disciplina*. Um fundamento essencial da vida moderna, que segue a crescente atomização do indivíduo e sua alteridade cada vez mais onipresentes nas relações urbanas modernas. Argumentos defendidos pela Ilustração europeia desde o século XVIII, que ganham ênfase local na segunda metade do século XIX, estruturados entre os *homens de letras* brasileiros como “a crença absoluta no poder das idéias, na confiança total na ciência e na certeza de que a educação intelectual é o único caminho para melhorar os homens, transformar a nação e ilustrar o país” (BARROS, 1986, p. 9).

Os estatutos do Club estão, por isto, marcados nesta perspectiva intelectual da chamada Ilustração brasileira. Logo, tratam o sócio leitor como alguém civilizado, que deseja “melhorar-se pela educação” e instruir-se na “boa” literatura depositada e disponibilizada na biblioteca, mantida para uso exclusivo dos sócios. O direito de acessar “livros, jornais e mapas”, respeitando o regulamento interno que introduz as práticas bibliotecárias modernas: a obrigação de “fazer silêncio”, os rituais da leitura silenciosa, as doações e o empréstimo de livros, seus prazos, manejo e cuidados de arquivo e registro. Principalmente a advertência para “não transmitir a pessoas estranhas, sociedades ou a sócios excluídos, o direito que tem de tirar livros na biblioteca para seu uso”, quebrando os compromissos com o Club e sua organização de natureza privada, aberta exclusivamente para sócios efetivos ou subscritores.

Podem até parecer “normas” ordinárias de uma instituição de índole “burguesa”. No entanto, antes de tudo, representam o aprofundamento das demandas do processo civilizador, que define na modernidade, tanto a “distribuição” como a “não distribuição” dos bens da cultura. Mecanismos que garantem as instituições modernas funcionarem enquanto espaços civilizatórios. Assim, o livro, a leitura e o leitor – que aparentemente aparecem *livres* em sua sanidade intelectual – não podem passar ilesos ao longo desta corrente civilizatória, objetivando-se remodelar as artes do homem comum até o mais elevado signatário dos propósitos da ciência. Todos, enfim, têm a tarefa de dominar a escrita: “a generalização da escritura provocou, com efeito, a substituição do costume pela lei abstrata, das autoridades tradicionais pelo Estado e a desagregação do grupo em benefício do indivíduo” (CERTEAU, 1994). Afinal, quem bate à porta do Club não é um *grupo*, mas um indivíduo. O *herói* letrado que se destaca acima da multidão, pelo fato de saber ler e escrever, pronto para comunicar e interagir com as novidades que o “alto grau de civilização” oferece ao homem-leitor.

Uma alegoria da *linguagem* que vive à medida de intercâmbios constantes, entre as magníficas cidades modernas e estes lugarejos conectados pela ferrovia, o telégrafo e o jornal diário. O algo mais que ultrapassa a teoria da recepção passiva ou a idéia de modelos miméticos assimilados. Melhor dizendo, não basta se verificar sua recepção (ou seja, a decodificação daquela linguagem filtrada entre a memória e a narração oficial, que pode levar à constante impressão de sucesso dos eventos passados conduzidos pela elite de qualquer lugar). Ela, a linguagem, a exemplo da história, também deve ser conhecida “a contrapelo”. Interpretada na corrente contrária do que é posto como “realidade” do discurso. Textos escritos pelos homens que atravessam os escombros e a barbárie que todo documento de cultura carrega e contamina (BENJAMIN, 1994, p. 225):

Não há um único documento de cultura que não seja também um documento de barbárie. E a mesma barbárie que o afeta, também afeta o processo de sua transmissão de mão em mão.

Ora, o mais civilizado documento da cidade – produzido no “sucesso” do Club Litterario de Palmares – ainda será um documento da barbárie que lambuja suas ruas e becos ou remove a fuligem das caldeiras e cava o chão na “soca” do plantio secular da cana-de-açúcar. O que impressiona, na leitura dele, é não aparecer referências sobre acontecimentos humanos tão corriqueiros e ordinários como as queimadas anuais. No seu lugar, surgem os motivos de contemplação de uma natureza bucólica e arcádica. Uma inversão recolhida na leitura dos românticos ou pulando para o realismo das mazelas urbanas, distantes dos conflitos primitivos do homem que enfrenta o eito, a insolação ou a enxurrada que o letrado do Club não faz menção, nem mesmo quando o trem emperra nas viagens chuvosas.

Este homem empalidecido é o iletrado. 85% das almas da cidade, “dependentes do progresso” dos que sabem ler e escrever, inclusive em outro idioma, como é o caso do primeiro presidente do Club, Dr. Higino da Cunha Souto Maior, que não percebe estigmatizar o analfabetismo, quando usa seu francês de cartilha, na sessão literária de 13 de março de 1884: *C'est pou montrer adhésion à tout ce qui favorise la propagation de l'instruction que je prends lá liberté de laissair nom non ici.*

Souto Maior exibindo erudição deixa seu nome no *Álbum do Club*. Ao mesmo tempo exerce o prestígio das doações de coleção de livros que fez, a “jóia” de 5\$000 que pagou e a reunião em que coordenou o lançamento do Club. O presidente está no exercício pleno dos direitos de sócio honorário. Acredita “encurtar” as distâncias entre a pequena cidade e o resto do mundo, ajudando na criação da “ilha” civilizada, sempre à mercê dos perigos ignorantes que a rodeiam. É preciso, por isto, ler os códigos capazes de referendar o modelo de homem instruído, que pode freqüentar os salões recifenses, cariocas, franceses, com a mesma desenvoltura e elegância, ainda que atravesse ruas de barro batido e dispense fixar os olhos na rudeza e acanhamento da cidade.

Notas e comunicados oficiais da secretaria do Club, registradas nos periódicos locais, principalmente nos primeiros anos de funcionamento, contudo, trazem as dificuldades de fazer cumprir os famosos estatutos. Um aviso assinado pelo secretário Leonel Augusto da Costa, dois meses após o texto em francês de Souto Maior, publicado no Echo de Palmares, em 15 de maio de 1884, diz: “da ordem do ilustríssimo senhor presidente desta associação, faço saber aos senhores sócios que se acham atrasados nos pagamentos de suas mensalidades e jóias e aos que tem em seu poder livros a mais de trinta dias, que lhes fica marcado o prazo

de um mês para realizarem o pagamento de suas dívidas e o recolhimento dos livros, findo o qual, lhes serão aplicadas as disposições do artigo 6º dos estatutos provisórios”:

Fica proibida a saída de obras aos sócios: quando deixarem de satisfazer as mensalidades durante dois meses; quando deixarem de entregar as obras que tiverem tirado, depois de decorridos 30 dias, além do prazo concedido para a leitura.

Não é, pois, a *letra morta* da regra que consegue manter em funcionamento o Club. Seus estatutos são quebrados também, aliás, como são os códigos de todas as instituições que emergem da esfera pública moderna e, portanto, focadas no indivíduo como um *herói*, esvaziam a experiência coletiva. O que reforça a leitura de que os estatutos são peças de auto coerção, não refletindo somente a “moda” de montar clubes literários e dotá-los de pessoas refinadas, incapazes de não pagar as mensalidades ou devolver os livros que recolhem na biblioteca.

A nota que sai no jornal é, ao contrário, a tônica da vida cosmopolita que se forma: a impessoalidade que personifica sua exibição destaca a obrigação e também recomenda a vigilância e punição do indivíduo. O único responsável de seus atos, alertado anonimamente que corre o risco de exclusão dos quadros do Club. Pode-se afirmar, que o risco constante de constrangimento pauta virtualmente os recintos destes clubes, dedicados ao culto das virtudes e etiquetas públicas modernas, até porque desejam elevar-se acima do cotidiano onde se encontram o atraso e a barbárie.

Os estatutos prevêm, por exemplo, o que fazer quando se extraviar ou estragar um livro e também quando o sócio faltar com respeito aos funcionários da biblioteca:

O extravio de um volume de qualquer obra, arrancamento de folhas ou outra qualquer grave dano, obriga o pagamento por inteiro de seu custo ou duplo se for edição esgotada... Quando desatenderem insultando acintosamente os funcionários da Biblioteca do Club, a juízo de uma comissão, o sócio poderá ser excluído.

Atravessando, finalmente, os códigos de convívio, conduta e uso, percebe-se que a leitura é tratada como uma atividade diletante, dedicada à idéia da arte pela arte. Sentimento que estimula os salões literários da *belle époque*. O livro continua um bem material e intelectual, seguindo a lógica de acesso elitizado, evidentemente letrado e simbólico: somente compram livros os homens de dinheiro! E o leitor, um homem civilizado com obrigações cristãs, humanitárias e civis. Caso coincida a condição de literato, um homem de letras, antes de tudo, capaz de reproduzir a cultura auditiva melhor assimilada por um público, ainda que alfabetizado e tradicionalmente pouco interessado na leitura de livros. Assim, a indócil cidade

letrada manda e recebe notícias. Ergue suas fronteiras que são maiores que o Club, porém, recepcionando-o como sua fortaleza de destaque. O cartão de visitas que Martins Júnior tão bem sintetiza em louvor à Biblioteca de Palmares, dia 16 de novembro de 1891:

Palmares comercial, Palmares laboriosa, Palmares disposta a todas as expressões da atividade material, não é só grande foco de população e de trabalho que honra Pernambuco, é também a cidade que aqui é grande pelo seu desenvolvimento moral, pela cultura de seus habitantes. Por isso, é que ela tem a felicidade e pode ter o orgulho de apresentar aos que aqui chegam uma instituição como o Clube Literário, onde se exalta a prova mais alta de que nesta grande e bela cidade se trabalha, se pensa e se sente também.

Por tudo isto, dezesseis anos após sua fundação, o Club é referência na construção da memória local. Ela envolve a “abnegada” e “heróica” experiência letrada e, ao mesmo tempo, se deposita como ícone da história do lugar. Uma representação daquele “progresso” que se constrói nos primórdios da cidade e que o visitante da Biblioteca do Club reproduz em seus comentários. Um discurso eternamente agradecido aos *heróis* fundadores e sua iniciativa civilizatória, que se projeta nas constantes retomadas da associação até a década de 1910. Contudo, o desafio de manter a biblioteca e propagar o hábito da leitura denuncia a situação do Club nestes primeiros anos do século XX. Uma nota da *Gazeta de Palmares*, jornal que circula na cidade no período de 1907 a 1911, trás um comentário irônico sobre a situação que acusa a falta de público leitor como a infelicidade de livros e bibliotecas: “não são poucas as vezes que se tem repetido esta frase, quase tornada um aforismo: no Brasil não se lê”. A matéria intitulada “Poeta?”⁷¹ faz uma crítica a ausência de leitores e, também, ao fato daqueles que são os responsáveis pela poesia nacional, ler pouco e se contentar praticamente com os livros de Casemiro de Abreu, Castro Alves e Gonçalves Dias. Continua adiante a mesma fina ironia: “com esta biblioteca mais que abundante tem se forjado a maioria de nossos poetas provincianos”. Fato que demonstra a distância entre a exaltação que os clubes literários procuram promover e a realidade que o livro enfrenta diante da histórica falta de leitores. Aliás, a idéia de mobilizar os letrados para frequentar as bibliotecas “populares” exige a defesa desta prática comum entre os povos civilizados: exaltar o hábito da leitura, para esconder positivamente outras carências.

⁷¹ A *Gazeta de Palmares*, edição de 16 de agosto de 1908.



FIGURA 5: *Club Litterario de Palmares*, jornal comemorativo do 16º aniversário, publicado em 23 de outubro de 1898.

Uma representação do pensamento dos *continuadores* do Club, a respeito da necessidade destas bibliotecas “populares”, aparece no artigo escrito pelo *orador* da associação doutor Manoel Henrique Wanderley⁷². Um texto de 1898 que sintetiza tais preocupações, inclusive citando uma suposta declaração de Benjamin Franklin, *pai fundador* da Biblioteca da Filadélfia: “como cada um de nós tem um volume, si pusermos todos em comum, nossa associação fará com que cada um de nós tenha doze volumes. Ponhamos em comum cem, duzentos, trezentos, mil volumes, e cada um terá cem, duzentos, trezentos, mil volumes à sua disposição”.

Esta *equação* aritmética é vista pelo *orador* como uma representação do que heroicamente ocorreu em 1882: “pensando do mesmo modo, diversos cidadãos altruístas e obreiros (...) fundaram nesta cidade o *Club*, o qual, embora lentamente, tem sempre progredido”. Por traz da analogia entre as iniciativas de Franklin e Souto Maior, está “o sonho da biblioteca universal”, alimentado pela idéia iluminista: “a partir das práticas privadas de cada um, construir um espaço critico das idéias e das opiniões”. O ideal kantiano do homem que ao mesmo tempo é leitor e autor, capaz de emitir “juízos sobre as instituições de seu tempo” (CHARTIER, 1999, p. 134). Assim, o artigo que se divide em três partes, destacando a importância do livro, da biblioteca e da leitura, define o bem universal dos trabalhadores do

⁷² Jornal comemorativo *Club Litterario de Palmares*, 1898, p. 4.

“mundo moral”, enquanto, os trabalhadores do “mundo *physico*” possuem o “celeiro” que estoca os alimentos do corpo.

Um discurso à moda dos positivistas abolicionistas de dez anos atrás, *deslocado* da mesma questão mais profunda que separa socialmente o letrado e o iletrado. Algo que se justifica no distanciamento que os discípulos do positivismo operam entre o mundo moral e o mundo físico, valendo-se de um discurso retórico e metonímico, bem ao gosto da prosa acadêmica da época:

Como os trabalhadores do mundo *physico*, os do mundo moral, para não perderem seus esforços, careciam de um depósito onde recolhessem seus produtos. Para isso inventou-se o livro, que está para o mundo moral na mesma razão em que o celeiro esta para o mundo *physico*. Do mesmo modo que o celeiro guarda o alimento do corpo, o livro guarda o alimento do espírito, é o depositário das ciências, das leis, dos acontecimentos e dos costumes. Daí se conclui que o livro é um dos motores do mundo, a sua influencia compreende a vida material, moral, intelectual dos povos⁷³.

Adiante, Wanderley faz uma pergunta: “mas, o que seria do livro sem a leitura?”. Responde: “o mesmo que um piano ou uma harpa sem o exercício produtor dos sons e as combinações produtoras da harmonia”. Continua: “O livro, portanto, só é útil para quem lê”. Conclui: “Infelizmente, porém, a maioria dos homens não lê. Uns nem sequer procuram a leitura por distração. Outros a querem, mas não podem comprar livros por serem caros”. O Club Litterario é deste modo, a instituição que defende a “necessidade das bibliotecas populares” capazes de reverter tal situação:

Que os palmarenses, atendendo que as bibliotecas populares estão para as comunicações do mundo moral na mesma razão da via - férrea e do vapor, para o mundo *physico*, continuem a prestar o mais dedicado apoio ao Clube Litterario.⁷⁴

O artigo faz ressoar no Club, portanto, o debate que a novata “República de uma década” expõe nos principais jornais do país: “a educação é a redenção nacional”. Mas, na prática, sem concluir qualquer tarefa na direção de uma educação republicana, voltada à alfabetização da população, o regime da Constituição de 1891, mantém o discurso liberal que alinha os letrados às bibliotecas e livros, claramente optando pelo perfil de um cidadão leitor formado nas camadas sociais da elite ou daqueles setores médios urbanos organizados em profissões da administração privada e pública (os trabalhadores do mundo moral), preterindo a grande maioria de brasileiros destinados ao trabalho manual, braçal e serviçal (os trabalhadores do mundo *physico*).

⁷³ Idem, p. 04.

⁷⁴ Idem, ibidem.

“Civilizar por cima”, portanto, é a tarefa que dissemina os clubes literários. O cenário que ver proliferar uma cultura impressa, escrita por uma minoria cuja aparente rigidez ética e o apelo moral constroem estatutos de convívio, costumes e usos, que logo desvanecem na prática cotidiana de uma sociedade desigual, hierárquica e de mando político autoritário. A cidade que manda notícias de civilidade é a mesma que exclui e oprime “os pés descalços”. No máximo freqüentam a escola, cujas paredes estão erguidas no discurso letrado e bem pouco na paisagem da Pátria, agora decantada em verso e prosa, homenageada pelos pavilhões que se manda hastear nos dias feriados na entrada do Club Litterario. Novidade que simboliza *ordem e progresso* e que manda suas notícias pela imprensa.

4 A CIDADE LETRADA MANDA NOTÍCIAS: O CLUB E A IMPRENSA

O olhar percorre os caminhos como páginas escritas: a cidade diz tudo aquilo que deves pensar (...) não fazes mais do que registrar os nomes com os quais ela se define a si própria e a todas as suas partes.

Ítalo Calvino, Cidades Invisíveis (1990).

A história do Club Litterario de Palmares se puxa também de uma mecha de notícias de jornal. Um fio pelo labirinto da experiência urbana. *Caminhos como páginas escritas* que se inventam importantes, numa dezena de periódicos, assembleias literárias e debates sobre as novidades do progresso. Sintomas do repertório difundido pelos *modernistas de 1870*, produtor e consumidor de textos espalhados da tribuna de opinião em que se transformou a chamada “nova imprensa”:

A nova imprensa era um dos fóruns de exposição e debate dos diagnósticos do Brasil que a Geração 1870 vinha edificando, bem como de propedêutica de seus projetos reformistas. Era um dos pilares do pequeno espaço público do Brasil oitocentista. O outro eram as associações. (ALONSO, 2002, p. 281).

Por isto, a intenção aqui é verificar como estes “pilares” se relacionam com o Club Litterario. Afinal, demandaram a publicação de periódicos locais. História que reúne o exame da produção de impressos, distribuídos pela insistente necessidade de mandar notícias mundo afora. O que significa, antes de tudo, participar da circulação de jornais e revistas. Fato que rompe a antiga exclusividade de privilegiados leitores. Assim, a imprensa periodista guarda tanto as tarefas “em prol da comunidade” onde atua, como a necessidade de oferecer, pelos correios e malotes ferroviários, o intercâmbio com outras praças. São freqüentes as notas do Club enviando ou recebendo *folhas* de muitas procedências e formatos.

Esta *escrituração* das cidades possibilita traduzir a vida urbana, torná-la menos estranha, mais próxima das cores do dia-a-dia de ritmos e ritos modernos, que, ainda ontem, aguardavam notícias ansiosas vindas exclusivamente da Capital. Às vezes, o retorno espaçado de uma “notinha” para falar de acontecimentos muito díspares e já bastante atrasados. Assim, aos poucos, a cidade participa do circuito dos impressos, tecnicamente favorecida pela introdução do telégrafo e aquisição de tipografias. Situação que barateia a impressão das *folhas* e faz do periódico um indispensável veículo de divulgação de idéias e notícias (ALBERT e TERROU, 1990).

O aparecimento do primeiro jornal da cidade, o *Echo de Palmares*⁷⁵, em outubro de 1883, um ano após a fundação do Club, bem demonstra que o “novelo” da história da imprensa tem seus fios multiplicados pelo mais amplo cenário de práticas letradas. Aliás, o Club protagoniza a instalação da primeira prensa da cidade. Além disso, o proprietário do jornal, seu redator, seus colunistas e alguns de seus distribuidores tornam-se sócios do *book club* e do salão literário. Espaços mais dinâmicos que passam a arremessar notícias locais na *rede* de associações congêneres, academias e bibliotecas. Não à toa, os periódicos transformam-se na grande vitrine da literatura. Fato que amplia consideravelmente o interesse pela leitura circunstanciada, cotidiana e efêmera, consumida principalmente nos centros urbanos mais populosos.

Algo diferente daquela imprensa tutelada pelo cânon imperial, a chamada “nova imprensa” incorpora, com força, a função de propagar as *letras* nacionais e toda invenção de folhetins, poemas, anagramas e charadas que especulam de pronto a curiosidade e a discussão junto aos leitores de poetas, cronistas, humoristas, charadistas e polemistas, que se apertam nas concorridas páginas dos *órgãos lítero-noticiosos*. Por isto, os chamados *homens de letras* encontram a possibilidade de formar um público leitor, tanto entre as oligarquias tradicionais como entre os segmentos letrados da base social. Aliás, este fenômeno do impresso informativo segue “a nova face das notícias” (POPKIN, 1996) que os jornais franceses “durante a Revolução” buscavam na conquista do público⁷⁶. A mesma opção “pedagógica” dos literatos brasileiros, para “civilizar” o público e atuar como arautos de sua opinião política e literária.

Senão, perceba-se aqui: um levantamento dos periódicos impressos em Palmares, durante a trajetória de trinta anos do Club, demonstra a extensa combinação de suas atividades com os jornais locais publicados entre os anos de 1883 e 1910 (relacionados no Anexo VI). Leitura que possibilita enxergar o desempenho propriamente literário da associação. Um exemplo é a Revista *Archivo Litterario de Palmares*⁷⁷, publicada em 1893, pelos jovens diretores do Club, poetas Fernando Griz e Fábio Silva. A dupla que é responsável também

⁷⁵ Cf. NASCIMENTO, Luis. **História da Imprensa de Pernambuco (1821 – 1954)**. Vol. XIII, Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002, apresenta o *Echo* como o primeiro jornal impresso em Palmares.

⁷⁶ Segundo Popkin, “a variada e colorida sucessão de jornais criados pelos jornalistas revolucionários franceses” da segunda metade do século XVIII, ajudaram “estruturar o novo mundo da cultura política francesa”, desenvolvendo e diversificando os impressos naquele país. Cf. POPKIN, Jeremy D. **“Jornais: a nova face das notícias”**. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.) **Revolução Impressa: a imprensa na França, 1775-1800**. São Paulo: EDUSP, 1996.

⁷⁷ No formato livro de bolso, encontra-se arquivado na Biblioteca Blanche Knorr (item P808 – OR), Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE), um volume reunindo cinco edições da revista, basicamente poemas de Fernando Griz, Fábio Silva, Fenelon Ferreira e outros.

pela “imprensa” do Club nas publicações *A Semana* (1892) e no jornal comemorativo *Club Litterario* (1898), que narra como ocorreu a solenidade de fundação da associação e os primeiros tempos “literários” da cidade, registrados nas páginas pioneiras do *Echo* e da *Gazeta*.

História que atravessa mais de uma década, coincidindo a trajetória do Club com a fase onde se mistura jornalismo, política, literatura, negócio editorial e a aventura de concorrer com o impresso que vem do Recife, transportado diariamente pela locomotiva. Concorrência que resulta no inevitável conjunto de obstáculos, que leva os periódicos a enfrentar enormes dificuldades comerciais e políticas para sobreviver além do entusiasmo e condições iniciais. É possível, deste modo, conhecer a interação do Club com outras cidades, principalmente Recife. São importantes, neste intuito, alguns números do Diário de Pernambuco de 1882 e de *folhas* que enviaram redatores às seções literárias e à biblioteca do Club – *O Lidador*, *Jornal da Tarde* e *Jornal do Recife* – conforme relatam os autógrafos do *Álbum de Visitas*, demonstrando o intercâmbio que a cultura impressa tanto prezava:

Em nome da redação do Lidador felicito ao Clube Literário de Palmares e faço votos pela sua prosperidade. (José de Almeida Maciel Rego Barros)...Como redator do Jornal da Tarde do Recife, saúdo aos iniciadores do Clube Literário de Palmares e faço votos pela sua progressividade. (Pancho de Barros Pimentel)... Que a instrução se difunda em todos os círculos desta florescente cidade. (Luis Mendes, enviado do Jornal do Recife).

Verifica-se, assim, que a relação entre o Club e a imprensa é consecutiva à extensão pública de seu objeto de promoção das letras e da instrução. Ou seja, o núcleo de letrados palmarenses manda e recebe textos escritos. Não faz somente estocá-los na forma de livros, jornais e revistas, como à primeira vista pode parecer. Possibilitam, também, a atividade *escriturística* que vai demarcando o letramento que a cidade experimenta em seus novos intercâmbios culturais. Não é mais suficiente a “escola” e a primazia letrada dos colégios religiosos. Não basta a *escritura*, no sentido estrito do termo, usuais nos cartórios, coletorias, fóruns e repartições. É preciso que se acompanhe o espalhamento da letra e a posterior multiplicação da chamada *ordem dos signos* pelo território urbano (RAMA, 1985, p.53):

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta.

Eis, portanto, um comentário inequívoco à questão de destaque destas redes de fragmentação e ordem. Por isto, citando Ítalo Calvino, Angel Rama completa seu argumento

assim: “no labirinto da cidade letrada... o olho não vê coisas, mas imagens de coisas que significam outras⁷⁸”. A aventura urbana que continua pela página indefectível da informação, ainda assim, se encontra embutido um *signo* que “ordena e interpreta” a última novidade. Como faz o anúncio da Casa *La Folie*⁷⁹. Uma confeitaria contemporânea do Club Litterario:

Domingo! Domingo! Domingo!
 Atenção! Muita atenção!
 Atenção rapaziada!
 A casa número três dá-se cerveja gelada.
 Café Ray e cajuada, sorvetes frescos e charutos.
 Só não entram lá matutos com os pés no chão.
 Bons cigarros. À Marques Dias: são raros.
 Tudo a preços diminutos.

É evidente que se trata de uma propaganda, entre tantas outras falando do comércio oferecido nas ruas centrais. Afinal, a edição n.º 18 do *Echo* (06 de dezembro de 1883), naquele domingo, circula cheia de outros exemplos. Mas, este anúncio diz das novas sociabilidades. Declara que a *civilização* não comporta “matutos” descalços. Convoca entusiasticamente os “calçados” para provar os sabores refinados de cafés, cervejas, sorvetes e charutos. Nomes da modernidade que emitem os *signos* de elegância e bom gosto. Mas, no mesmo instante, exala o preconceito com aqueles que a ignorância e o iletramento excluem. Para completar, a leitura do próprio jornal é incorporada à paisagem da confeitaria, constituindo-se, assim, outro *signo* moderno a leitura pública nestes *oásis* de civilização.

Pode-se afirmar, portanto, que os clubes tomam para si o papel civilizador. Aquilo que os intelectuais do *movimento modernista de 1870* assimilam como “progresso”, que somente a ciência se encarrega de preencher satisfatoriamente (SEVCENKO, 2003, p. 105):

A crença no mito novecentista da ciência – intensificado na Belle Époque – consagrava-a como o único meio prático e seguro de reduzir a realidade a leis, conceitos e informações objetivas, as quais, instrumentalizadas pelo cientista, permitiriam o seu perfeito domínio. Uma ciência sobre o Brasil seria a única maneira de garantir uma gestão lúcida e eficiente de seu destino. Desacreditadas as elites tradicionais, só a ciência – e seus Prometeus portadores – poderia dar legitimidade ao poder.

Eis, assim, o “espírito” dos escritos de Palmares, que consultados narram a história dos *fundadores* do Club. Três notas que trabalham aqui as palavras-chave usadas por eles: “A

⁷⁸ Angel Rama cita Ítalo Calvino (*As Cidades Invisíveis*) para demonstrar a importância da *ordem dos signos*, na organização do espaço urbano, considerando que a cidade letrada se vale da sua proliferação para orientar seus transeuntes. Cf. RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Tradução: Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁷⁹ O *Echo* de Palmares veicula esta propaganda, ao longo de vários meses de 1883, cujo texto mistura verso e prosa, na intenção de causar um efeito de humor esnobe.

ação de civilizar: prosa e verso dos *fundadores* do Club”; “O *Echo de Palmares*: entre Civilizados e Homens Brutos”; “A *Gazeta de Palmares*: entre manumissões e notícias do Club”. Notas que ajudam, também, verificar os intercâmbios da sociedade “que manda notícias” mediadas sempre por uma preocupação: elevar o “alto grau de civilização” a que chegou o lugar, depois da criação da associação literária.

4.1. A ação de civilizar: prosa e verso dos *fundadores*

O anúncio da *Casa La folie* faz uma referência implícita à civilização. O que é? Que significado moderno guarda a palavra exaustivamente citada? Para responder é preciso voltar às análises do sociólogo Norbert Elias, trabalhadas no capítulo anterior. Afinal, a expressão é forjada no *ancien régime*. O lugar da sociogênese do conceito é a França. A fonte de inspiração para muitos frequentadores dos salões literários:

Conceitos como *politesse* ou *civilité* tinham, antes de formado e firmado o conceito *civilisation*, praticamente a mesma função que este último: expressar a auto-imagem da classe alta européia em comparação com outros, que seus membros consideravam mais simples ou mais primitivos, e ao mesmo tempo caracterizar o tipo específico de comportamento através do qual essa classe se sentia diferente de todos aqueles que julgava mais simples ou mais primitivo⁸⁰.

Analisando escritos de Mirabeau, o pai, (1749-1771), Elias encontra o termo associado aos verbos *cultivé* – “metáfora” de cultivar o próprio comportamento – e *policé* – de policiar o “padrão” de boas maneiras – objetivando sempre a comparação com aqueles indivíduos mais simples e socialmente inferiores. Neste sentido, o nobre fisiocrata compreende que “o *homme civilisé* deriva uma característica geral da sociedade: a civilização” (ELIAS, 1994, p.55).

Conceito moderno que é desdobrado pelos interesses franceses e ingleses nos tempos da expansão capitalista. Ali a palavra passa a ser sinônimo de *aprimoramento* e *desenvolvimento* dos povos. Assim, passa a ser utilizada segundo pretensões eurocêtricas, acoplada às expressões *cultura* e *progresso*. Fato que acentua o neologismo e realça seus inúmeros usos, por exemplo, transformado agora em jargão político pelas lideranças da reação pós-colonial. Ou seja, os letrados latino-americanos ao questionar as sobrevivências da antiga

⁸⁰ Cf. Norbert Elias, *op. cit.*

ordem, absorvem, no entanto, “as convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, a eloquência da linguagem” (ELIAS, 1994, p. 52). Etiquetas que as academias e salões modernos consagram. Intercâmbios que a Casa *La Folie*, o *Echo* e o Club traduzem na pequena cidade, condenando *in verbis* os “homens brutos” e seu apego ao obscurantismo do passado.

Sobre a idéia de civilização ligada à cultura, Victor Hell (1989:4) observa um artigo onde o positivista Émile Littré (1801-1881) declara que a palavra só aparece no “*Dictionnaire de l’Academie* a partir da edição de 1835, bastante empregada apenas pelos escritores modernos, quando o pensamento público se fixou no desenvolvimento da história”. Assim, as palavras “cultura” e “civilização” deixam o campo estrito das “boas maneiras” e “etiquetas” e passam a significar “o conjunto das opiniões e de costumes que resulta da ação recíproca das artes industriais, da religião, das belas-artes e das ciências” (LITTRÉ, *apud.* HELL, 1989). Surge daí a tensão entre *incluir* homens refinados e *excluir* homens brutos.

A publicidade da casa *La Folie*, portanto, possibilita a exibição da “etiqueta”, das “boas maneiras” e o acesso à civilização, no sentido novo que a *Belle Époque* amalgama. O Club Litterario vai mais adiante. Pretende-se depositário desta nova tradição que cultiva e policia o *homme civilisé*, em nome da ciência e do progresso. Enquanto, o jornal *Echo* escritura as demandas que afetam o cotidiano da “civilização” local. Ambos adotam esta tensão que *inclui* e *exclui* em nome do mais elevado e refinado das convenções modernas. Neste intento afirmativo, *cultura*, *progresso* e *civilização* passam à condição de sinônimos. Numa acepção plenamente antropológica, que tanto abriga posturas miméticas, como, também, evocam ações criadoras e inventivas de uma identidade brasileira.

A *cultura* configura, neste caso, a expressão legítima da busca da nacionalidade. Fato que resulta na oposição entre o “conflito social interno” e a “auto-imagem nacional”. Ocorrências comuns nas sociedades pós-coloniais. Querelas difundidas na imprensa e associações envolvidas com os embates e polêmicas sobre nacionalidade e identidade. Principalmente, quando rogadas a língua nacional e sua textura literária, diante dos desafios do iletramento.

AUTÓGRAFO	ANO DO TEXTO	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	QUESTÃO 3
Francisco Sodré Pereira	1883	Instrução		
Pedro Afonso Melo	1883	Instrução		
Clóvis Bevilacqua	1883	Povo	Instrução	
Fernando Paes Barreto	1884	Abolição	Instrução	
Carlota Eugenia Vilela	1885	Povo	Instrução	
Samuel Correia Vasconcelos	1886	Civilização	Ciência	Instrução
Leonor Porto	1886	Abolição	Progresso	Instrução
Joaquim Nabuco	1887	Liberdade	Autonomia	Biblioteca
Davino Pontual Filho	1888	Povo	Civilização	Instrução
Silva jardim	1889	República	Povo	
Pedro Celso Uchoa	1889	Civilização	Biblioteca	
Gaston de Orleans (Conde d'Eu)	1889	Ilustração	Biblioteca	
Martins Junior	1891	Cultura	Trabalho	
Alexandre José Barbosa	1893	Povo	Município	
Alcedo Marrocos	1894	Progresso	Civilização	
Virgílio Galvão	1895	Ciência	Civilização	
Gaspar Guimarães	1896	Ciência	Civilização	
Joaquim Correia de Araújo	1897	Povo	Instrução	
Estácio Coimbra	1897	Pátria	República	Instrução
José Francisco Góes	1898	Progresso	Biblioteca	
Eugenio Fialho	1899	Pátria	Instrução	
Adelmo Costa	1899	Instrução	Clubes	
Luiza Leonor	1900	Instrução		
Moreira Vasconcelos	1900	Cultura	Biblioteca	

QUADRO 6: *Relação de autógrafos do Álbum de Visitas, escritos pelos visitantes considerados ilustres, entre os anos de 1883 e 1900.*

O Club de Palmares encontra-se exatamente nesta encruzilhada pedagógica: ora evoca as reformas debatidas pelos *papas* intelectuais do *movimento de 1870*, ora o ufanismo das imagens de uma nação progressista, abençoada pela natureza e forjada pelo panteão de heróis que constroem uma pretendida identidade ao gosto dos românticos. A mensagem deixada pelo tribuno Silva Jardim, em palestra republicana que proferiu na cidade, dia 06 de julho de 1889, reflete bem esta preocupação “pedagógica” e patriótica; antes de tudo, retórica. Inclusive quando relaciona o nome do lugar à presença da flora que se observa exuberante:

Creio bem que, ao impulso do ensino de bons livros, como os que deve possuir uma biblioteca para o povo, conseguirá esta tão gentil cidade de Palmares, cujo nome é já uma canção da natureza, chegar ao grau de desenvolvimento digno de todo o nascido em terra Pernambucana – terra de Mathias, Teotônio, Caneca, Nunes: Terra de liberdade.

O uso retórico de Silva Jardim constitui, portanto, um apanágio para outras palavras-chave como *instrução*, *nação* e *pátria*. Apresentam uma suposta *civilização* letrada impulsionando sempre o “ensino de bons livros”. Surge indefectível o ideal de “civilizar por cima”. O drama civilizatório que envolve os homens de letras da época, crentes e seduzidos

pelas promessas do progresso. Tempo assimilado como a vitória da ciência sobre o atraso e a ignorância. Um distante sopro das idéias positivistas que formatam o pensamento dos letrados de Palmares, muito mais propensos à retórica ufanista que “patrulha” os salões requintados, as ruas centrais da cidade, praças e confeitarias. Sentimento que a coluna *Generalis Extractus* expressa na edição do *Echo* de 15 de junho de 1884:

Civilização é uma coisa difícil de definir. Um nobre japonês, que foi convidado a fazer uma visita a um Club Inglês, instalado em sua terra, não deu boa idéia desta palavra; os anfitriões tendo-lhe oferecido champanhe, duas vezes pediu que enchessem mais uma vez o cálice, dizendo: gosto muito de civilização, gosto muito de civilização... E assim a civilização no entender de muitos entre nós, é o vinho e a luxúria.

Advertidos os leitores, fale-se agora de um visitante do Club que não incorreu neste tipo de embaraço provinciano. O *homme civilisé* Joaquim Nabuco deixa, em 11 de março de 1887, dois anos antes de Silva Jardim, um autógrafo que diz da *civilização* numa dimensão política: “é por instituições desta ordem, e somente por elas, escolas, bibliotecas e associações, que poderemos ver Pernambuco, em toda a sua extensão, tornar-se o Estado autônomo e florescente que todos desejamos que ele se torne”. Questão federativa à parte, a palavra de Nabuco, na saudação a Palmares, é retirada da tensão entre *kultur* e *bildung*. Ou seja, a *identidade particular do grupo* (Pernambuco) e o *mais elevado e conspícuo* representado pelo modelo de autonomia dos modos existentes na França, Inglaterra ou Estados Unidos, louva a iniciativa de associações, escolas e bibliotecas como redentoras da situação de iletramento e ignorância.

Tudo para o proveito do lugar e de sua população. Afinal, a civilização está onde o progresso é aquele modelo já alcançado pelos anglo-saxões. A mesma idéia que aparece no clássico *Minha Formação*⁸¹ (1895), onde Nabuco não se expressa muito diferente da “pontinha de iceberg” que deixou anos antes no Club de Palmares, à época, envolvido pela campanha da Abolição e pela política de “p” minúsculo das eleições parlamentares, constatando, somente alguns anos depois, o que é de fato ser *civilizado*:

Sou antes um espectador do meu século do que do meu país: a peça é para mim a civilização, e se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo.

O que interessa para o “*modernista de 1870*” é o que chama política com “P” maiúsculo. Aquela que é história, a “atração do mundo” que ainda mais extenso, é ligado pela

⁸¹ Cf. NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Porto Alegre: Paraula, 1995.

máquina fantástica (o telégrafo). Portanto, o que “prende” sua inteligência civilizada é a missão que vem de fora, que o Brasil busca traduzir para seu modo de ser em pleno “teatro da humanidade”. O que é uma reserva moral na *Formação*, uma espécie de auto-elogio tácito, é o mesmo sentimento comum entre os *homens de letras* e às instituições literárias de final de século. Por exemplo, Nabuco e muitos outros inspiram uma gama de letrados destes clubes à clivagem entre *identidade* e *civilização*, para exatamente não cometer-se a “gafe” daquele nobre japonês, observando-se com polidez as lições vindas da Europa. Ou seja, a *identidade nacional* deve arrastar todos à conquista comum da pátria; enquanto a *civilização* espelha o mais elevado da humanidade. Elogio e veneração entre os cultores das ciências e letras universais. O modelo de homem instruído que o Club de Palmares almeja alcançar.

Talvez, por isto, o visitante de 1887, defenda a *Abolição* e concorde imediatamente com o europeu na lavoura tropical. Porém, discrimina a introdução de chineses; considera que o negro livre do cativo precisará educar-se para evitar o perigo daquela degeneração e selvageria asiática⁸². Palavras invertidas para dizer do perigo de não se embranquecer e civilizar a raça no “teatro” nacional, sem o que não se conquista o requisito civilizatório do progresso.

Nas páginas do *Echo*, seu redator-proprietário, Severino Pereira, diz desta mesma matriz a *action de civiliser* no “teatro” local. Denuncia o escândalo de cavalos soltos invadindo as ruas centrais. O jornalista cobra providências da Câmara Municipal e considera que o fato acarreta vários prejuízos:

É de imprescindível necessidade que se ponha ordem ao abuso de andar pelas ruas da cidade cavalos a solta. Diariamente se vê entrar matutos tangendo entre aboios os cavalos que se precipitam galopando na rua, atrapalhando assim a vida dos que passam. Hoje é uma criança que pode ser pisada, amanhã é um lampião que se quebra, depois uma casa que é invadida, podendo causar estrago às mercadorias que se têm expostas à venda. Palmares é uma cidade e não uma estrada, é uma cidade que tem foros de civilização, cumpre por não consentir por mais tempo este escândalo. (*Echo* de Palmares, nº. 17 - 02 de dezembro de 1883).

Apesar dos cavalos, chama atenção o uso da expressão “se vê entrar matutos”. Fala que repete o mesmo movimento do anúncio *La Folie*: “só não entram lá matutos”. O que demonstra a proibição expressa da casa comercial e o desejo de interdição do centro urbano à circulação de tipos mal vestidos, descalços e sem instrução. Pode ser um escravo, mas a alcunha remete mais à figura de um homem livre, mestiço pobre e residente nos arrabaldes da cidade, sítios e estribarias. Se a grande imprensa trabalha com fervor o ideário da

⁸² Cf. NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

Regeneração na cidade do Rio de Janeiro – a metáfora urbana para o “embranquecimento” da raça – alarmando nos jornais que “a civilização abomina justamente o mendigo”, ocorre processo similar nos centros urbanos das capitais e, fica evidente, também, o papel das pequenas *folhas* noticiosas pelo interior do Brasil, na defesa da interdição urbana de tipos descalços, matutos, mendigos e desocupados, em nome do asseio público, da ordem e da beleza do centro comercial, praças e monumentos. Enfim, do processo civilizador inspirado na *belle époque* tropical.

4.2. O ECHO DE PALMARES: ENTRE CIVILIZADOS E HOMENS BRUTOS

Uma leitura da coluna Redação do *Echo de Palmares* – o jornal “sai às quintas-feiras e domingos” – demonstra os embates entre os homens civilizados e os “brutos”. Temas como instrução, comércio, estradas, curandeiros, mercado, varíola, atravessadores e censura, são colocados em tom de alerta e protesto contra o atraso e a ignorância do lugar. Temáticas sempre pautadas pelos “ideais progressistas”, que demonstram a importância do periódico na divulgação de novos costumes urbanos, nem sempre compreendidos e apreciados pela população. O *Echo* transforma-se, assim, no porta-voz dos “pedagogos do progresso”. Homens como a missão de “derramar a instrução” e o “bem-estar” entre as famílias da pequena cidade. O que se deixa esclarecer com todas as letras, na edição nº. 02, em 11 de outubro de 1883:

Para um povo se poder considerar feliz não carece de riqueza, mas de instrução. Eduque-se o povo que se beneficiará o seu bem-estar; os seus instintos por mais que sejam modificar-se-ão, apenas lhe ilumine o espírito de luz do saber. Quantos crimes se cometem porque a luz da instrução não chegou ainda a todas as camadas sociais, porque o povo sem o devido conhecimento de sua missão na terra, entrega-se nos seus momentos de descanso à ociosidade e ao vício, quando se tivessem instrução empregariam melhor seu tempo. (...) O que o povo precisa é de escolas noturnas, aonde os que terminam suas ocupações, possam se banhar na fonte instrutiva (...). O século é de luz e é um crime deixar no obscurantismo aqueles que se podem redimir pela instrução.

Observa-se que a relação estabelecida, entre a falta de instrução do povo e a ocorrência de crimes, recorre a um apelo moral. A condenação da ociosidade e do vício. O povo deveria usar seu tempo de “descanso” para instruir-se. Assim, bebedeiras,

promiscuidades e jogatinas seriam evitadas em alguns locais da cidade. A “Redação”, por outro lado, diagnostica a falta de uma escola pública noturna. Questiona o desinteresse “governativo” e suscita a iniciativa benemérita de particulares, a exemplo do que ocorreu com a biblioteca do Club. Este ideal da “instrução” é apresentado como responsável pelo progresso do povo, enquanto a “civilização” é conquistada pelas mãos beneméritas de seus representantes locais.

O mesmo destaque que a coluna dá aos “melhoramentos” urbanos necessários para desenvolver a “civilização” do lugar (conclusão da reforma da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construção do mercado público, cadeia pública higienizada, iluminação e calçamentos); exige apoio ao comércio, combate aos atravessadores, à carestia dos gêneros básicos, à vagabundagem e insegurança pública. Cobra a introdução da medicina científica. Ataca a Câmara Municipal, desconfia dos representantes do 8º Distrito (deputados) e “solicita” a intervenção das autoridades provinciais. E, principalmente, protesta: “talvez sejamos acimados de desafetos” (edição nº. 21, de 16 de dezembro de 1883), considerando levar adiante o que estabelece em seu programa: uma imprensa imparcial e a *action de civiliser* baseada principalmente na difusão das letras.



FIGURA 6: Primeiro jornal da cidade, O Echo de Palmares circulou entre os anos de 1883 e 1884. Foi impresso na Tipografia do Club Litterario e sua primeira edição, 07 de outubro de 1883, homenageia o aniversário da Associação.

Registram-se, portanto, em suas páginas os exemplos de “boas maneiras” e “etiquetas”, mas, antes de tudo, o discurso “pedagógico” da ciência e do progresso. Fato que, longe de significar um processo homogeneizador da “ilha” de letrados, se constitui na exposição pública das fraturas entre seus grupos e tipos letrados diversos, empenhados na defesa de posições escritas que saem facilmente do tom evocatório ao acusatório; do louvor ao chiste; da poesia sublime à prosa ferina; da verdade à calúnia difamatória⁸³, comuns na grande imprensa da época.

Uma arena que reproduz a beligerante “República das Letras” e transforma o Club Litterario numa composição de vários grupos, como, na maioria das vezes, as páginas do jornal colocam “mais lenha na fogueira” das vaidades letradas:

É Palmares uma das florescentes cidades vizinha da Capital, onde o desenvolvimento científico tem progredido e onde o conhecimento político mais tem se aperfeiçoado. Devido à força de vontade de grandes vultos, já mesclamos na nossa pequenina cidade eméritos Beócios, Trânsfugas, Economistas, Jurisconsultos, Industriosos, Enciclopedistas, Escamoteadores, Abolicionistas, Críticos, etc., etc., etc. (Echo de Palmares, n.º. 04 - maio de 1884).

Daí, como faz este artigo intitulado “Farpas” (certamente inspirado na coluna dos portugueses Eça de Queiroz e Ramalho Urtigão), o uso habitual de pseudônimos ou de “testas de ferro”, na “firma” de artigos e poemas, “colaborações” e matérias encarregadas da defesa ou ataque dos “grandes vultos” da cidade, mobilizam as colunas do *Echo*: “solicitadas”, “variedades” e artigos de “colaboração” são as mais visitadas por estes textos, que contribuem para uma leitura um pouco mais densa das implicações reformistas no âmbito local, concentradas principalmente nos anos de 1883/1884, época em que começam aparecer expostas as fissuras do regime monárquico-escravista. A fase de deslanche da campanha abolicionista em Pernambuco. Afinal, existiu a influência destas intrigas na vida inicial da sociedade de letras?

Uma leitura do *Echo* – do lançamento inovador à frustração e abandono de assinaturas causando seu fechamento prematuro – possibilita um capítulo muito especial na compreensão da história de Palmares em seus primórdios de município. Ali se vê alguns dos *fundadores* do Club produzindo textos e publicando-os. Também, o destaque de lançamento do jornal na semana dedicada ao primeiro ano de aniversário da sociedade. Onde os artigos escritos por Severino Pereira, Antonio Caphedório de Carvalho e Joaquim Augusto de

⁸³ Sobre a prática dos chistes e insultos na imprensa brasileira do séc. XIX, ver LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos**. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Almeida contribuem para irradiar a idéia de que o Club consegue convergir os letrados sob o signo “glória à instrução”. O Club atrai um perfil muito diverso de segmentos sociais letrados, resultando inclusive na polarização entre os sócios senhores de escravos e os abolicionistas.

Neste compasso de convívio e divergências, aparecem como pivô os sócios escritores. Severino José Gonçalves Pereira, português que chega a cidade em 1879, proprietário e fundador do *Echo de Palmares*, eleito segundo secretário da Assembléia Geral do Club, proferindo um discurso de louvor aos sócios da entidade, considerados por ele “os levitas da ciência” ao “difundir a luz da instrução pelas diversas camadas sociais”. O heróico “dever de todos aqueles que almejam a felicidade da pátria e da família” (*Echo de Palmares*, nº. 01 de 07 de outubro de 1883).

Chama atenção esta primeira parte do discurso onde, ao evocar os tais “levitas”, considera “ombrear” à nova “ramagem do progresso” os “tempos mais antigos”. Uma clara alusão ao fato do Club reunir um diverso grupo de homens, com proveniências e interesses muito diferentes, somente equacionados pela idéia do progredir “moral” e “científico”. Certamente, uma fala bastante apropriada para um letrado recém estabelecido e proprietário de um jornal que dependerá da assinatura por parte de todos os grupos letrados locais, principalmente dos homens mais influentes e endinheirados da cidade.

Outro *escritor*, o comerciante Antonio Caphedório de Carvalho – dono de uma loja de tecidos – sócio fundador do Club, presente também nas atividades locais do Club Emancipador 28 de Setembro e nas páginas do *Echo de Palmares*. Coloca-se claramente no rol dos letrados “abolicionistas” e escreve poemas ao estilo “condoreiro” de Castro Alves e Tobias Barreto. Publica artigos com inquietações focadas na “política positiva”, onde defende a modernização da lavoura, do comércio e a moralização do serviço público. Sobre o Club Litterario escreve na primeira edição do *Echo*:

Mais uma data gloriosa se estampa hoje no livro de ouro da ciência, do progresso e da instrução. Esta data acaba de ser escrita para o gládio daqueles atletas, que superando os maiores dificuldades conseguiram formar a instituição que se chama Club Litterario de Palmares, cuja divisa é a instrução. Honram a ágil plêiade esperançosa, que pretende arrancar do caos as centelhas luminosas que constituem o argentino fecho do progresso, em um país aonde a autoridade governativa procura difundir a instrução somente para inglês ver... (*Echo de Palmares*, nº. 01 - 07 de outubro de 1883).

O comerciante de tecidos, que é assíduo produtor de textos, tem no *fecho* prateado do progresso, a metáfora da iniciativa tomada pelas “sociedades literárias particulares” que *abrem* seus salões à promoção da instrução popular. Assim, ataca a omissão do governo

central em matéria de educação pública e atribui aos “atletas” das letras, a superação de inúmeros desafios para manter o Club funcionando. É certo que utiliza do vasto repertório liberal e republicano, os termos circulantes nas gazetas e no discurso intelectual mais sofisticado, elaborado pelos “mestres” da Escola do Recife. A metáfora do “atleta” das letras, por exemplo, aparece em muitos outros textos, falando sempre de professores e mestres-escola fadados ao sacerdócio e ao desprestígio social, porém, muito exaltados nestas tertúlias literárias e retóricas.

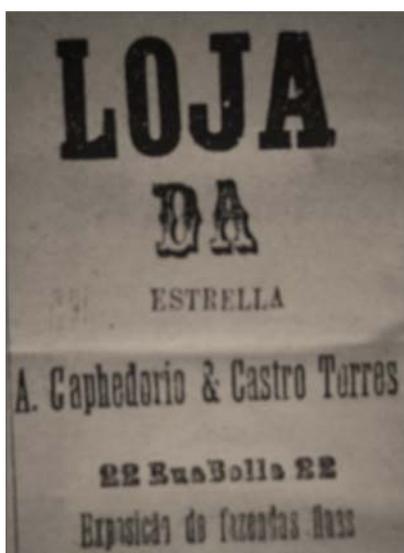


FIGURA 7: *O Echo de Palmares* registra a loja de tecidos pertencentes a Antonio Caphedório de Carvalho, sócio do Club Litterario, membro do Club Emancipador 28 de Setembro.

O terceiro autor de textos em verso e prosa das páginas do *Echo* é o jovem Tenente Joaquim Augusto de Almeida. O *Jaldime Amoaqui* do irônico artigo “calçamento gastro-sola” e de tantos que atacam os “homens brutos” da cidade e sua falta de tirocínio. Descrito em nota do jornal como “moço de 24 anos, louro, forte, olhar vivo e penetrante, semblante melancólico e agradável”. Assim, continua a biografia: “não podemos dizer ser simpático, porque estaríamos infiéis à verdade” (*Echo de Palmares*, nº. 65 de 08 de julho de 1884). Mas, Joaquim é o poeta de plantão, aquele que aparece sempre ao final das solenidades – na fundação do Diretório Municipal do Partido Liberal, “lendo uma linda poesia”; na visita do Club Emancipador aos herdeiros do Visconde do Rio Branco, em Japaranduba, “lendo uma poesia”; no aniversário do Club Litterario, “lendo um belo discurso” – além de “crônicas” de comportamento; poemas românticos; críticas literárias e políticas nas páginas do *Echo*, onde

seus vários pseudônimos (*Jaldime Amoaqui*, *Joadá Malquedei* e *Maladie*) são atacados, insultados, defendidos e admirados. Parece ser dos moços da época, aquele que mais incorpora o frenesi, a insatisfação e o subjetivismo moral que marca os que se atiram à vida literária do romantismo tardio, auto reivindicada *spleen*. Afinal, no “antipático” Joaquim de Almeida, a asserção de letrado e ufano cai feito uma luva:

Morrer pela instrução é a divisa santa da mocidade que nasce; viver para a instrução deve ser o emblema sagrado da falange que marcha na vanguarda do progresso intelectual. Sem a instrução a inteligência fracassa, a alma sente a pressão do materialismo, que a esmaga, e o homem por mais que altivo no mundo do fanatismo metálico, não será aos olhos da sociedade científica mais do que o protótipo fiel do homem-bruto. (*Echo de Palmares*, n.º. 01. 07 de outubro de 1883).

A palavra “vanguarda” caracteriza bem o motivo de duração de nove meses do *Echo* e seu intercâmbio com o Club de Letras. As duas entidades duelam juntas contra as antigas tradições, os costumes e usos “incômodos” que se espalham pela cidade letrada e iletrada. Vivem da tentativa de garantir o espaço urbano na rede criada pelas locomotivas, telégrafos e tipografias. No microcosmo do Club ordenam o discurso corrente, contemporizando aquela realidade de enormes carências urbanas. Gostam da civilização, porque “gostam da ciência e do progresso”: O discurso em defesa da instrução, além de apologético (louva corifeus, levitas e atletas) é referente às inovações do progresso técnico das máquinas, não se constituindo uma reivindicação de direito da vida civil e laboral; Não existe de fundo uma preocupação em alfabetizar pessoas. O intuito é ampliar os conhecimentos entre aqueles que precisam acessar o “mundo moderno” e adotar novos comportamentos e usos urbanos; O Club, que reúne homens letrados de diferentes segmentos sociais e interesses, tem na defesa da instrução a possibilidade de fixar um público mais coeso em torno de seus estatutos e atividades.

As notícias do *Echo de Palmares* demonstram claramente o desdobramento de tais questões, principalmente relacionadas às dificuldades de manutenção dos objetivos de continuidade do Club⁸⁴. Por outro lado, as notícias sobre a cidade modernizada demonstram os conflitos que marcam a sociedade brasileira da época e, que, repercutem dos vários projetos socialmente circulantes, medindo a transformação vertiginosa das coisas, das práticas e dos discursos cotidianos. Como se encontra evidente no artigo de despedida do jornal, que um informante de pseudônimo *Dr. Batati Junior* sarcasticamente denuncia.

⁸⁴ Com exceção do professor Hilário Ramos, os sócios protagonistas do Club, Dr. Augusto da Cunha Souto Maior e o comerciante Manoel Gonçalves Ferreira Mendes, não aparecem mais ligados às diretorias do Club e são citados vagamente pelo *Echo*. Continuam na condição de sócios, porém, afastam-se em 1884 das disputas em torno da Direção Executiva.

Percebem-se, no episódio de fechamento do *Echo de Palmares*, os acirramentos das disputas políticas locais contrárias às querelas abolicionistas e republicanas, ao tempo que motivam a formação de grupos de resistência, dissolvendo outros, segregando e afastando muitas pessoas da delgada camada de letrados interessados por livros, letras e literatura tanto do Club como do jornal e de suas assinaturas:

Eis a imprensa guerreada pela canalha aristocrática... Esta família de “homens brutos” é sempre fatal ao progresso e, sobretudo em localidades pequenas, porque nela nasce a discórdia, a inveja e a desonra; por eles geram-se intrigas, o insulto e o crime disideratum trágico e aniquilante. Morreu o *Echo de Palmares*! Nove meses de existência! Vergonhoso comentário, e nesta cidade onde todos querem ser literatos, publicistas, economistas e científicos! (*Echo de Palmares*, Ano I, nº. 71, quinta-feira, 29 de junho de 1884).

Pelo tom das palavras, empregando os mesmos termos julgados agressivos: “homens brutos”, “canalha aristocrática” e o latim “*desiderato* aniquilante”, trata-se provavelmente de um dos membros do Club Abolicionista, que se pretende fundar na cidade, sob a iniciativa de três “moços”: Francisco das Chagas C. de Albuquerque, Joaquim Augusto D’ Almeida e Fenelon Afonso Ferreira, os incansáveis colunistas do *Echo*, sob os codinomes de *Salamaleque*, *Jaldime Amoaqui* e *Lafone*, que têm a grande simpatia do *Dr. Batati Júnior* (o Mirabeau de Palmares!).

Notas sobre o Club Litterario dão conta de certo *Dr. Eutorpio G. de Albuquerque Silva Júnior*, jovem recém-formado e de retorno a cidade. Moço muito interessado pelas letras. *Desiderato*, à parte, eis porque a defendida liberdade de imprensa não combina com o artigo 30 dos estatutos do Club. Aquele que proíbe em suas dependências, “discussões políticas, religiosas e outras contrárias aos assuntos das reuniões literárias”. Ou seja, por mais que o discurso ufano reivindique unidade, não há entre os letrados nenhum programa suficientemente coeso. É o que demonstra a situação da agremiação depois do fechamento do *Echo*, considerando o dia seguinte de seus *escritores*:

Severino Pereira reaparece na direção de 1885 e continua o desabafo: “caiu o *Echo* em desagrado porque de artigos de colaboração, artigos, estes, que discutiam teses e não suscetibilidades”. Caphedório de Carvalho apenas coloca as propagandas da “Loja Estrela”, nas páginas do próximo e efêmero periódico dirigido por outros “moços”: A *Gazeta de Palmares*. O Club Litterario resiste e prossegue sua missão civilizatória, insistindo para que os sócios continuem pagando suas mensalidades e movimentando sua biblioteca. Enquanto isto, Joaquim D’ Almeida passa a se dedicar a um emprego público. Rota de consagração para

os letrados da época: a carreira política ou algum cargo burocrático, seguidos de um bom casamento com moça de família.

O *Echo* fica na memória do Club Litterario como um bom combate. Desafio empreendedor e civilizador que foi incompreendido e perseguido em nome do atraso e da ordem rural escravocrata. Fez crítica aos engenhos centrais, porém não defendeu a lavoura que insistia no trabalho escravo. Seus argumentos emanavam de outra vertente: traduziam, no ritmo da estrada de ferro, as novidades do que chamavam “progresso” e “civilização”. Retórica impressa em papel e ferro.

4.3. A GAZETA DE PALMARES: ENTRE MANUMISSÕES E NOTÍCIAS DO CLUB

“Honra a quem souber dedicar-se. Sofrer pelas grandes causas é divinizar-se”.

Leonel Augusto da Costa. (Secretário do Club, 25 de março de 1884).

A civilização tem no jornal mais que um instrumento. O texto impresso e circulante atua como representação que é. Possibilita a significação de pessoas, coisas e palavras. Ou seja, possui e atua sobre o poder simbólico; envolve produtores e consumidores, num constante mercado de trocas simbólicas; pois, na medida em que informa também forma leitores de uma maneira bastante particular: entre os letrados, o jornal desterritorializa a “autoridade”. É possível que segmentos menos favorecidos da política e da economia do lugar, ampliem sua rede de significação e se expressem escritores e distribuidores de outros textos. Afinal, enquanto desmorona a sociedade escravocrata e se irradiam milhares de palavras contra e a favor, “regressistas” e “progressistas”, cordiais e difamatórias, o pequeno e efêmero periódico é uma espécie de arena, tão importante como “a casa, o governo e a rua” que o cânone imperial usufruía simbolicamente sem grandes contestações.

Não mais há como resistir à sua proliferação material (máquina, papel, tinta e impressão) e, muito menos, imaterial e nervosa⁸⁵. O jornal expõe os nervos da conjuntura

⁸⁵ A respeito do jornalismo na segunda metade do século XIX, Albert e Terrou afirmam que o jornal ganhou outro *status* quando passou a ser utilizado enquanto instrumento político pelas grandes correntes de reformas sociais formadas no século XVIII; também, a partir da urbanização e da escolarização da sociedade e ampliação do público leitor e sua necessidade por informações. Situação acompanhada pelas inovações técnicas da

política e junta ou dispersa opiniões. Surge, assim, um espaço persuasivo e poroso: a opinião pública sobre os fatos. Ou melhor, “o poder de fazer a história fabricando linguagens” (CERTEAU, 1994, p.230).



FIGURA 08: A *Gazeta de Palmares* começou circular em 11 de agosto de 1884. Seu proprietário Guarino A. Silva. Foi ligado aos grupos abolicionistas da cidade.

A *Gazeta de Palmares*, que começa circular em 11 de agosto de 1884, é o exemplo desta pequena introdução. Ela surge imediatamente após a última edição do *Echo de Palmares*, ocorrida em 29 de julho do mesmo ano. A tipografia da cidade pertence agora a Guarino A. Silva, que imprime um jornalzinho mais “modesto”, aberto às proposições conflitantes na cidade rurubarna. Os homens da lavoura de um lado, perguntando sobre indenizações, créditos e solução para substituição da mão-de-obra escrava – “Até quando o Governo do Brasil abusará da nossa paciência? Reduzidos à miséria se acham os agricultores menos favorecidos da sorte, carregando todo o peso dos impostos; vítimas de todos os desmandos...” (Gazeta de Palmares, nº. 11 de 26 de outubro de 1884) – e de outro os abolicionistas, mobilizados em fundos de emancipação, divulgação de idéias sobre a organização do trabalho e, principalmente, em utilizar a imprensa como espaço vital para propaganda de suas idéias e atividades: “Liberais e Conservadores a seus postos, um só voto

não deis a estes escravagistas; guerra a estes traidores da pátria, inimigos do progresso” (Gazeta de Palmares, nº. 06 de 21 de setembro de 1884).

Assim, entre os grupos letrados, o redator Guarino A. Silva a imparcialidade e a importância de um jornal na defesa dos interesses da localidade. Introduz a lógica de um “editorial” que se faz porta-voz da opinião pública:

A aparição da Gazeta de Palmares é simplesmente a satisfação dos bons desejos de alguns moços cheios de esperanças, que pugnam pelos interesses desta localidade. E efetivamente de outra maneira não se pode explicar este fato, desde que há poucos dias, o Echo de Palmares suspendeu sua publicação por falta de recursos pecuniários, depois de insistentes apelos ao público. Por isto, esta folha aparece hoje muito modestamente. (Gazeta de Palmares, nº. 01 de 11 de agosto de 1884).

Um programa menos pretensioso que a *action de civiliser* do antecessor, a *Gazeta* abre suas páginas para notícias do cotidiano da cidade. Procura manter-se imparcial diante das opiniões mais conflitantes. Isto evita o acirramento e aqueles insultos que o “jornalismo local” tanto conheceu e denunciou. Portanto, o novo periódico organizado por moços “cheios de esperanças” publica ao longo de sua curta duração, no intervalo dos anos de 1884 e 1885, matérias que traduzem o pensamento de agricultores, comerciantes e homens de letras.



FIGURA 09: As principais lideranças do Club Litterario também são os protagonistas do Club Abolicionista que se organiza em Palmares em 1884.

Às vezes, aparece um texto em tom mais provocativo, como a glosa anônima, publicada na coluna “Solicitadas”, edição 02 de novembro de 1884:

Mote:

Não pode ser brasileiro
Quem sustenta a escravidão!

Glosa:

Pra por fim ao cativo
Se for preciso revolução
Quem não se tornar um canhão
Não pode ser brasileiro.
Fazem questão de dinheiro
E querem indenização.
Não queremos como irmão
Quem desconhece a verdade
Quem se opõe a liberdade
Quem sustenta a escravidão.

A *Gazeta* esmera-se, porém, na divulgação de atos de manumissões e “cartas de liberdade”, como aquela assinada pelo Dr. Fiel Vieira Torres Granjeiro, em 05 de setembro de 1884. Membro honorário do Club e ex-delegado literário da cidade⁸⁶. Na carta, diz libertar o escravo Francisco (12 anos de idade) pela quantia de cento e cinquenta mil réis. O que faz “por preço tão diminuto, atendendo ser *Francisco* malcriado, insolente, mentiroso e incorrigível... para que possa o mesmo liberto gozar em todo tempo de sua liberdade, como se de ventre livre tivesse nascido”. Algo que enjoa os moços abolicionistas autores do mote “não pode ser brasileiro quem sustenta a escravidão!”.

Efetivamente a *Gazeta* não transborda suas páginas com o “discurso” mais elaborado e acadêmico. Fixa uma narrativa *ordinária*, propriamente gazeteira, sobre manumissões que ocorriam por iniciativas de particulares ou pela atuação de clubes emancipadores. Situações do cotidiano, como a notícia publicada em 26 de outubro de 1884, onde o “bem conhecido” escravo Manoel Xemxem, pertencente ao Capitão José Bezerra da Palma, ao reclamar-lhe providências sobre o roubo de um cavalo, recebe a “carta de liberdade” redigida pelo generoso Capitão, dizendo-lhe: irá Xemxem “tratar de sua questão como homem livre que era”.

Gaurino Silva, emocionado, termina a “nota” nestes termos: “Capitão, este ato atrai sobre a cabeça de seus inocentes filhos, as bênçãos do céu. Nossos agradecimentos em nome da sociedade Palmarense”. Inventar-se, assim, ao que parece, uma linguagem que aponta na direção que mais cedo ou mais tarde estaria definitivamente abolida a escravidão no Brasil, como de fato ocorre em 1888.

⁸⁶ Cargo vinculado ao Ministério Público, responsável pelas demandas escolares dos municípios antes da criação das estruturas administrativas da educação pública, criadas pela Constituição de 1891.

A *Gazeta de Palmares* escritura, portanto, uma cidade que possui novos espaços de convívio social: um Club Litterario e sua honorária biblioteca; um Club Emancipador (o Club 28 de setembro); informa sobre as tentativas de fundação de um Club Abolicionista; possui um Club chamado Recreio Popular; outro recreio mais sofisticado chamado Sociedade União Recreativa; um esboço de Loja Maçônica, denominada Sociedade União e Segredo, que, ainda assim, estampa seu logotipo convocatório nas páginas do jornal. Fatos que demonstram a dimensão da cidade letrada se espalhando por um território social cada vez mais amplo.

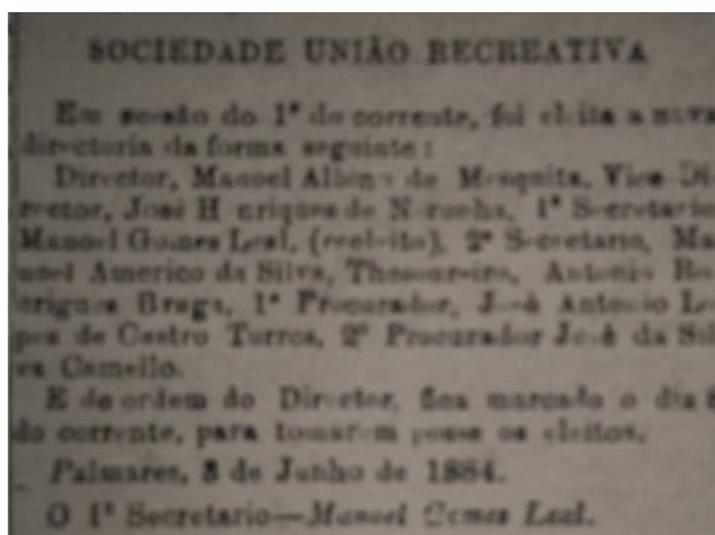


FIGURA 10: Nas páginas da *Gazeta de Palmares* aparecem as primeiras sociabilidades que escapam dos domínios da esfera privada.

A Sociedade União Recreativa é um exemplo de criação de um novo e inédito espaço de convívio público.

Território que escapa do presumido discurso dos sócios do Club. Contudo, há o detalhe de que a maioria dos sócios são os protagonistas dos outros inventos urbanos: clubes, sociedades e gazetas. Considere-se, assim, que a reunião dos “estabelecidos” – homens letrados de famílias locais, geralmente proprietárias de imóveis agrícolas – e os “outsiders”⁸⁷ – recém chegados com a missão de desenvolver as coisas públicas (funcionários da província, principalmente ligados à justiça) e aqueles da iniciativa privada e de profissões liberais (comerciantes, advogados, engenheiros, médicos, jornalistas e professores) – que na maioria das vezes transferem-se depois para outras cidades, formam a composição social do Club

⁸⁷ Aplicam-se os termos considerados por ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Litterario de Palmares e o espaço de convívio que preza o mais refinado e elevado da civilização.

Certamente, por isto mesmo, ao longo das edições da *Gazeta de Palmares* a vida formal do Club tenha se registrado cotidianamente. São notas sobre a inscrição de novos sócios, cobranças de mensalidades e devolução de livros, registros de movimento da biblioteca e informes sobre solenidades e festas. O segundo aniversário da sociedade é apontado com destaque:

No dia 5 teve lugar, na sede deste Club, a sessão literária, já mencionada, para solenizar o seu 2º aniversário. Esteve animadíssima a sessão. Orou o Dr. José Alves, o Exmo. Barão de Nazareth e os senhores Joaquim G. de Albuquerque Silva Júnior, Dr. Eutorpio G. de Albuquerque Silva, Manoel de Barros Wanderley, Leão Machado e Antonio Caphedório de Carvalho. Depois da sessão houve uma grande passeata, finda a qual, alguns sócios convidaram diversas famílias e dançaram até 2 horas da madrugada. Reinou em tudo isto a maior ordem e contentamento desejáveis.

O registro desta nota traduz bem as questões internas envolvendo o Club. Entre o aparecimento e ocaso do *Echo* e a circulação da *Gazeta*, novos sócios reforçam o perfil elitista do Club e definem melhor os estatutos, aprovados em sessão de 22 de março de 1885. Um quadro das profissões da Diretoria que organizou esta reforma estatutária, por exemplo, revela a intenção de contemporizar os segmentos de letrados avessos à boemia literária. Parece, com evidências, juntar homens mais interessados no caráter diletante da sociedade, destinado seus salões prioritariamente às boas famílias da cidade, aparecendo na cidade outros clubes de natureza política, enquanto preserva seu status de sociedade desvinculada das disputas locais.

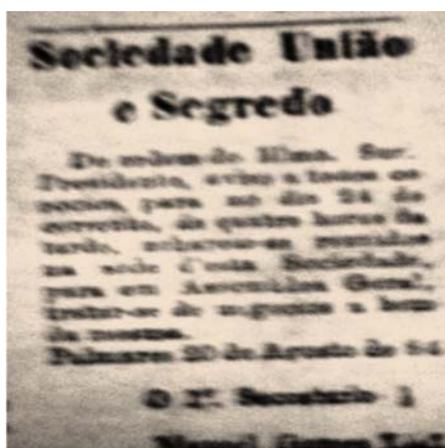


FIGURA 11: Nota da Sociedade União e Segredo (20 de agosto de 1884). Um núcleo maçom local.

Tática onde o Club procura evitar “discussões”, enquanto são exaltadas a “instrução” e o “progresso”. Cenário da eleição da diretoria de 1884/1885, encabeçado pelo Dr. Antonio Carlos Avelar, um coletor público. Diretoria reeleita durante alguns anos. Conclui-se que, em apenas três direções, os sócios fundadores mudaram de liderança. Surgem como “corifeus modernos” interessados no salão dileitante e na consagração dos literatos locais (Souto Maio, Hilário Ramos e Ferreira Mendes); tornam-se os “levitas” e “atletas” das letras, interessados no engajamento abolicionista (Caphedório de Carvalho, Severino Pereira e Joaquim Augusto de Almeida) e, em seguida, retocam o Club com o ideal da “fraternidade” de bacharéis, convencionando-o como lugar de convívio das “famílias de bem” da cidade.

Com exceção do tesoureiro, um comerciante (que anuncia seu “comércio” nas páginas da *Gazeta*), os demais diretores de 1885 são formados nas ciências jurídicas. Atuam como funcionários públicos ou advogados, e ao carregarem a insígnia de “doutores nas leis”, são avessos às especulações de livres pensadores autodidatas (Joaquim Augusto de Almeida) e “economistas” (Caphedório de Carvalho), além dos “jornalistas” críticos (Severino Pereira, Fenelon Ferreira, Gaurino Silva e Leonel da Costa). Porém, este “núcleo” bem variado de “homens civilizados”, conforme o desabafo do incógnito crítico *Dr. Batati Júnior* (em 29 de julho de 1884), ao comentar a situação da cidade antes do aparecimento do heróico “núcleo de civilização”, narra uma descrição bastante contrastante entre o ufanismo da cidade letrada e o atraso civilizatório da cidade real:

Palmares esta pitoresca cidade, cuja descrição tipográfica seria tão agradável nos leitores de além, possuía uma ‘ethologia’ difícilíssima e quase inclassificável; aos olhos do ilustrado viajor estrangeiro seria uma verdadeira espelunca de botocudos, ‘crânios de gorilas’, cuja anarquia chegava ao delírio do absolutismo. A política era uma depravada ciranda, onde alguns autômatos especulavam da honra do homem independente e modalizado, ao beijo envenenado da corrupta Meca. Os cassinos, os teatros, as associações instrutivas eram aqui substituídas pelos rega-bofes nos sebos das mesas dos hotéis, pela embriagueis do interior das tabernas e pelos escandalosos salões públicos das oferecidas meretrizes. O socialismo, condenado pelo fanatismo do vício, era fraco e, por demais, limitado; as famílias sentiam o peso moral deste cruel ostracismo, sem outra esperança, a espera de uma milagrosa transformação. Os apóstolos das ciências, cujo núcleo é tão augusto aos olhos do mundo civilizado, eram aqui os pobres espíritos, os bobos da esquina, os verdadeiros ‘gastro-barbichas’ do progresso e da moralidade científica.

Neste cenário, ao que parece, os “homens brutos” ganham a *disputa* e adiam as pretensões dos “civilizados”. O *Echo* e a *Gazeta* passam por ele como um sopro de memória. Seus letrados capitulam diante da “civilização” que tanto evocam. O ufanismo dá lugar à frustração e o Club Litterario resiste, esperando pela invenção de uma nova geração de “moços cheios de esperanças” que somente aparecerá na segunda metade da década de 1890.

De bravata em bravata o *Dr. Batati Júnior* ao defender a liberdade de imprensa, termina deixando para posteridade um quadro mais claro a respeito das condições do centro urbano da Palmares de final de século. O mesmo espaço que é inquirido pelo jornal e louvado pelos poetas, cujo “núcleo” é o Club e sua biblioteca, encontra-se expostos na rudeza do “homem bruto”. Tudo leva a crer a maioria dos homens ligados às atividades da cadeia produtiva do açúcar. Tipos letrados às vezes, porém, “aristocratas sem ilustração”. Uns consumidores que freqüentam os hotéis, as mesas sebetas, a embriaguez e o “salão” das meretrizes segundo o acético *Dr. Batati Júnior*. Ou seja, são “aqueles que fabricam nas ruas centrais discórdias, fuxicos e ameaças, desgarrados do *socialismo, condenados pelo fanatismo do vício*”.

A palavra “socialismo” possui uma conotação totalmente disforme. Ela é contextualizada em outro sentido, na esteira de uma interpretação apenas ilustrada, como se a palavra representasse o tipo de sociedade onde a ciência se encontra evoluída e, portanto, organizada tal e qual deseja a civilização. A transformação urbana que os “apóstolos da ciência” intentam conseguir, moralizando o convívio, a conduta e o uso dos lugares civilizados: cassinos, teatros, associações instrutivas, etc. Daí verificar-se, portanto, a necessidade de dotar-se o Club Litterario de estatutos capazes de incluir e excluir. Uma preocupação civilizatória do Club que consumiu toda primeira fase de sua história.

Outra palavra figurada – “ethologia” – demonstra a censura de olhos estrangeiros deparando-se com aquele centro urbano povoado por expressões animais (botocudos/gorilas). Etologia significa o estudo que classifica as espécies animais. Ou seja, de um lado o sentido “classificatório” da ciência, que perfeita, “desloca” os negros para outro lugar apropriado e, depois, uma posição política implícita, considerando que a escravidão é que causa a “anarquia” que desmoraliza a civilização. A ciência é assim, entre outros motivos, avessa à escravidão porque esta atravanca o progresso. Por isto, se encontra moralmente condenada ao desaparecimento.

Pretexto que faz dos Positivistas Abolicionistas da “Escola do Recife”, que prefiguram o discurso do jovem *Dr. Batati Júnior*, bons oradores e, antes de tudo, bons escritores destes neologismos que aparecem nos textos científicos e conjunturais de seus proponentes. Seu principal poeta, Martins Júnior, deseja uma poesia científica; seu difusor, Silvio Romero, quer alcançar pela crítica a afirmação de uma elite ilustrada capaz de opor a civilização ao escravismo; e os inspirados, como o jovem “doutorzinho” de Palmares, nas três

últimas edições do pioneiro *Echo de Palmares*, louva uma boa dose de assepsia que procura sempre eliminar as ruínas do passado. Assim, lamenta a morte do jornal:

Silêncio! Silêncio! Ele é morto.
Levai o ancestral à luz do horto,
Onde deixaram seus avós!
E deixai que a ‘populaça’
De aristocratas da raça
Maldiga sempre de nós!

Conclui-se que, os dois periódicos contemporâneos da fundação do Club de Palmares circulam numa época em que a palavra impressa se reveste de intenções engajadas. Seus letrados são abolicionistas e republicanos. Desejam aplicar a civilização que recolhem dos livros, jornais e revistas. Enfrentam, por isto, preconceitos e perseguições. Desafiam os próprios pais e os “estabelecidos” do lugar. Padecem da importuna empresa de manter um jornal nos limites técnicos e financeiros. Porém, o que parece um ataque adversário é, também, mais irresistível: o fracasso iminente em se manter um jornal modesto, circulando numa sociedade cuja maioria da população é analfabeta, ignorante e pobre. A mesma situação que provoca as descontinuidades de funcionamento do Club, sempre retomado pelo sopro de vontade de uma nova geração de “moços esperançosos”, pois acreditam que será inevitável a marcha do progresso que o século sopra no ouvido de seus poetas *continuadores*.

5 OS CONTINUADORES DO CLUB E SEUS JORNAIS

Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Porto, uma voz oracular e rotunda, no momento de exclaimar com respeito, com autoridade: “Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?”.

Eça de Queiroz, *Civilização* (1892).

A nação só existe enquanto objeto de um discurso sobre ela e que a constitui como tal.

Marilena Chauí, *Cultura e Democracia* (2000)

Após as publicações do *Echo* e da *Gazeta de Palmares*, não se conhece na cidade do Club Litterario, durante algum tempo, a impressão de periódicos. Por isto, nos acontecimentos mais decisivos da época, a Abolição e a Proclamação da República, não há uma folha palmarense para narrar a emergência destes episódios. Os historiadores da imprensa de Pernambuco, Alfredo de Carvalho (1908) e Luis Nascimento (1970), constataam em suas pesquisas tal intervalo, entre os anos de 1885 e 1890. Por outro lado, registros caligráficos deixados no *Álbum de Visitas* demonstram que o funcionamento da associação foi interrompido no contexto de breve desarticulação pós-1889. Neste momento a associação sofre um processo abrupto de esvaziamento (em Palmares, os autógrafos de visitantes do Club desaparecem durante meses). Outra questão importante é a manutenção das elevadas taxas de analfabetismo: a população local de 25.278 habitantes apresenta um contingente de 21.279 analfabetos⁸⁸. Situação que mais uma vez experimenta a publicação de periódicos, alegando-se a necessidade de instrução do povo.

Primeiro pela teimosia de um pintor de painéis chamado João Dez. Sujeito “pouco instruído”, mas determinado em suprir a deficiência de informações populares; segundo, pelo aparecimento de um novo grupo de “moços metidos a literatos”, *escriturando* a recém instaurada República e o conjunto de transformações sociais e técnicas que afetam o Brasil naquele último decênio do século. O grupo denominado *Continuadores* do Club, que sucede a primeira fase da sociedade literária. Surge, daí, a publicação dos seguintes periódicos: *Jornal*

⁸⁸ Cf. DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, Sinopse de Recenseamento de 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro, Oficina de Estatística, 1898, p. 422. Uma publicação bilíngüe, que anuncia, também, em francês, as impactantes taxas do analfabetismo brasileiro de final do século XIX.

de Palmares (1891), *A Semana* (1892), *Correio de Notícias* (1892/1893), *Pequeno Correio* (1893), *A Cartilha* (1893), *Novo Echo* (1894/1895) e *O Progresso* (1897/1900).

No protagonismo destas gazetas de pequena tiragem e formato improvisado, com exceção do jornal *O Progresso* graficamente bem acabado e redigido, concentra-se esta nova geração, que é composta por Fernando Griz, Fabio Silva, Manoel Henrique Wanderley, Benigno Lagreca, Manoel Monteiro, João Carvalho, Felon Campos e Temístocles de Aguiar, entre outros. Mais de uma dezena de moços envolvidos com as invenções locais da chamada “República das Letras”. Vivendo o momento onde a “literatura” se formaliza um espaço de expressão boemia.

Uma *cruzada* que extrapola as experiências da formação de um campo intelectual autônomo, cuja principal conseqüência, “a descaracterização do intelectual e do literato tradicionais” (SEVCENKO, 2003, p.125), resulta na insatisfação com o *status quo* do novo regime e na assimilação boêmia do literato egresso de várias profissões e origens sociais distintas. Um cenário de intrigas na luta pela consagração pública de carreiras, obras e escritores, pelo menos nas expectativas dos próprios literatos.

Deste modo, o grupo de neófitos, ao se juntar com alguns remanescentes *fundadores* do Club de dez anos atrás⁸⁹, principalmente, Felon Afonso Ferreira, moço passando dos trinta anos (exercendo atividades político-partidárias na cidade), experimenta um novo momento de criação literária, sociabilidades e intercâmbios culturais envolvendo não somente os salões do Club, mas a realização de conferências literárias e boêmias, concursos de poesia, encenações teatrais e publicação de jornais e panfletos.

Uma nova fase cultural marcada nacionalmente pelos preparativos de fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), pelo aprofundamento do circuito literário em clubes, cafés, livrarias e redação de jornais, como também, a discussão, sem nenhum consenso, sobre a profissionalização, a remuneração, os direitos autorais e a censura. Searas onde os literatos interessados em viver do livro, da revista e do jornal, mal articulam o que chamam de “aliança” com o público leitor. Afinal, paira sobre o papel social do literato a sombra do analfabetismo quase absoluto e o desdém popular pelos livros. Situação que Lima Barreto bem descreve na vida de seu personagem Policarpo Quaresma, repreendido pelos vizinhos por aparecer com livros e possuir uma biblioteca sem mesmo ser doutor⁹⁰. Entretanto, os escritores, poetas e jornalistas da época desejam, em comum, “estabilidade financeira”,

⁸⁹ Celso Duperron, Leonel da Costa, Manoel Saraiva do Rego e Raymundo Fialho, formam com Felon Ferreira o grupo remanescente dos sócios fundadores do Club.

⁹⁰ Cf. BARRETO, Lima. **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

“autonomia no trabalho” e “consagração social” (EL FAR, 2000), principalmente denunciando e lamentando a situação de penúria de muitos literatos, condenados à privação e ao abandono.

Na Primeira República, com freqüência, ainda grassa no meio literário a *cavação*⁹¹, o emprego estatal, a proteção e o apadrinhamento como suportes do *status* social do chamado *homme de lettres*. O choque destas tensões – entre o campo da literatura e as aspirações de seus membros – fraciona, segundo Sevcenko (2003), os literatos em grupos diferenciados de “vencedores”, “resignados” ou “engajados”. Aparecem, assim, os “autores da moda” assimilados pelos novos donos do poder e pelos grupos “arrivistas” da sociedade e da política, principalmente concentrados no Rio de Janeiro, capital da República; os decadentistas resignados, formado por descendentes do romantismo e poetas simbolistas e nefelibatas; como também, aqueles de postura “missionária” e engajada, críticos do cotidiano e da vida pública nacional, questionando na primeira hora os descaminhos do recém-chegado regime.

Os homens de letras mais influentes, portanto, são mais perseguidos que assimilados pela chamada “República da Espada”⁹². Porém, ao mesmo tempo, com a multiplicação das folhas noticiosas, os literatos encontram espaço para publicação de seus textos, principalmente nos jornais diários e revistas semanais. Roteiro de impressos que divulga romancistas e poetas importantes: Machado de Assis, Olavo Bilac, o próprio Lima Barreto, João do Rio e tantos outros. Rota de consagração que muito inspira os literatos brasileiros, principalmente nas cidades setentrionais (Salvador, Recife, Fortaleza, São Luis, Belém e Manaus) onde os círculos e associações literárias são importantes para o intercâmbio e difusão de sociabilidades letradas afamadas no Rio de Janeiro, valendo-se principalmente da impressão de jornais populares. Como exemplo de inovação, a Padaria Espiritual e seu jornal literário *O Pão*, na Fortaleza de 1892 (CARDOSO, 2002, p.16):

Surgida aos 30 de maio de 1892, em uma mesa do Café Java, antigo quiosque demolido na Praça do Ferreira, a Padaria Espiritual se propôs ser uma “sociedade literária (diferente das) tantas, (de) caráter formal de academia-mirim, burguesa, retórica e quase burocrática” que havia na Fortaleza do século XIX.

⁹¹ *Cavação*... Trata-se de uma prática muito comum entre os literatos boêmios da época, que saía pela “República das Letras” levantando fundos para novas edições ou, simplesmente, tomando “emprestado algum”; participando de banquetes e festas sem gastar “uma pacata se quer”. Ler o conto “Cavação” de Arthur Azevedo (1855 – 1908) disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index.php/content/view/full/15876>.

⁹² O termo designa a fase inicial da República, compreendendo os governos dos presidentes militares Deodoro da Fonseca (1889 – 1891) e Floriano Peixoto (1891 – 1894). Período marcado por uma “forte crise financeira” (PRADO, 1994:218), onde “o Estado republicano adquiriu a fisionomia oligárquica, corporativa, populista e militar” (IANNI, 1985:14).

Neste moinho de embates e invenções no campo literário, em defesa da “causa sublime das letras”, dá-se, no mesmo ano de 1892, a retomada do Club Litterario de Palmares. Fato evidenciado pelo jornal *A Semana*, impresso na tipografia da associação, com a “indispensável” colaboração do velho tipógrafo Tito, remanescente do antigo *Echo*. Situação descrita no livro autobiográfico de Griz, “Sonhos e Luctas” publicado em 1924:

O Club possui uma velha tipografia na qual foi impresso o antigo Eco de Palmares. Podemos provavelmente conseguir com bons ofícios de seu atual bibliotecário, o nosso bom amigo Augusto Ramos, que seja ali impressa a nossa folha.

Um novo momento de retomada dos impressos locais, evocado para realizar na cidadezinha circundada por canaviais e bananeiras, a criação de um renovado público leitor, consumidor das “novidades” artísticas, vindas principalmente do Recife. A grande novidade fica por conta do aparecimento da *Conferência Literária Boêmios de Palmares*, organizada a partir de 1893, quebrando assim o exclusivo “ethos aristocrático” do Club. A *Conferência* dos boêmios possibilita novas expressões informais na divulgação das letras e da auto-imagem dos letrados, bastante identificada com o perfil dos poetas simbolistas e nefelibatas, que nos primeiros anos da República oscilam entre a resignação e a denúncia da situação das letras e de seus “artesãos” mais sublimes.



FIGURA 12: *Jornal A Semana*, 1892. A publicação denuncia o estado de “hibernação” que o Club Litterario atravessa dez anos após sua fundação.

Cabe ao redator da *Semana*, Fernando Griz, escrever o artigo *A instrução e o progresso de Palmares*⁹³, onde denuncia o estado “decaído” da sociedade de letras e anuncia sua importância: “existirá alguma esperança de que Palmares encete a senda da altivez, de que o Club Litterario erga-se do desolador abatimento em que jaz?”. O jovem boêmio cobra as providências cabíveis para o soerguimento da entidade e aponta “o fantasma da indiferença e do atraso” como responsável pelo ostracismo do importante “núcleo de ilustração”. Ou seja, a repetida queixa de que a maioria dos segmentos letrados da cidade pouco se interessa pela leitura e pelos livros.

O jornal retoma, deste modo, o antigo debate sobre a carência de *instrução* do lugar e anuncia um tempo de *progresso* ainda mais retórico, declarando-se alienar “de lado a política, desprezando a crítica”, lançando-se integralmente “no campo da literatura”. Atuando ao sabor dos rumores literários vindos dos grandes centros urbanos, para produzir uma dezena de textos alheios à realidade políticas circundante, privilegiando mais as notícias vindas de fora: as expressões usuais de uma cidade grande, o ritmo acelerado do tempo e o “*flirt* sem culpa com os métodos e artefatos de reprodução técnica” (SÜSSEKIND, 1987, p.31). São estes os assuntos que entusiasмам os *moços* do Club. Textos novos que lançam os *continuadores* na abertura de uma passagem entre a natureza (as matas, canaviais, palmeiras e rios) e a civilização do progresso (um minúsculo centro urbano, a estrada de ferro, a estação, o Club...). Um contraste que, literalmente, “faz a cabeça” dos redatores das folhas que circulam na cidade, auto consideradas alheias ao engajamento, à política e à crítica social aí motivada, conforme esta nota publicada no *Novo Echo*.

Botando de parte a política, desprezando a critica, lançamo-nos no campo da literatura, a poesia dos nossos sentidos, o sentimento de nossa alma e o impulso de nossos corações. Sequiosos, esperamos sorver, em pequenos e demorados tragos, a prática, já que acordamos tarde para teoria.

Não há, portanto, nenhuma referência mais detalhada e crítica sobre as condições de vida, trabalho e lazer do cidadão comum nas páginas destes jornais. A *prática* literária apresenta-se acima do que se convencionava definir por *teoria*, afeita ao engajamento dos letrados da década passada, no tempo de Caphedório de Carvalho, Joaquim Augusto de Almeida e Fenelon Ferreira. Nestes jornais dos anos 1890, basicamente se veicula aquilo que é considerado “literário” ou mobilizado pelos interesses da civilização culta.

⁹³ Encontram-se no Arquivo Público Jordão Emerenciano (Recife-PE), os números 4, 11 e 14 referentes ao período julho/novembro de 1892. O jornal circulou naquele ano, impresso na tipografia do Club Litterario de Palmares.



FIGURA 13: *O Cosmorama*
 – projeção de imagens em preto e branco –
 Anúncio do *Echo de Palmares* prometendo
 divertimento e beleza.

O sentimento que transborda do “narrador” de *A cidade e as serras* (Eça de Queiroz, 1901), quando anuncia o desfecho: “a idéia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, duma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente”⁹⁴. No caso particular da *Semana* e de seus sucessores, o Club Litterario de Palmares cumpre seu destino civilizador na medida em que promove a ordenação do funcionamento da cidade.

Contudo, ao lado desta “crítica” juvenil sobre o abandono da sociedade literária, aparecem signos de uma linguagem persuasiva e vitimada. Pede-se ao povo palmarense “com especialidade”, “apoio, proteção e desculpas”. Consideram, talvez, que as “serras” não agenciem a necessidade da leitura de seus escritos. Isto pode ser entendido como *mea culpa* pelo imprevisto dos tablóides, mas, também, como reflexo do clima político vivido nestes dias tumultuados, onde não somente as elites tradicionais são retalhadas, mas, principalmente, os grupos republicanos mais exaltados, impelidos à frustração de primeira hora com o novo regime. Situação política que a frase desconcertante de Lopes Trovão tanto consagra: “essa não é a República dos meus sonhos”.

Por tudo isto, a retomada do Club está diretamente relacionada com a invenção intelectual dos “moços” letrados e com a oposição que desencadeiam entre a *tradição* local – que já inclui o próprio Club e sua memória de fundação – e o *progresso* que “avança” no ritmo das propagandas sobre o novo século, apesar das oscilações políticas e econômicas enfrentadas pela recém “proclamada” República.

⁹⁴Ver QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Editora Hedra, 2006.

No ano de 1892, também circula na cidade o periódico *Correio de Notícias*⁹⁵. Tipografia montada na cidade por João Batista Wanderley. Na época do *Correio* (depois *A Cartilha*, batizado assim em 1894), a proclamada República, por exemplo, ainda se encontra desconhecida da população local. Aliás, para a grande maioria dos brasileiros, o novo regime parece exatamente coisa de “coronéis” e “doutores”, sem maiores vínculos com o dia-a-dia de luta pela sobrevivência. Enquanto isto, os letrados e seus jornais evocam do “altivo espírito republicano”, o que a *república dos bestializados* não participou, nem conheceu (Carvalho, 1987). Diz o jornal que os “cidadãos palmarenses” reagem, com raríssimas exceções, friamente ao terceiro aniversário do novo regime:

15 de Novembro. Esta data não pode deixar de ser lembrada sempre um grande fato na história brasileira. Se como se diz a cada praça, a República não se fez entre nós pela evolução das idéias, ela foi proclamada pela intuição do bem e aceita pela maioria da nação. Hoje, o povo precisa acima de tudo é de muito respeito às leis. Depois, menos desejos de subir cada um nos pícaros dos poderes com indizível facilidade. Esmaguemos os vícios. Nesta cidade o 15 de novembro corrente esteve glacial, quase esquecido. Estiveram iluminadas apenas as fachadas da Municipalidade, o Club Litterario e duas ou três casas particulares.

A *formação da alma* republicana percebe-se, em muitas cidades brasileiras, está encaminhada no elenco de “imagens, alegorias, símbolos e mitos” que começam circular como “elementos poderosos de propaganda” (CARVALHO, 1990). Processo que também depende da atuação de clubes, associações e periódicos espalhados pelo país. O redator do *Correio de Palmares* atesta, portanto, que o terceiro ano da República é “glacial” e somente interessa a poucos esclarecidos. Contudo, atribui esta indiferença a falta de respeito às leis e à superação de vícios. Estes são representados no texto, como a “ganância” pelos postos de comando, considerando estarem muitos dos segmentos letrados interessados na “facilidade” de acesso a cargos do poder.

Tais perspectivas e “facilidades” são remissíveis à questão do Estado “patrimonial”, que a República tem por herança e que projeta sob suas instituições. Os privilégios distribuídos em detrimento de uma estrutura burocrática moderna distanciam o novo regime de seus precursores modelos europeu e americano. Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Hollanda, considera este o entrave que possibilita a formação de um funcionalismo público galgado em objetivos patrimonialistas e clientelistas:

⁹⁵ Encontram-se no Arquivo Público Jordão Emerenciano (Recife-PE), as edições referentes aos meses novembro de 1892, abril e agosto de 1893.

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. (HOLLANDA, 1995, p.146)

Ocorre que no desenrolar dos primeiros anos de República, o processo de acomodação de interesses afeta os grupos letrados da cidade. A intenção de atingir “os pícaros do poder” – como descreve João Batista Wanderley – via recortes fisiológicos e privados, refletem diretamente o “novo” comando político da cidade e, por conseqüência, termina transparecendo disfarçadamente nas páginas dos periódicos locais. Neste contexto dá-se o deslocamento dos escritos críticos e engajados presentes nas gazetas da década de 1880, para artigos de cunho literário, voltados às letras e variáveis de gêneros artísticos (principalmente o teatro), fazendo prosperar a presença de poemas, contos e folhetins, ou mesmo, artigos que perdem em qualidade política e acadêmica; prevalecendo um rol de notícias geralmente telegráficas, sem “maiores detalhes”, deliberado cuidados para não afetar terceiros ou simplesmente escrever estes desabafos magoados e intimistas, quase sempre sobre o que chamam de “atraso de nossa civilização”.

Considera-se, também, que o período é de censura e perseguições. Na capital federal, por exemplo, “José do Patrocínio foi deportado, Guimarães Passos e Luis Murat fugiram para a Argentina, enquanto Bilac refugiou-se em Minas Gerais (...) e Paula Nei desaparece dos antigos pontos de reunião” (VELLOSO, 1996, p.33). Há, conseqüentemente, um estado de instabilidade e insegurança que afeta o *homem de letras* e seus espaços de livre expressão e convívio. Afinal, a República recém instalada programa uma modernização conservadora e elitista. Recorre o regime à longa tradição de censura, cooptação ou interdição que, desde a Independência, foi sempre utilizada em relação às publicações nacionais e seus escritores.

No Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras, por exemplo, é inspirada no modelo da *Académie Française de Lettres* (1635), na tentativa de superar as experiências que fecharam inúmeras associações literárias anteriores e se tutelar do Estado. Um contraste, aliás, muito criticado na época, entre a iniciativa republicana e o “*ethos* aristocrático” do academicismo, mistificado na antítese entre a “autonomia” legítima dos literatos e a “tutela” do mecenato estatal. Ou seja, na perspectiva de alguns de seus idealizadores, como Lúcio Mendonça, a ABL deveria atrair injunções do Estado na forma de proteção e apoio financeiro: “o governo seria fundamental não somente para conferir legitimidade e permanência à instituição, mas principalmente autonomia para as publicações de seus literatos (...) além da

infra-estrutura necessária para funcionamento da instituição (...) uma espécie de *mecenato estatal*”⁹⁶. Apoio que não se confirma depois, dependendo a ABL de doações particulares para se firmar e sobreviver.

Apesar de todas estas implicações, as tentativas “fisiológicas” de aproximar literatos e governo republicano fazem prosperar muito mais “o fosso entre o universo da política e dos intelectuais” (VELLOSO, 1996, p.35). A intelectualidade marginalizada por diversas circunstâncias tende a construir seus próprios espaços de atuação pública. Os clubes, os cafés, as livrarias e os salões começam a servir de ponto de encontro público, onde transitam tipos letrados bastante figurativos, oscilando entre o delírio e insatisfação.

O boêmio e o *dândi* representam bem este momento. E como já se registrou aqui, “proclama-se” outra “república” (a das letras). Postada no delgado intervalo entre o “cidadão escritor” e o “profissional da literatura”. Leia-se, “profissional” ancorado somente quando em importantes cargos estatais ou em empresas jornalísticas de tiragem industrial. Situação para alguns poucos felizardos na arte da prosa e do verso (SEVCENKO, 2003).

Fora deste circuito bastante limitado, restavam os poucos empregos no setor público ou no comércio, o consumo de alguma herança deixada pela família ou, simplesmente, engrossar o rol daqueles que investem nas centenas de folhas *noticiosas*, circulantes em bairros, cidades pequenas e academias. Uma via cruzes em nome do *flirt* com a civilização do progresso. Como ocorre no Club Litterario de Palmares, onde os “moços” trocam a imitação dos “mais velhos” – adeptos da “Teoria do Medalhão”⁹⁷, descrita em conto de Machado de Assis – pela imaginação que descobre o boêmio, o *dândi* e o *flaneur* nas páginas inventadas do *Novo Echo*. Inclusive, com o termo estampado ali: “flanando” na Palmares de 1894, exatos

⁹⁶ Consultar FACINA, Adriana. **Rotas de Consagração**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº. 28, 2001 e RODRIGUES, João Paulo dos Santos. **A Dança das Cadeiras**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

⁹⁷ Conto de Machado de Assis, publicado na Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro) em 1881. A história de um pai de poucas posses, que após um jantar de aniversário de seu filho o chama para conversar. Tratam sobre o futuro e o pai começa a aconselhá-lo que para garantir que o esforço dele durante toda a vida seja recompensado, ele, o filho, deve além de boa profissão cultivar o "ofício" de medalhão. O ofício requer um sujeito que não pense muito, não tenha idéias próprias, que viva para ser popular e chamar a atenção. Esse ofício requer um *bom vivant* que quer ter o nome lembrado, mas sem muitos esforços, parecendo ser culto, sábio, que agrada a todos, simpático, quando na verdade não é. Para isso, não se deve ter idéias que divirjam das demais, ser conivente com a maioria das pessoas, ser tido como necessário em todos os lugares, eventos sociais e festas. Uma descrição do comportamento esperado nos salões do Club de letras, principalmente entre os *fundadores*.

dez anos depois que o já lendário primeiro jornal impresso na cidade fechou as portas e as “medalhas” e louros literários foram adormecidos.

Um tempo em que a “república das letras” sonhou e fez guerra pela República política. Mas, agora, sofrendo os revezes da “disputa de capital simbólico”, opõe os moços *continuadores* aos senhores *fundadores* do Club, consideram-se, no entanto, os desejos de sempre: o desejo de consagração, reconhecimento e prestígio social. O irônico é que em 1910, ano que a ABL introduz o uso do fardão de imortal, o Club Litterario de Palmares fecha as portas, reaparecendo depois como um clube apenas recreativo. O afamado salão literário se transforma em *dance hall*.

5.1. O *NOVO ECHO*: FLANANDO EM PALMARES.

O grupo que se forma em torno do *Novo Echo*⁹⁸ e, tempos depois, nas páginas do *Progresso*, aprofunda a experiência literária na cidade, ultrapassando as antigas aspirações dos *fundadores* do Club. O novo jornal da cidade, órgão do *Congresso* literário e boêmio, objetiva “a vulgarização dos trabalhos” do grupo, que representa “o programa das letras em Palmares”, orientado pelas novas sociabilidades que freqüentam salões, cafés, livrarias e jornais. Melhor dizendo, os boêmios *escurtam* no microcosmo do Club de Palmares e nos impressos que fazem circular, as mesmas contradições contextualizadas nacionalmente pelo *homme de lettres*. Entre outras, uma oposição se destaca no *Novo Echo*: aquela observada entre a “natureza” – vista nas ruas centrais da cidade, lama e atraso; ou nos arvoredos e serras do lugar, símbolo e fonte de inspiração – e a “civilização do progresso” – assimilada como “novidade científica”, utilitária e prazerosa nas máquinas, locomotivas, telégrafos, telefones, etc.; ou, simplesmente, estranhada e repelida na sua vertiginosa lubricidade e inquietações.

⁹⁸ Encontram-se no Arquivo Público Jordão Emerenciano (Recife-PE), os números 2 e 3 referentes ao ano de 1894 e o número 1, ano II, de fevereiro de 1895.

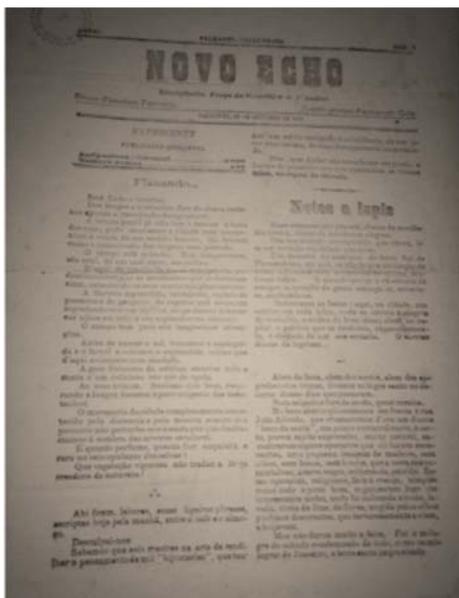


FIGURA 14: *Jornal “Novo Echo”, 1895, porta-voz da Conferência Litteraria Bohemios de Palmares.*

Nicolau Sevcenko (2003) observa esta presença implacável no conjunto da literatura da época. Em José de Alencar aparece a “natureza” da exuberância romântica e idílica. Em Vicente de Carvalho, poeta da “Geração 1870”, a “natureza” que emoldura o progresso. Sua *utilidade* técnica, ao lado do que oferece de refúgio e reconciliação poética. Sintomas da sociedade urbana *fabricante*, importadora e consumidora de textos, que se arma na paisagem de final de século. O *lamiré* textual deixado por estes letrados em poesia e prosa. Sempre bifronte nas partidas entre tradição e progresso, civilização e atraso, letrado e *matuto*, passado e futuro. Sempre melancólico ou pouco entusiasmado quando escreve a experiência cotidiana atingida pelas “novidades” modernas. Na cidadezinha do Club Litterario de Palmares é o tom moroso dos textos vinculados pelos *moços boêmios*. Mas, por que razões escreveram estas partidas?

Na leitura de seus poemas, artigos e crônicas revelam-se as constantes bifurcações que separam o centro urbano e seu entorno. Se de um lado, a modernidade abre ruas por onde o transeunte adquire certa experiência fragmentária e efêmera, de outro prolifera uma infinidade de signos melancólicos do passado. Na verdade, o choque cotidiano com várias práticas, discursos e coisas carregadas do “antes”, da vida camponesa que atravessa o lugar e sua paisagem. O enredo preferido dos *continuadores* do Club. Uma ordem moderna, uma *escrituração* nem sempre correspondente ao desejo de progresso. Prevalece a imposição da natureza bucólica, que consideram sem experiência, sem tempo de ser narrada e como tal

investigada, porém, presente e original. Daí, o estranhamento e a descontinuidade do vivido, onde o “progresso” atinge o máximo da personalização literária no confronto com as carências materiais do lugar.

Nas cidades ou serras, próximas ou distantes, vai surgindo um “entulho” muito diferente daqueles nichos acostumado com a casa grande, a senzala e a capela de outrora. Depois, o salão, a câmara e o cartório idiossincrásicos. Depois o bico de pena, o retrato e as letras cursivas indefectíveis. As viagens de trem e a aproximação com a capital do Estado. Surge na década dos *continuadores*, em profusão a letra bastão das propagandas. A máquina de escrever é divulgada. A fotografia popularizada. O centro comercial, o espaço de boemia, o *cinerama* informados. O telefone, o gramofone e a “fita” do telégrafo intermitente são milagres modernos. Assim, o progresso é escovado “a pelo” e “a contra pelo”, sempre residual nas duas faces do lugar: o “atraso” e a “civilização”.

Memórias que exigem a leitura das conexões entre os discursos que possibilitam investigar as práticas sociais e seus respectivos constructos culturais, cujo mais importante na época, vem a ser o próprio Club Litterario. Lembre-se, aqui, Carlo Ginzburg quando argumenta que “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”. Que ele se constrói diante do que restou do passado até os vivos. Posto assim, o “progresso” defendido pelos sócios do Club é residual e alegórico. E, como se diz, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras” (BENJAMIN, 1994, p.229). O *agora* dos sócios são a matéria que interessa. Por isto, fazer a narração dos vínculos entre os jornais da cidade e o Club Litterario, exige organizar a fonte escrita achada, para muitas vezes confirmar, entre seus fragmentos, uma intuição já percebida nas diversas abordagens sobre a *modernidade* realizada por outros autores. Principalmente quando aparece, não somente, o sentido implícito, mas a palavra em cheio, escrita, transbordando seu uso de época, contextualizada.

Isto ocorre na leitura do *Novo Echo* (edição de 30 de outubro de 1894). Ali o termo – *Flanando...* – dá título ao editorial que versa sobre um “passeio” pelas acanhadas ruas da pequena cidade incrustada no campo, entre “vegetação vigorosa” e “montanhas”:

Flanando... Está findo o inverno. Dos longos e tristonhos dias de chuva apenas a recordação desagradável. A leitora gentil já não tem mais que recear a lama das ruas, pode atravessar a cidade sem arrepanhar a cauda de seu vestido branco, tão branco como a consciência das virgens. O tempo está soberbo. Boa temperatura, céu azul de um azul claro magnífico. Daqui da janela do nosso escritório podemos contemplar as montanhas (...) o campo tem para nós magnéticas atrações. Antes do nascer do sol, tomamos a espingarda e o farnel e subimos a esplendida colina que avistamos daqui com saudade (...) que vegetação vigorosa não traduz a força criadora da

natureza! Ai fica caros leitores, essas ligeiras frases, escritas hoje entre o café da manhã e o almoço. Desculpai-nos. Sabemos que sois mestres em rendilhar o pensamento de mil “bijuterias”, que tendes um estilo castigado e cintilante de um lavor suave e de uma transparência imaculada.

O texto deixa transparecer a intenção de que a cidade não pode resistir à natureza bucólica. Por isto, a recordação “desagradável” dos dias de chuva, onde o “caos” invadiu o território do “progresso”. Acontecimento que denuncia as carências urbanas da pequena cidade. Ou seja, a cada instante a rua é confundida e sufocada pela moldura da paisagem exterior, sempre a poucos metros de qualquer ângulo em que se fixem os olhos. Assim, a palavra “flanando” é empregada no mesmo sentido que outros textos publicados nas metrópoles de pedra e vidraça.

Ali o “passeio” do poeta se depara com os contrastes entre o antigo e o moderno (BENJAMIN, 1994) captando o incidental instante de uma mulher que passa com seu vestido branco, ou ainda, o aprisionamento da brisa pela elegância do porte feminino. Aqui a palavra pode insinuar o mesmo erotismo e reportar “a consciência das virgens” tacanhamente presas à tradição do lugar. O flunar romântico, portanto, que exalta a irresistível natureza que emoldura a cidade, na intenção de separar bem esse mundo natural que “nada tem para ensinar” do mundo das ruas do “progresso”, que convidam o transeunte a experimentar sempre uma sensação de expectador capaz de guardar seus fragmentos (e “ligeiras frases” que divaga enquanto caminha!). Mas, afinal, como garantir o *flaneur* num espaço muito mais assimilado pelo “lavor” do campo e pela “transparência imaculada” destes homens de “estilo castigado”?

Impossível! Pedem-se desculpas ao leitor. Afinal, a experiência de flunar existe para um tipo muito especial: aquele que consegue atravessar a “natureza” rude do atraso e regressar de pronto à “civilização” e, civilizadamente, despedir-se com um aperto de mão desses homens consumidos pela labuta: “mas que diabos! São nove horas e haveis de permitir-nos que apertemos vossas mãos em sinal de retirada”. Um indício de que o letrado e ufano de 1894 se sabe de outra matéria projetada muito, muito longe. “Um príncipe – como diz Baudelaire – que por toda parte, faz uso de seu incógnito” e que não se deixa embrutecer porque dos “homens brutos” que são a maioria, a multidão do lugar. O *outro* tempo onde vivem os iletrados.

O *Novo Echo* prefere estas distâncias: Paris, Rio de Janeiro, Recife. Cidades que possuem o clima de progresso, que somente poucos espaços e situações da pequena cidade provinciana podem garantir. Afinal, numa pequena comunidade que facilita cotidianamente

identificar as pessoas pelos nomes, profissões e parentesco, se faz necessário (para identidade do *homem de letras*) a adoção de “tipos” consagrados lá fora e imitá-los ou apenas situá-los na paisagem, considerando que muitos moços voltam da capital, quando terminam seus estudos, trazendo “civilidades” muito estranhas para as tradições do lugar. A este respeito, uma coluna do *Novo Echo*, assinada por um apelidado *Zeno*, dá conta do “Perfil” da nova figura, misteriosamente evitando-se o nome do suplicado:

É moço elegante. Audaz e altivo, trabalhador e alegre. Fizeram-no boêmio. (...) O burburinho da cidade, o rebuliço das ruas lhe é agradável, porque é moço, porque sente. Todos gostam de ouvi-lo. Tem a voz ébria e ardente, embora sempre satírica. Começa os primeiros ensaios na imprensa literária, com amor e muita dedicação. É amigo que sabe agradar aos que o conhece, com afabilidade (...).⁹⁹

Geralmente na edição seguinte sai um veredicto: o *perfil* é fulano de tal! Neste caso do “moço elegante”, uma notinha narra que durante o *Congresso Litterario e Bohemio* de fevereiro de 1895, deram-se “votos” para aferir a opinião geral:

Despertou algum interesse o perfil publicado em nosso nº. 2. Diziam uns: – é o perfil do Temístocles de Aguiar, outros: – qualidades de Fábio Silva. No Congresso Literário fizeram até um plebiscito nesse sentido e foi esse o resultado:
 Temístocles de Aguiar, 8 votos;
 Fábio Silva, 6 votos;
 Fernando Griz, 5 votos;
 Fenelon Campos, 5 votos;
 João Carvalho, 2 votos.

A brincadeira demonstra que todos se identificam boêmios. Aliás, esta figura é assimilada na época aos comportamentos que o *perfil* aponta: gostar da rua, cantar, recitar, beber e freqüentar espaços onde se trocam idéias sobre ciência, literatura e política. Reunir-se à distância daqueles “zoilos” que criticam o modo de viver desobrigado de muitas das tradições religiosas, desvalorizadas pela mundaneidade boêmia. Isto implica em adotar gestos e roupas diferentes. Mesmo com poucos recursos de moços pobres, na maioria das vezes, vestirem jeitoso, quiçá um *dândi*¹⁰⁰ capaz de mostrar elegância nas atitudes e palavras e sutilmente ironizar a “natureza” circundante em nome dos valores do “progresso” e das notícias que mandam da capital.

⁹⁹ *Novo Echo*, nº. 1, ano II, 15 de fevereiro de 1895.

¹⁰⁰ Por definição trata-se de um “homem que se veste com extremo apuro”. Baudelaire (1997, 47) diz, certamente extraído de sua experiência de vida, que o dândi é um “homem rico, ocioso que, mesmo entediado de tudo, não tem outra obrigação senão correr ao encalço da felicidade; o homem criado no luxo e acostumado a ser obedecido desde a juventude; enfim, cuja única profissão é a elegância; uma fisionomia distinta, completamente à parte”.

E o que isto tem a ver com o Club Litterario? Uma nota da mesma edição narra a presença destes moços boêmios na Direção de 1895:

A 20 de janeiro, procedeu-se à eleição para Diretoria Administrativa em 1895, do Club Litterario de Palmares, verificados os seguintes resultados:
 Diretor: Gercino Firmo (Reeleito)
 Vice: Gervásio Pereira
 1º Secretário: Fernando Griz
 2º Secretário: Fábio Silva
 Tesoureiro: Luis de França Pereira
 Orador: Manoel Henrique Wanderley.

No *Conselho Deliberativo* do Club aparecem Temístocles de Aguiar, Fenelon Campos e João Carvalho. Algo que confirma o encontro entre os remanescentes *fundadores* do Club e seus *continuadores* – estes moços boêmios – vinculados ao *Novo Echo* e ao *Congresso Litterario e Bohemio de Palmares* – sociedade, inclusive, com estatutos e sede no escritório do jornal – que deixa transparecer a convivência antiga entre os letrados e os literatos do Club. Entre a percepção do elitismo diletante e aquela da criação literária que, na década de 1890, encontra-se *flanando* entre o boêmio e o dândi. Afinal, vindos do repertório europeu estes tipos representam o “herói moderno”, que o poeta francês Charles Baudelaire exalta na atmosfera urbana, em *A uma Passante*:

A rua em torno era um frenético alarido.
 Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
 Uma mulher passou, com sua mão suntuosa.
 Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Porém, embevecidos de imagens parnasianas e simbolistas, lendo todos os textos com se fossem libelos românticos (é o que parece), os moços boêmios do *Novo Echo* amanhecem com a “espingarda e o farnel” de seus pais. Dizem: “o campo para nós tem magnéticas atrações”. Patético, não?! Avistam o progresso *flanando* pela natureza que se avista com saudade. Neste ambiente bifurcado entre o “atraso” e a “civilização”, o Club mantém a prosa dos românticos e a verve parnasiana e simbolista que enchem as páginas do jornalzinho. Formam-se outros grupos. Aparecem outros interesses e os *fundadores* são incorporados à memória, louvados como heróis do progresso.

Chama atenção, também, na edição do “flanando”, um texto de continuação de uma carta enviada do Recife. Ali, possivelmente, um caixeiro viajante toma partido contra a “natureza”. Argumenta que visitou a cidade nos “longos e tristonhos dias de chuva” de que falam os editores do *Novo Echo*. Impressiona o fato dos redatores não mencionarem a

enchente sofrida pela cidade dias atrás. Isto aparece somente nesta carta. Um olhar distante e retrospectivo. Um texto que vem do Recife e tem a ver com o “basbaque” de Baudelaire ou o *flirt* do progresso realizado pelos boêmios. Trata-se de um texto irônico sobre o “atraso” do lugar, descrito em ruínas, após os fragrantos de uma enchente, por um desprezioso cronista de outra praça. Existe aqui a necessidade de reproduzi-lo na íntegra:

A Palmares

(continuação)

IV

Imaginem uma cidade inteiramente ilhada pelas revoltas águas de um rio enorme, que tem a força de demolir edifícios e derrubar árvores. Assim estava Palmares. Nos altos, uma multidão de homens e mulheres que se agasalham nos matagais molhados, nos campos frígidos; trapos por toda a parte, a esmo; três a quatro jangadas que promovem a salvação do povo. E as águas com força, fortemente a subir. Pela tarde, quando o sol ia se afastando dos montes, bem poderia um freugmático (sic) dizer: é uma cidade que se afoga.

V

Baixaram as águas morosamente. Depois de alguns dias de espera lembrei-me do expediente de Noé quando soltou a pombinha querendo certificar-se se havia terminado o cataclismo das águas. Mas faltava-me tudo. Eu não estava numa arca, não havia engaiolado um casal de todos os animais que povoam a terra. Ainda mais, eu não era Noé, eu não era o meu avô. Fui, pois, eu mesmo, buscar o ramo de oliveira. Andei por toda a cidade, percorrendo todas as ruas, ainda enlameada, admirei-me da ruína extraordinária que fizera o rio, andei por todos os becos e a única coisa que me agradou, que me serviu, deste empório comercial que se oculta nas sombras do interior de Estado, foi a visita à biblioteca do Club Literário, que poderia ser um foro perene de ilustração, se não fosse reparavelmente esquecida. A única coisa, sim. De que serve admirar árvores, palmeiras, campo e caniços? De que serve ver uma planície vasta, atapetada de flores? Do que serve o canto do canário, os arrulhos da rola, os gorjeios dos sabiás?

VI

Pude afinal voltar; havia reaparecido a terra. Estava restabelecida a locomoção e feita minha viagem demorada, aborrecida. No entanto, apesar dos contratemplos acometidos ainda experimento saudades da viagem que fiz a cidade, onde vive a propulsora força dos altos cometimentos.

Recife, 1894.

Z. X.

Não interessa o choque de gêneros textuais. O “flanando” versus a carta intitulada “A Palmares”. Nem medir a competência dos redatores em comparação a do remetente. Mas onde e em que *lugar* se encontra a representação da “natureza” que ambos narram pela experiência vivida. Uma primeira questão se impõe: os redatores do *Novo Echo* não são enfáticos sobre a enchente. E não passam ao largo do assunto por estarem acostumados com o fenômeno. A ausência que provocam, compensam com o editorial: desejam a natureza nas “bordas” do lugar. Repete-se, na pequena cidade, uma lógica moderna. Enfim, escrituram um espaço civilizado *in fictio*, acrescido a cada “máquina” do progresso que chega pela estrada de ferro. O mecanismo que liga o lugar “onde a civilização encontra-se um pouco atrasada” à capital do Estado.

Flora Süssekind demonstra como esta geração de literatos “imediatamente anterior aos modernistas”, foi seduzida pela *técnica* e como a técnica – dos cinematógrafos, máquinas de escrever, fonógrafos, gramofones e fotografias – repercutiu na “natureza” de seus escritos. Técnicas de escrever transfiguradas pela *imitação, estilização e deslocamento* (SÜSSEKIND, 1987, p.90). Uma chave importante para entender esta presença sempre latente nos escritos dos literatos do Club.

Os redatores de “Flanando” – Fernando Griz e Fabio Silva – uns tipos “marginalizados conformados” de que fala Sevcenko (2003), empenhados em redigir um texto com a contextura e “modo” daqueles que chegam aos jornais das grandes cidades. Assim, terminam silenciando o evento da enchente local, empenhados na oposição que separa o “sábio” *progresso* daquela *natureza* “bruta”. A moldura que circunda o pequeno centro urbano. Apostam na *estilização* comum aos parnasianos e simbolistas. Escrevem uma “série interminável de interjeições, exclamações e vocativos, isto é, num espanto ornamental” (SÜSSEKIND, 1987, p.91). Um ornamento sobre a “experiência vivida” e isolada – a *Erlebnisse* – a dimensão de “abertura” (GAGNEBIN, 1994, p.12), que sucede os sintomas da *modernidade* metropolitana, cosmopolita e, certamente, também, provinciana. Arranjos poéticos de um jornal pretensiosamente literário, onde o forte é o uso deliberado de tropos como a *alegoria*. No caso de *flanando*, aquela que garante atravessar as lamas do atraso.

Enquanto isto, o viajante cronista – que tudo faz crer veio do Recife a negócios – manda um texto entre a ironia e o pedantismo de quem se oculta na alcunha e escreve “sem pretensões literárias” (diz-se muito esta frase nos periódicos de Palmares!). No texto de “Z.X” não há obrigação com nenhuma gramática ou estilo. Porém, transborda o discurso corrente de que a “natureza não serve para nada”. Por isto, destaca de todos os lugares que visitou a

biblioteca do Club Literário. A única representante dos “cometimentos” do progresso naquele “empório comercial que se oculta nas sombras do interior de Estado”.

Tipo de discurso ordinário, que reportando o “mal-estar na civilização” do Dr. Freud, vislumbra que “o homem ordinário é locutor” – *Não sei nada de sério. Sou como todo mundo* (CERTEAU, 1994, p.62), – mas de repente transformado em *narrador* do enfoque da cultura, sai a criar textos nada ordinários. Exatamente o que faz o cronista em questão, sob os aborrecimentos e contratemplos da permanência forçada numa cidade ilhada, repetir este traço da chamada civilização moderna: a experiência produtora de linguagem escrita. A escrituração do espaço para poder se encontrar na “experiência de choque”. Ela própria trivial, efêmera e cotidiana.

O destaque que dá ao Club, contudo, não é inédito. Todos os outros, desde 1882, dizem praticamente a mesma coisa – de Joaquim Nabuco ao *Novo Echo* – todos exaltam a Biblioteca de Palmares. A questão, portanto, é que o trivial tornou-se a oposição entre a *natureza* ali presente e a representação do Club Litterario como *lugar* de progresso. A mesma experiência moderna que exige escrituração. Ou seja, o que a ciência das técnicas que fascinam tem por *objeto*, o homem comum, ordinário toma por *lugar* (CERTEAU, 1994), exigindo que a ciência desça ao chão com uma linguagem comum e apropriante. O que desvaloriza a *natureza* está no que se define *progresso*. Conquistá-lo implica em não dá atenção à “planície atapetada de flores”. Isto fica para os poetas, embora “Z.X” repita o discurso de quem também flana e se descuida.

Para finalizar, uma notinha da mesma edição do *Novo Echo* reclama: “contam-nos que estão novamente lançando no Rio Una as caldas das usinas circunvizinhas à cidade, prática esta que resulta em total podridão. Precisamos de higiene” (30 de outubro de 1894). Mais uma vez se confirma o discurso moderno. A necessidade de “higiene” cala na alma o desejo de *civilização*. Aquilo que Foucault (1981) expressa da civilização do século XIX, dizendo que as *luzes* que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas.

O encontro do *discurso* moderno com a inflexão da *técnica* atua também no movimento espontâneo da fala ordinária e corriqueira. O narrador, sua *experiência de choque* e o leitor de jornal (o *Novo Echo* fala para alguns, os alfabetizado) confirmam esta dialogicidade. Ambos partilham o mesmo discurso disciplinador. Espaço onde o *progresso* é a miragem que junta práticas já consagradas. Uma nota constante de final de século: *A única coisa, sim. De que serve admirar árvores, palmeiras, campo e caniços?* Escreveu com raiva o incógnito “Z.X”.

5.2. O PROGRESSO: NOTAS DE 1900 E UM ESPECIAL “EÇA DE QUEIROZ”

Agita-se o ano de 1900. O último sopro do século XIX, enquanto o Club Litterario de Palmares atinge dezoito anos e alguns intervalos de funcionamento. Sobrevive o importante “núcleo de civilização” da cidade, reporta um texto de dois anos antes¹⁰¹. O Club mantém sua famosa biblioteca e recepciona nos salões da Praça Maurity, políticos e homens de letras interessados na divulgação de seus discursos – que já versaram sobre abolicionismo, republicanismo, trabalho, progresso e ciência – e poemas da cepa dos românticos, parnasianos e simbolistas. Lugar onde charutos e licores acompanham a transformação da moda e das conversas, da política e da economia.

A cidade no início do século XX continua a experiência das caldeiras a vapor. Usinas de açúcar despertam os argumentos do progresso dos “maquinismos” e das técnicas que transformam o mundo lá fora. Contudo, à moldura de uma natureza bucólica ainda lampejam os casebres e os tipos humanos mais exóticos. O lugar possui telégrafos e alguns telefones (um que transmite a voz dos escritórios da Grant Western Railway) e, logo no início do ano, em 15 de março de 1900, retoma o jornal *O Progresso* desativado no final de 1898, com a proposta de “como em outras localidades do interior de nosso Estado, Goiana, Vitória, Nazareth, Pau D’alho, (...) representar na arena jornalística o interesse da comunidade palmarenses¹⁰²”.

Mandar notícias (por intermédio desta arena jornalística) constitui-se, na época, um exercício vital de intercâmbio. Aliás, isto garantiu a preservação material de algumas coleções e números destes periódicos. Pois, se ao longo do tempo a cidade não os preservou, eles surgem nos arquivos do Recife garantindo o acesso à memória local. Primeiro pela escolha de remeter, aos arquivos e bibliotecas, um exemplar de divulgação; segundo, os redatores de outros jornais mais importantes tiveram a idéia consciente de juntar tais exemplares e entregar à proteção do Estado. Ou seja, os destinatários da façanha jornalística feita “em outras localidades”, terminam guardando a memória do remetente.

¹⁰¹ O *Club Literário*, 23 de outubro de 1898.

¹⁰² Encontram-se no Arquivo Público Jordão Emerenciano (Recife-PE), os números 1, 2 e 4 do *Progresso* publicados em 1897; os números 1, 8 e do 12 ao 18 referentes aos meses de março, maio, junho e julho de 1898. Também, uma coleção organizada do nº. 1 ao nº. 23, correspondente ao período de retomada do jornal, correspondente ao período de março a agosto de 1900.



FIGURA 15: Jornal “O Progresso”, semanário publicado no ano de 1900.

A chamada “arena jornalística”, Palmares conhece faz duas décadas. Os fatos demonstram que o Club Litterario contribui muito neste intuito, como *lugar praticado* de consumidores (leitores) e produtores (literatos) de textos. Uma nota do Álbum de Visitas, datada um mês antes do reaparecimento de *O Progresso*, em 15 de fevereiro de 1900, representa bem esta centralidade do Club em relação à cidade e seu cotidiano:

Palmares pode não ter um hotel confortável, mas, no entanto tem uma boa biblioteca. Dá-se conseqüentemente que meu caso de voracidade do espírito ou da voracidade do estômago, o que melhor repasto e mais deliciosamente se sacia é o espírito. Este, sim, pode-se se dar ao luxo de banquetear-se, porque, para satisfazer-lhe as esquisitices do apetite, bastam os desvelos fidalgos do Doutor Costa Maia que preside o cardápio dessas iguarias encantadoras que se saboreia: bons livros, bons autores. Isto consigna a sinceridade de quem por vezes vem aqui para fazer o seu “lanche” literário, pacato mais substancial. De quem testemunhou toda esta notável característica da civilização que sonha: a supremacia da refeição do espírito vencendo a hospitalidade da matéria.

O Club – do “lanche literário” – tem como principal diretor naquele ano, o advogado Costa Maia. O tom desta nota do *Álbum* e as que se seguem de registro e pequenas notícias espalhadas pelas edições do jornal *O Progresso* deixam transparecer uma agenda de atividades *sociais*. O uso elitizado de seus salões é evidenciado e não se tem registro de atividades propriamente literárias, a exemplo das antigas conferências literárias e boemias da metade da década.

Os *Continuadores* do Club permanecem sócios, porém, envolvidos com novas responsabilidades: Manoel Henrique Wanderley é eleito prefeito da cidade para o período 1900/1904; Fenelon Ferreira, vice-prefeito e principal diretor do jornal; Fabio Silva e Fernando Griz, “senhores casados”, são funcionários públicos e os principais redatores da

folha que circula semanalmente na cidade, além de iniciarem a aventura de escrever livros de ficção e poemas. A vida boêmia se desfaz, convivendo com as novas responsabilidades públicas e privadas. Sentimento de conformismo que se deixa transbordar nas páginas do semanário:

A Lei, o Direito, a Família e a Religião terão sempre nas suas colunas o preito devido das majestades que representam. As Letras palmarense, de preferência, terão no Progresso o culto que merecem, sem que, contudo, por um mal entendido exclusivismo sejam as únicas preferidas. Aceitamos até a colaboração de nossos concidadãos...¹⁰³

Percebe-se que o grupo formado no tablóide *A Semana*, em 1892, que prezava entre pedidos de “apoio, proteção e desculpas” ao público, espaço para divulgar suas palavras, agora, integrado à *estadania*¹⁰⁴ da República liberal e oligárquica, demarca quais os *lugares* que articulam o discurso em defesa do que passam chamar “progresso moral”. Fabio Silva, por exemplo, escreve no *Progresso*: “assentamos de reentrar no acampamento sombrio: as lanças passaram-se, os capacetes perderam a cor e a forma, mas ao nosso lado vemos agora combatentes robustos e ousados – penas em riste, para a investida contra o erro e o mal”. Afinal, os compromissos são outros e não podem ser enfrentados com as “armas” da boemia? E quem são os novos “combatentes”? Por que o “erro” está associado ao “mal”, se outrora o grupo prezava pela irreverência e descontração, exatamente contra os “homens brutos” que se escudavam na tradição e na religiosidade?

Os compromissos políticos partidários, talvez seja a resposta. A leitura das matérias indica que o entorno do jornal *O Progresso* reúne um grupo de políticos locais (Fenelon Ferreira, Fausto Figueredo, Ismael Gouveia, Leopoldo Lins e Costa Maia) interessados nas disputas de poder e no controle do eleitorado local. Os novos combatentes surgem daí – o exemplo de Fausto Figueredo (o autor da coluna “De Bicicleta”¹⁰⁵) – diluindo os sintomas da “irreverência” boêmia, pelo discurso comportado da *estadania* que a chamada *República dos Conselheiros* aparelha e defende.

Algo que afasta o ímpeto daquelas reformas que a *cidadania* de alguns ideólogos republicanos mais radicais propunha e que os “moços” do Club defenderam em palavras e gestos anos atrás. Desejos suplantados de pronto pela Constituição de 1891, pelas sucessivas

¹⁰³ *O Progresso*, nº. 1, ano I, março de 1900 (número de relançamento do jornal suspenso em 1898).

¹⁰⁴ Consultar sobre o período “A cidadania e a estadania”, in: CARVALHO, José Murilo de. *op. cit.* p. 29/33.

¹⁰⁵ Fausto Figueredo assinava a coluna “De Bicicleta”, com o pseudônimo de ZYX. Sua coluna semanal além de noticiar acontecimentos urbanos, divulgava o perfil de muitos cidadãos ilustres da cidade. Anos depois, Fausto Figueredo foi prefeito da cidade, assassinado em 1919, na cidade do Recife, quando se preparava para exercer o cargo de senador da República.

querelas reacionárias da *República das Espadas* e, que no Norte do país, ganham com o passar dos anos os tons conciliatórios do coronelismo. Exatamente nestes rincões analfabetos de *matutos* de pés descalços, cultivando açúcar, algodão, cacau ou tangendo o gado alheio, na maioria dos casos, animais muito mais tratados do estômago, da saúde e da segurança.

Nas palavras do *Progresso* misturam-se, assim, a euforia de *final de século*, as incertezas das oscilações e especulações econômicas e políticas da época e o desencanto enrustido com a obra de 1889. Desencanto que paira sobre os intelectuais, seus escritos e muito de seus leitores. Como sentencia José Murilo de Carvalho: “os propagandistas e os principais participantes do movimento republicano perceberam que não se tratava da república de seus sonhos” (CARVALHO, 1990, p.33). Já em 1901, muitos deles, passaram a atacar com descrédito o novo regime, considerado, por muitos, “corrupto e mais despótico do que o governo monárquico”.

Outro exemplo, que demonstra como o “pessoal” do *Progresso* adotou a estadania disseminada pelo regime, está no discurso recente que valoriza a mulher (leitora) e a família. Porque o que lhes parece moderno tem suas raízes “dentro de uma tradição cultural enraizada” (CARVALHO, 1990, p.31), pois terminam reforçando o conservadorismo das relações patriarcais. Um artigo deixado pelos seus primeiros donos do *Progresso* – Adriano Coimbra Pinto, Manoel Monteiro de Carvalho e João Genuíno de Oliveira – é expressamente coerente com a *onda* conservadora de final dos anos 1890:

A pornografia jamais achará amparo nas colunas do Progresso, abertas essencialmente aos artigos instrutivos com intuito moralizadores; bem como não aceitaremos quaisquer escritos que ao menos de leve vão ferir o delicado lar da família. O Progresso quando não tenha aparência política, não deixará de tecer louvores a esta Pátria amada, que inditosa vai atravessando a grande crise que nos trouxe a má orientação de seus reorganizadores¹⁰⁶.

A família católica que projetam como *intuito moralizador*, é a que se organiza na sombra patrimonialista do poder do Estado, da possibilidade de sua privatização oferecendo fortuna e carreira, mesmo que esteja em crise e má orientado. Por exemplo, a mulher leitora que *O Progresso* exalta – diferente daquela do *spleen* e do *flaneur* boêmio do *Novo Echo* – é a destinada ao casamento (outra via de ascensão social de muitos rapazes letrados), aparecendo na primeira fase de *O Progresso* (07/02/1897 a 13/10/1898) como símbolo entre seus assinantes e leitores.

¹⁰⁶ *O Progresso*, *op. cit.* edição de 07 de fevereiro de 1897.

A “Joaninha” de um quadro de humor publicado na edição de 30 de agosto de 1900, segunda fase do jornal, cujo título “A louquinha” é muito mais um embuste que completa a coluna destinada “*As lindas leitoras do Progresso*”, representa bem esta passagem da boemia à cruzada pela moral da família entre muitos frequentadores das antigas Conferências Literárias e Boemias. Um momento em que, pela primeira vez, depois de todos os jornais pesquisados, desde o *Echo de Palmares* (1883), aparecem “variedades” destinadas ao público feminino, marcadas pela atmosfera da religião e das boas-maneiras:

A travessa da Joaninha
 Que se chama a louquinha
 Por andar sempre a brincar
 Ouviu alguém lhe falar:
 – vem cá mimosa louquinha!

E a travessa da Joaninha
 Que se chamava a louquinha
 Por andar sempre a brincar,
 Responde: – quer me beijar,
 Não custa; a igreja é vizinha,
 Vamos ao Padre falar...

A verdadeira musa civilizada chegou com *O Progresso*. Esta não é mais apenas sugerida. Transforma-se na metáfora da “civilização” conspurcada em todos os recantos e dimensões da vida pública e privada. Na medida em que fala das conquistas do século XIX, introduz no conjunto da comunidade o discurso civilizatório e disciplinador. Seu conteúdo traz notícias de longe e de perto; escreve com a mesma “autoridade” que se fala distante, ao redor do mundo, sobre fatos passados e presentes. A intenção é esclarecer, numa visão cosmopolita, o que é a Pátria, a Família, a República, a Religião e a Ciência. Mas, isto não evita o desaparecimento do jornal. O mesmo destino de todos os outros. Sua leitura, no entanto, demonstra que foi encarado com menos amadorismo e se pretendeu avançar sobre o século que anunciou como um empreendimento noticioso e literário, organizado de maneira empresarial.

Fez-se, também, uma coluna “Assuntos Literários”, onde poemas e contos são frequentes¹⁰⁷. É que forma-se, na sua redação, um grupo de literatos muito mais divulgado e conhecido do público. O grupo que, ao longo da primeira década do novo século, perde definitivamente as “lanças” e os “capacetes” daquela invenção *à francesa*, abandonando o Club Litterario de Palmares, antes que este ressurgja no formato de sociedade recreativa, com

¹⁰⁷ Fabio Silva e Fernando Griz garantem uma produção de poemas praticamente semanais, principalmente divulgando os estilos naturalista e parnasiano. A seção “Noticias Literárias” assinada por José Lima, traz a divulgação de livros, eventos e autores nacionais e estrangeiros.

um bar-restaurante onde se alimenta o estomago; bebe-se, escuta-se e dança-se música feita nos Estados Unidos. Motivo de acinte em 1910: “Um clube literário? Que nada! Se coloque outro nome numa aberração desta”. Gritos e gestos do novo século que resulta depois na desativação do velho casarão da Praça Maurity.

Ainda, o ano de 1900. Morre o escritor português Eça de Queiroz. O pessoal do *Progresso*, a exemplo de muitos outros periódicos brasileiros, imprime uma edição dedicada ao “ilustre homem de letras”. Cabe a Fabio Silva narrar quem foi o português e agradecer de Palmares sua “admirável obra”, naquela edição de 30 de agosto. Um artigo de página inteira, escrita no formato três colunas, com a experiência de quem faz jornalismo há algum tempo. Um texto biográfico e bibliográfico, cheio da divulgação dos livros do mestre, inclusive com citações famosas e uma epígrafe que anuncia de pronto: “uma coisa fica dos grandes gênios: o contorno lendário de sua personalidade”. Frase atribuída ao homenageado.

A leitura do referido artigo serve para percorrer um pouco mais com a história do Club Litterario. Club que oferece uma biblioteca a seus associados. Roger Chartier (1990) chama atenção ao fato de que um texto possui na sua configuração outras leituras e que o historiador se depara com elas, via o mais útil de seu ofício: ler para escrever sobre “documentos”. Porém, ali na leitura estão muitas refigurações. O modo como foram realizadas na leitura pelo informante. Complicado? A questão é: o que leu Fabio Silva e seus amigos de Club e boemia? Na homenagem a Eça de Queiroz existe um rastro de leitura anterior. Para exaltar o gênio português, desfila “o contorno” de outros gênios e evidencia muitos escritores europeus que a Biblioteca de Palmares coleciona, desde sua fundação em 1882.



FIGURA 18: Poeta Fabio Silva
(1876 – 1908).

Primeiro, como quem vai à estante de livros, Fabio Silva seleciona aquele que chama de “o dessecador dos *Rougons*”, Emile Zola; depois, “o estatutário de Madame Bovary”, Flaubert. Ambos lançam “a floração opulenta da árvore nova”, cuja “sombra suavíssima estendia-se da França”. No texto fica evidente a centralidade da França na recepção da cultura letrada. Em seguida, antes de chegar ao índice da literatura portuguesa, observa que existe “uma constelação de admiráveis brilhos no domínio da filosofia divulgada em Descartes, Leibnitz, Malebranche, Bossuet”. E, daí, permanece em Paris: “à frente da maturação desse fruto primoroso, dessa criação de elite nenhum sol exerceu mais luz do que Vitor Hugo”. Afinal, observam-se agora as constantes referências à natureza: “floração”, “constelação”, “fruto” e “sol”, novamente ligando o ambiente ao manejo do progresso e da civilização:

Foi quando Eça, libertado da influencia decadista, apesar de ter, como ele mesmo revela “quase aprendido a ler nas obras de Hugo”, imprimido toda a sua criatividade intelectual na construção da escola naturalista e rejeitado, por imprestável, a velha forma que, ainda no seu tempo, definhava no romantismo de um molde atrofiado.

Finalmente chega ao “astro de primeira grandeza... a levar sua luz forte e vencedora até o seio do mais profundo abismo: Augusto Comte”. Aqui, em nome da análise das obras que influenciaram Eça de Queiroz, Fabio Silva faz um apaixonado discurso sobre a “grandeza” do pai da *física social*. A passagem mais acabada sobre o positivismo desde Caphedório de Carvalho e Joaquim de Almeida, passando por Fernando Griz e Manoel Henriques Wanderley – sócios do Club que deixaram escritos com o mesmo ufanismo positivista – que confirma a sedução exercida por Comte sobre as camadas letradas brasileira de final do século. Diz Fabio Silva entusiasmado:

Augusto Comte. Daí o início da verdade na Arte, o positivismo em todos os departamentos do saber, o exato penetrando a mentalidade, desafiando os dogmas, combatendo as trevas, assinalando o real, destruindo o erro, devassando o oculto, aclarando o universo, e largamente nítido, impenetrável e indiscutível.

E continua no índice do autor mais vezes lido e relido pelos letrados do Club:

Daí também o começo da popularidade de Eça, da sugestão vitoriosa atravessando o espírito, convulsionando as paixões literárias, varendo a ignorância pedagógica, reerguendo a literatura, infundindo método, erigindo o solo riquíssimo da Arte.

É importante perceber que, segundo o redator do *Progresso*, este roteiro de “gênios” deságua no positivismo e na modernidade. E que também agencia trajetórias pessoais, mais

próximas e experimentadas pelo próprio Fabio e seus companheiros de boemia e literatura. Aliás, beberam da mesma leitura, da mesma biblioteca. Para o Club do qual participam, Eça de Queiroz é o exemplo de *homme de lettres* que continua além do “mármore”.

O que o mestre escreveu é reconhecido. Ele possui algo que explica suas vidas mergulhadas numa cidade “onde a civilização encontra-se um pouco atrasada”, há quatro décadas em busca de progresso intelectual e material. Por isto, ao citar uma passagem de Eça de Queiroz, em que este critica a literatura feita em Portugal, respalda o contexto dos discursos do *Progresso*, o que muito bem pode ser comparada à imobilidade da cidade e do clube. O órgão lítero-noticioso...

É como um trovador gótico que acorda dum sono secular numa fabrica de cerveja. Fala do ideal, do êxtase, da febre, da loucura, de rosas, de lírios, de primaveras, de virgens pálidas – e em torno dele o mundo industrial, fabril, positivo, prático, experimental, pergunta meio espantado, meio indignado: – que é esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-na à polícia... – Tudo em torno dela (a literatura) se transformou, só ela ficou imóvel.

Assim, a homenagem fúnebre a Eça de Queiroz termina produzindo um quadro sobre a trajetória literária na cidade. Demonstra a importância do *book club* no destino de muitos *moços*, que acessaram a biblioteca do Club e possibilitaram a invenção e a publicação de textos locais românticos, realistas, parnasianos e simbolistas, que a leitura dos jornais impressos na cidade garante. Na primeira década do século XX esta energia esmaece e outras sociabilidades se formam, recortando ainda mais os espaços elitizados, transformando o Club Litterario e a experiência das letras num atributo civilizatório que não vence as serras que circundam o pequeno centro urbano. O poder e o dinheiro estão nos engenhos e fazendas. E até mesmo algumas profissões e os *casórios* que põem fim à boemia e fazem trocar a cidade pelo campo.

Em *Sonhos e Luctas* (1924), Fernando Griz fala desta experiência e se deixa levar pelo bucolismo que renova sua mente e seu corpo. Feito o Dom Jacinto, personagem emblemático de Eça de Queiroz lançado na epígrafe deste capítulo, inclusive pelo fato daquele arrependido dândi, que viveu em Paris, apegar-se a um livro de cabeceira famoso. Leu no exílio o Don Quixote de Miguel de Cervantes. Enquanto “àquela hora, na varanda em Torges (interior de Portugal), sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao transluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boiadeiros” o apagado apito do trem que chegava ou partia. E a vida da cidade do Club Litterario continua neste ritmo, que somente o trem surpreende.

6 CONCLUSÃO: A REPRESENTAÇÃO DA DECADÊNCIA DO CLUB

Numa época de desoladora apatia intelectual... Livre para novos lutadores e novos vencidos.

Manoel Batista Wanderley,
O Correio de Palmares, 1902.

Hoje o Club é o cemitério deste glorioso passado. Deram-lhe uma casa imprópria, ninguém o frequenta e Palmares avista impassível à derrocada do velho padrão de glórias.

Miguel Griz Filho,
Gazeta de Palmares, 1911.

Não se deseja aqui uma conclusão formal. Porém, estender um pouco mais a narrativa sobre o Club de Palmares. Sem perder o fio da meada, conhecer seu desfecho enquanto comunidade de leitores e escritores. Entre eles, claramente um *book club* para doação, estoque e empréstimo de livros e um *salon* para conversas diárias e informais. Um ritual de todos os dias para muitos “moços metidos a literatos”. Sócios entusiasmados com a festejada biblioteca, considerada por eles a maior do interior de Pernambuco.

Não se diz, nas sessões da sociedade de letras, “alfabetizado”. Nos documentos do Club esta palavra raramente aparece. Neste tempo, se diz fulano é “letrado”. Melhor ainda, caso acompanhe o insigne cidadão, os adjetivos “homem de bem”, “de posses”, “de boa colocação”. No entanto, para tornar-se sócio honorário não precisa ser rico ou grã-fino. Apenas dispor uma *jóia* anual de cinquenta mil réis e acrescentar doação de uma coleção de livros. Pode-se, ainda, constituir-se um sócio subscritor indicado por um consorte, assim que aprovado pela Assembléia Geral. A condição estatutária para acessar os livros, mapas e jornais ou participar das sessões literárias. Ouvir e recitar poemas, beber conhaque ou licor e arriscar-se um *bom vivant* sem extravagâncias e excessos.

Este “alto grau de civilização” do Club, somente honra o *heroísmo* daqueles que apreciam, com distinção, a exibição do progresso que o século conquista. Por isto, as máquinas e as invenções são bem-vindas, até mesmo, se apenas imaginadas a partir dos relatos orais. Aventuras descritas com encantamento por algum viajante recém chegado, disposto a palestrar sobre as “coisas admiráveis” que estão acontecendo mundo afora. Estas conquistas *scientificas* são informadas por abnegados *corifeus*, *levitas* ou *atletas* defensores

das letras. Suas vozes se levantam contra os “atrasos seculares” e, apesar de todas as dificuldades, divulgam o pensamento dos grandes mestres das *luzes*. Afinal, sempre amargam as incompreensões apadrinhadas pelos “homens brutos” locais. Pessoas que não têm interesse nestas *cousas miúdas*, experimentadas pelos espíritos cultos e contemplativos. Mas, ao “derramar a instrução” sobre a cidade, o Club poderá redimi-los e, um dia, honrarão a ciência, o trabalho e a liberdade.

Tais digressões conclusivas cabem perfeitamente no horizonte daquele discurso ufano, experimentado pelos letrados na passagem de século. Sabe-se, porém, que as raízes mais remotas deste conteúdo prosódico partem do repertório europeu. Remetem à Ilustração e seu gosto por academias e salões literários. Ali se agenciam os *signos* modernos que emanam da literatura, dos tratados de diplomacia, filosofia e história natural. Disciplinas que o Iluminismo depositou para a humanidade, com o sonho renovado nas utopias do banquete das musas platônicas, das arcádias aristotélicas, dos jardins epicuristas e da *polis* de homens livres e iguais. Aliás, poetas, filósofos e estadistas modernos (principalmente franceses, ingleses e alemães) são as fontes mais citadas nas falas e textos deixados pelos sócios do Club.

Monta-se na biblioteca de Palmares, por exemplo, um índice com as *obras-primas* de românticos, naturalistas, positivistas, humanistas, liberais, etc. Um acervo formado com 600 volumes iniciais. Começando-se, em 1882, as dezenas de estantes que durante várias décadas mantiveram o ideal da instrução iluminista, numa distante cidade dos trópicos circulada por canaviais e bananeiras. Pode-se, também, dizer que a tradição nacional constrói o conjunto das experiências que possibilita, em muitas cidades rururbanas, como Palmares, tal associativismo letrado. Ou seja, a moda dos clubes de letras realmente prospera no momento político de contestação à ordem monárquica e, posteriormente, na tentativa de formação das almas republicanas, durante as décadas de 1880 e 1910.

O fato é que uma *rede* de associações literárias participa do movimento intelectual da “Geração 1870”. Seus membros são vulgarizadores do ideário positivista. Idéias que animam o discurso letrado a incorporar um repertório que depende muito da literatura para ser assimilado. Principalmente por uma população alfabetizada, pouco numerosa e pouco instruída. Daí, a “*instrução* do homem civilizado” transformar-se na bandeira destas associações. Por isto, notadamente, a preocupação não é alfabetizar, porém *ilustrar* os segmentos urbanos letrados com o rol de discursos ufanistas, sobre os efeitos benéficos do progresso e da civilização.

Situação que procura acompanhar a crescente *literalidade* que envolve a publicação de folhetins, contos e poemas nas folhas noticiosas que proliferam com a chamada “Nova Imprensa”. Momento que exige a divulgação de linguagens mais “populares”, diante do crescente interesse por impressos baratos, “acessíveis” na forma e no conteúdo. Esta proliferação de jornais e revistas “populares” anima os pontos de encontro como clubes, academias, cafés e livrarias. Espaços que completam o circuito da contestação reformista e formam o que se pode chamar uma atuante “República das Letras”. O antigo ideal das *Luzes*, misturando política, literatura, engajamento e boemia. Um lugar de convívio entre diversos grupos, “igrejinhas” e “rodas” de interesse, medindo a capacidade de intervenção entre os formadores da nascente opinião pública, que principalmente os jornais diários procuram acompanhar.

Ali na “República” freqüentam velhos e moços; literatos consagrados ou pouco conhecidos; boêmios e dândis; intelectuais engajados ou *magoados*; os românticos, naturalistas, simbolistas e nefelibatas; os monarquistas restauradores e os republicanos jacobinos, liberais ou positivistas. Uma variedade de tipos, palestrando ao termômetro das novas sociabilidades que transitam entre a “República” tropical e sua matriz européia das “letras universais”. Assim, nestes redutos letrados, a *galomania* (moda que privilegia Paris como referência urbana) traz para os decênios iniciais do século XX, os ares de uma *belle époque* tropical (NEEDELL, 1993).

Os historiadores interessados nestas sociabilidades, portanto, encontram nas mutações culturais difundidas entre os letrados, pistas importantes para entender o funcionamento de salões, cafés, academias, bibliotecas, livrarias e clubes na formação de um campo literário autônomo, separado das formas mais tradicionais e canonizadas da literatura durante a colônia e a monarquia. Momento contemporâneo da organização do Estado republicano e das implicações políticas que decorrem das atividades letradas, jornalísticas, literárias e científicas. Por isto, o Club de Palmares é visto como um *grão* do imenso monumento *pré-modernista*, que antecede decisivamente a formação da intelectualidade nacional, muito embora, a “Geração 1870” apenas represente uma das “modernidades” que costumam ornamentar as explicações sobre o país. Aliás, aquela postulada pelos intelectuais da Semana de Arte Moderna de 1922, triunfa a auto-imagem de “moderna” em oposição ao passado nacional, incluindo no rol das “velharias seculares” estas “academias-mirins, burguesas e burocráticas” típicas do pré-modernismo.

Estas mutações modernas, no entanto, são mais amplas e derivam do processo urbanístico inaugurado nos países europeus. Novidades técnico-científicas que os segmentos sociais ricos, alfabetizados e elitizados consomem como símbolos de progresso. Daí, a multiplicação de canais de intercâmbio entre a sociedade nacional e os modelos civilizatórios vindos principalmente da França. Como já foi explicado, espécie de epicentro da cultura ilustrada que atua sobre o conjunto das ciências, artes e literatura, principalmente nos países de língua latina. Encontram-se, por isto, clubes literários similares no México, Colômbia, Peru, Argentina, etc. Aliás, os canais de influência das culturas francesa e, também, inglesa, sobre os segmentos elitizados, ocorrem ainda na história colonial e se aprofundam quando por aqui se forma uma sociedade de corte, espacialmente centrada na vida carioca e distribuída pelas províncias do Império. Modelos que terminam assimilados pelas hierarquias e instituições provinciais criadas à luz das mesmas sociabilidades vivenciadas na Corte. Verticalidade que não se altera com a República. Afinal, como observa José Murilo de Carvalho (1990), o novo regime republicano busca irradiar uma constelação de textos, imagens, símbolos e valores que operem as idéias de pátria, nação e autoridade pública junto a milhares de cidades e vilarejos espalhados pelo interior dos recém criados *Estados Unidos* do Brasil. Batismo que demonstra a afluência de idéias liberais e positivistas, cujos pilares da chamada integração nacional, a *imprensa* e o *associativismo* buscam galvanizar (ALONSO, 2002). O Club de Palmares está exatamente imbricado com este processo.

Ao mesmo tempo, ainda que prevaleçam na República “proclamada”, o analfabetismo e a secular concentração de privilégios e propriedades, dilatam-se numericamente os setores sociais médios ocupados com as atividades econômicas modernas, que, neste momento, exigem contingentes profissionais letrados: este movimento acompanha a tendência moderna de escrituração, disciplina e controle dos processos comerciais, produtivos, financeiros, burocráticos e acadêmicos que operem instituições públicas e privadas, mediadas agora pela expansão dos mercados, negócios capitalistas e urbanos e pela produção técnico-científica em curso. As análises aqui desenvolvidas demonstram, por exemplo, a diferença crescente entre *leitores* e *escritores*. A *polaridade* que possibilita observar os clubes como espaço de criação literária.

A história do *Club que escreve* demonstra no microcosmo de suas atividades, estatutos e intercâmbios, as mesmas forças sociais centrífugas que envolvem livros, leitores e literatura do quadro nacional. Forças atuantes ao longo das fases de *fundação*, *continuidade* e *decadência* da associação. Aliás, tais fases de nascimento, vida e morte não são cômodas.

Apenas seguem o índice dos textos produzidos pelos sócios, quando decantam o nascimento da associação, exigem sua permanência e amargam seu abandono, seguindo, inclusive, aquele ritmo de breve entusiasmo transformado em frustração reinante que marca a trajetória de muitos intelectuais da “Geração 1870”. Empolgada com a República, desiludida com “esta” que não é aquela dos sonhos de juventude. Contudo, a “Geração 1870” lança as bases de uma literatura voltada à realidade do país e dos brasileiros.

Não é à toa que um índice de textos locais sirva aqui para identificar as fases importantes do Club, contextualizados numa periodicidade sincrônica, entre o acontecimento local e o nacional. Assim, a fase dos *fundadores* é fixada entre os anos 1882 e 1889, seguida da fase dos *continuadores*, que retoma a sociedade literária em 1892 até 1908, quando depois começam aparecer referências, em periódicos da cidade, sobre o estado de abandono e *decadência* da sociedade. Fato consumado em 1910. Assim, procedendo, as fases e cronologias, dispostas nesta dissertação, servem para melhor visualizar o contexto onde se armam as *intrigas* que constituem as memórias da sociedade literária, seccionadas para efeito meramente narrativo em três segmentos de caráter mais didático (o autor lembra seus alunos, principalmente os moradores de Palmares!).

Os *fundadores*: Conclui-se que são de várias origens sociais e profissões. Também formam uma composição heterogênea, tanto do ponto de vista político, ideológico ou econômico. É evidente que suas fileiras comportam emancipadores, abolicionistas e republicanos. Típicos letrados da década de 1880. Mas, também, aparecem os “gradualistas” e aqueles com título de nobreza, defendendo o *status* monárquico e o *ethos* aristocrático que, inclusive, deve ser preservado nos salões do Club.

É evidenciado nos textos dos *fundadores*, o choque entre a erudição aristocrática e o romantismo engajado, boêmio, marcadamente romântico e *condoreiro* (movimento literário que Capistrano de Abreu denomina “poesia social” inspirada no poeta francês Vitor Hugo, representada no Brasil por Castro Alves, Tobias Barreto, Pedro Calazans e José Bonifácio, o Moço). Contudo, independente da disputa entre *aristocratas* e *condoreiros*, a tese é que a todos, naquele momento, serve o diletantismo do clube, principalmente para a exibição pública enquanto “homens de bom gosto e erudição”.

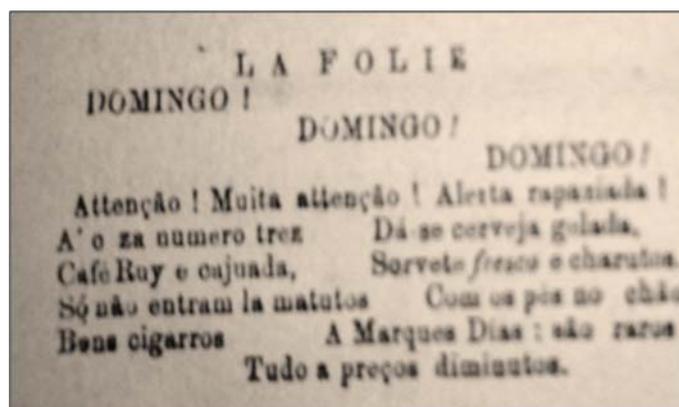


FIGURA 10: Anúncio da Casa La Folie, especializada em artigos de confeitaria. Com humor e certo deboche, sua publicidade convida os fregueses “calçados”. Sintomas do processo civilizador, defendido pelo Club Litterario e pelos jornais da época.

O Club é visto como um lugar requintado, aonde o letrado vai “expor sua visão de mundo”, como fez certo Joseph Sec, comerciante de madeiras do século XVIII francês, conhecido depois de um estudo de Michel Vovelle (1997, p.221). Um ex-marceneiro letrado, que virou ilustre freqüentador de clubes e salões difusores de idéias ilustradas em sua cidade natal. Não à toa, os comerciantes da época do Club de Palmares formam, em troca de “exposição”, a maioria de sócios interessados no prestígio público e na rede de influência que a sociedade de letras pode oferecer ao *homem de dinheiro*, na maioria das vezes às duras penas com os negócios, mas socialmente representado ascendente e grã-fino. Afinal, os clubes representam uma linha divisória entre a civilização do progresso e o atraso iletrado e ignorante do lugar. Como exemplos encontram-se no quadro de sócios os comerciantes de estivas, João Batista Alves Ferreira e Elisário Adolpho de Paiva; os farmacêuticos Izácio Mathias de Almeida e Antonio da Maia; o fabricante de cigarros José Henrique de Noronha e o dono da casa *La Folie*, João Batista Marques Dias. Assíduos freqüentadores do salão e das tertúlias literárias na década de 1880.



FIGURA 16: Rótulo de cigarros fabricados em Palmares.

A biblioteca do Club, no entanto, é o símbolo maior daquela empreitada “ilustrada”. Três sócios leitores são os grandes idealizadores do *book club* – Augusto Higino da Cunha Souto Maior, Manoel Gonçalves Ferreira Mendes e Sizenando Hilário Ramos – os interessados na premissa de que a *instrução* possui um traço benemérito capaz de aglutinar estes *homens de bem* e boa-vontade para “oferecer” o *dom precioso* da leitura. Como, também, exibir e consagrar os literatos da cidade, seguindo os mesmos requintes dos salões cariocas e recifenses. No entanto, os escritos deixados por estes *fundadores* são ínfimos. Existem algumas notas de Souto Maior, inclusive uma em francês deixada no *Álbum*; um soneto dedicado à biblioteca, feito por Ferreira Mendes; e notas esparsas em jornal sobre as atividades do professor Hilário Ramos. Há indícios fortes para concluir que os três deixaram a cidade na mesma década de fundação do Club.

A sociedade de letras que idealizaram, porém, continua e já no segundo aniversário possui a primeira tipografia da cidade. Nesta é prensado o primeiro jornal do lugar, o *Echo de Palmares*, um órgão lítero-noticioso divulgador das atividades da associação e, mais que isto, um instrumento de ascendência dos primeiros literatos locais. Portanto, os pioneiros na publicação de prosa e verso que remonta o ano de 1883. Textos onde aparecem Antonio Caphedório de Carvalho, Joaquim Augusto de Almeida, Francisco das Chagas Albuquerque, Severino Pereira (proprietário do *Echo*), Leonel Augusto da Costa, Fenelon Afonso Ferreira, Celso Duperron, Guarino Silva (proprietário da *Gazeta*) e João Sabino Pereira. Os “moços metidos a literatos” que iniciam a tradição periodista da cidade e que são responsáveis pela literalidade local da campanha abolicionista, defesa da república e das idéias positivistas que começam difundir-se no país.

O clímax da “intriga” entre os *fundadores* aparece, em julho de 1884, nos textos assinados pelo pseudônimo *Dr. Batati Júnior* acusando abertamente a “canalha aristocrática” de fechar o *Echo de Palmares*. Ou seja, segundo *Dr. Batati*, a “canalha” apadrinha os “homens brutos” contra os “levitas” do progresso impondo-lhes o silêncio. Verifica-se, assim, que as queixas entre os “metidos a literatos” (abolicionistas) e a “canalha aristocrática” (gradualistas) abalou o *ethos* amistoso do Club, idealizado para conviver com estas tensões em uma espécie de ambiente “neutro”, proibindo discursos fora do propósito das reuniões ou querelas de índole política e religiosa. As disputas acirradas da época levaram os salões do Club, entre 1886 e 1891, à primeira descontinuidade de sua trajetória literária.

Os *continuadores*: Somente com o advento da República, as características aristocráticas do *salon* de Palmares aparecem reduzidas. Momento em que o Club é reorganizado (1892) com a perspectiva de defender a *instrução* popular. Um retorno às idéias de *progresso* dos moços ufanos de dez anos atrás, que louva agora a iniciativa da biblioteca, que possui um acervo formado daquelas obras que embalaram as discussões acadêmicas desde 1850. Coleções à disposição dos “moços boêmios”, que herdam e desenvolvem o discurso e a memória dos antigos *fundadores*. Ou seja, discursar em tom apologético o “derramamento da instrução” e o louvor às inovações do progresso técnico e novidades científicas. Percebe-se, claramente, que não se tratar da defesa da alfabetização popular, jamais percebida pelos sócios do Club, enquanto direito da vida civil e laboral. Conclui-se, portanto, que não existe nestes discursos uma preocupação com a educação da população local. O intuito, como já se explicou, é ampliar os conhecimentos entre aqueles alfabetizados que carecem acessar o “mundo moderno” e adotar novos comportamentos e usos urbanos civilizados. Assim, reúnem-se homens de diferentes segmentos sociais e interesses na defesa da instrução “popular”. O discurso que envolve e fixa um público em torno dos estatutos e atividades do Club, durante a década de 1890.

Os *estatutos* são, por isto, atualizados em 1893. Incluem agora a tarefa cívica de divulgar a memória e o panteão patriótico. Comemoram-se os grandes acontecimentos do passado distante e recente (o Descobrimento do Brasil, a Independência, a Abolição, a Proclamação da República). Divulgam-se os pavilhões nacionais, os hinos, as gravuras, os textos e imagens do novo regime. Assim, a nova fase do Club é influenciada decisivamente por um grupo de “moços” envolvidos com a retomada da impressão de periódicos locais, especialmente *A Semana* e o *Novo Echo*, além da criação da Conferência Litteraria Bohemios de Palmares e da revista *Archivo Litterario de Palmares*.

Atividades que dizem evitar questões políticas e se dedicar às coisas da literatura, da sensibilidade e do sentimento, inclusive respeitando o ambiente formal e aristocrático do Club. Porém, fazendo das ruas, praças e botequins, lugares de convívio boêmio. Inclusive, em 1894, na Praça Maurity, aparece a “República dos Simples” (Griz, 1924). Uma residência (pensão) organizada pelos principais “moços boêmios” da cidade, empregados na Companhia Ferroviária, caixeiros viajantes ou funcionários da Prefeitura. “República” de rapazes em torno dos vinte anos, saindo do secundário para os estudos superiores, interessados nas letras, numa clara alusão ao poeta português Guerra Junqueira, autor dos “Simples”: uma república de “moços” pobres, à procura de divertimento, instrução, casamento “se for arrebatador” e colocação de “bom ganho”. Como também, admiradores permanentes da ingenuidade bucólica, da natureza que emoldura o pequeno centro urbano e da integridade do homem comum diante dos “tempos modernos”. Um confronto entre a “civilização do progresso” (que escrevem nos improvisados periódicos) e o salto sobre a realidade “atrasada” do lugar acanhado e incivilizado, até o idílio de campos, montanhas e rios magníficos. Uns românticos tardios lendo romanticamente os positivistas, naturalistas e parnasianos. Contudo, desejando se apropriar de seus dotes intelectuais.

Estes “moços” são os *continuadores*, que junto a alguns remanescentes dos *fundadores*, revigoram e sustentam a associação até os estertores de 1910. São literatos atribulados com jornais, viagens de intercâmbio, tertúlias, discussões boêmias e “paradas” para escrever alguns versos. Grupo formado por Fernando Griz, Fabio Silva, Benigno Lagreca, Manoel Monteiro, João Carvalho, Fenelon Campos, Temístocles de Aguiar, Epaminondas de Azevedo, Arthur Silva, José Lima, Arão Souto e Vicente Luna. Herdeiros do já considerado velho clube, instalado na memória da cidade como o *espelho* da terra progressista e o *cartão de visita* conhecido e divulgado lá fora. Aliás, neste grupo que produziu e publicou prosa e versos, destacam-se Fernando Griz, com livros editados, e Fabio Silva, com larga presença em jornais de Palmares e uma coluna de contos infantis no Diário de Pernambuco. Também, existe a projeção de políticos locais como Francisco Costa Maia, presidente do Club Litterario em algumas Diretorias e depois prefeito da cidade do Recife, entre os anos 1928 e 1930, e Manoel Henrique Wanderley, prefeito de Palmares no período de 1900 a 1908, eleito deputado estadual na 6ª legislatura da fase republicana. Ambos, como a maioria dos “moços boêmios” transferiu-se para o Recife e outras cidades do país. Fato que contribui na dispersão dos *continuadores* e dos registros daquela que é a fase final da sociedade de letras.

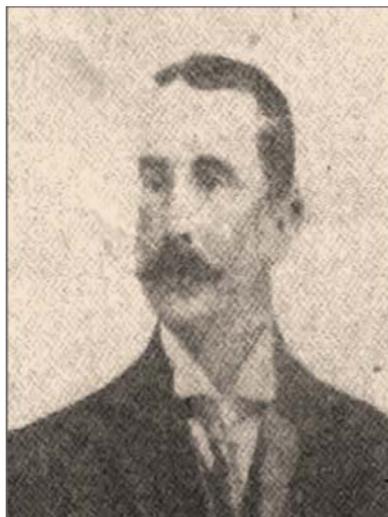


FIGURA 19: *Dr. Costa Maia, presidente do Club entre 1898 e 1906.*

Na década de 1890, portanto, o Club foi reanimado devido à presença do grupo boêmio formado em torno da produção literária de Fernando Griz e Fabio Silva. A trajetória destes dois poetas representa o quanto é importante a segunda fase da associação para sua compreensão enquanto *clube de escritores*. Daí a importância de uma breve biografia destes dois sócios nascidos no ano de 1876. Fernando, em Gameleira, filho de um padeiro descendente de italianos. Fabio, em Escada, filho de um funcionário público da estrada de ferro. Duas famílias instaladas naquela leva de profissionais *outsiders* vindos com a emancipação da cidade em 1879.

Fernando Griz narra que os dois futuros “boêmios” conheceram-se na escola primária e aos quatorze anos iniciam as incursões na “perigosa e promissora arena das letras”. Momento em que questionam a carreira profissional desejada pelos pais e descobrem a “irresistível” vocação literária. Porém, “são uns rapazes pacatos de pouco estudo, que necessitam de mais instrução” para escrever seus romances e poemas. É desta fase, a seguinte quadrinha bastante sugestiva deste empenhado e prematuro autodidatismo, sempre perseguido pela figura paterna:

Os livros são nossos amigos/ é grande o bem que lhes quero/ mas sofro grandes castigos/ por esse bem que é sincero. (GRIZ, 1924, p.28).

Os jovens poetas descobrem, em 1890, o *book club* da cidade onde solicitam filiação, porém são rejeitados. Afinal, “o Club Litterario não era lugar de fedelhos”. A filiação somente

ocorreria aos dezesseis anos de idade, quando, além da estafante leitura diária, publicam uma folha semanal, visto que a importante “cidade dos poetas” não dispõe de um “jornal”, como aquele “lendário” *Echo de Palmares*.

Este conjunto de relatos sobre os *continuadores* é possível na leitura de *Sonhos e Luctas*. Livro autobiográfico, publicado no Recife em 1924. Segundo Griz, um registro de memória afetiva e diletante, sem pretensões de enveredar na seara da crítica e da história literária. Um retrato das sociabilidades letradas envolvendo o grupo de moços, que viveram e organizaram a boemia literária de Palmares¹⁰⁸. Episódios apresentados sempre em tom de “travessuras literárias”.

Primeira travessura dos *continuadores*: publicar a folha *A Semana*. Um jornal semanal que circulou durante alguns meses do ano de 1892, organizada pelos poetas Fernando Griz, Fabio Silva, Augusto Ramos (bibliotecário do Club), Vicente Luna e Arthur Silva. Uma experiência importante em alguns aspectos práticos, pois reativou a antiga tipografia onde se rodou o *Echo de Palmares* e fez repercutir os editoriais que condenam o abandono da associação. Fato que termina chamando a atenção de alguns remanescentes *fundadores*, que finalmente indicam a filiação dos boêmios à Assembléia Geral de 14 de dezembro de 1892. Aliás, um acontecimento de superação depois do episódio do primeiro número do jornal, que ao solicitar “caso não haja interesse pela ajuda de assinante, favor devolver nossa folha no endereço tal” (GRIZ, 1924, p.46), cuja resposta ocorreu imediatamente, com a devolução da maioria dos jornais distribuídos, inclusive escritos com “chacotas” do tipo “nem na outra vida, este não serve nem para embrulhar sabão!”. Lamentável resultado uma madrugada de trabalho. Fato que termina denunciando a “baixa instrução” e o desinteresse da população da cidade pelas coisas das letras. E o jornal distribuído pelas portas de residências e casas de comércio, ainda sofreu repressão policial:

Que muamba é qui ai p’ru aqui, vadiage? – era um policial da ronda que nos interpelava na pitoresca linguagem dos nossos infelizes patrícios analfabetos (...) – história de jorná... Não como d’isso! Vá sinhô se arrecoiê, du contraro escancar o violão e pode inté sê pió ainda... Depois de falar de quem era filho, recebemos pedidos de desculpas e continuamos nossa seresta que distribuía o primeiro número da *Semana* pelas portas. (GRIZ, 1924, p.41).

¹⁰⁸ Para efeito de registro histórico, o livro de Fernando Griz é um *documento* fundamental: prende-se à narrativa sobre o cotidiano deste grupo inventor de certa *Conferência Litteraria Bohemios de Palmares*. Um acontecimento importante na retomada do Club, sofrendo há alguns “anos de hibernação”. Também, um registro da história da cidade nos primeiros anos da República e um “arquivo” de muitos textos em prosa e verso da dupla Fernando/Fabio e de seus parceiros de clube, botequim e jornal. A Biblioteca Central da UFPE dispõe um volume do livro “Sonhos e Luctas” (Referência do acervo: 869.0.81).

Este relato demonstra analogamente a situação que envolve o Club Litterario. Ele interessa à camada mais delgada de letrados da cidade: aqueles que se dedicam à leitura e à biblioteca. Há uma maioria letrada que não tem interesse pela “instrução” e uma atarefada população analfabeta – a exemplo do policial – que não “come disso”. Assim, o *ethos aristocrático* do Club é reforçado nestes melindres, sofrendo as pressões hostis que emanam da localidade considerada ignorante. Entretanto, a iniciativa dos “moços” também foi criticada pelos antigos sócios: “é preciso que se requeira, quanto antes, uma reunião da Diretoria, para que esta explique como e porque está entregue a um grupo de pelintras a tipografia da casa” (GRIZ, 1924, p. 47). E mesmo, algumas críticas irônicas no campo literário: “E o poeta Griz (...) não virão? Versos quebrados, falando em beleza intraduzível de olhos que tem voz... Brevemente teremos voz que tem olhos!”. Porém, *A Semana* continuou durante meses, até o dia em que o Tito, o ébrio e *trapeiro* tipógrafo, que rodava o jornal em troca de casa e comida improvisada nos fundos do Club, contraiu tuberculose e desapareceu da cidade sem deixar rastro, levando consigo a arte da composição, impressão e rodagem dos textos, causando a morte definitiva do contestado “noticioso”.

Segunda travessura dos *continuadores*: a criação da Conferência Litteraria Boêmios de Palmares. O contraponto ao clima aristocrático do Club. Um bando de *moços* (da República dos Simples) que organiza palestras, saraus e serestas, animando a pacata cidade e seu clube literário. Principalmente, publicam seus textos na folha quinzenal *Novo Echo* (1894/1895). Funda-se, também, no carnaval de 1895, o bloco “Os Heróis da Época” – naquele ano, representam fantasiados diversos engenheiros a medir as ruas do centro da cidade. Caminham em todos os sentidos, para estabelecer o traçado de uma imaginária linha de bondes – críticos dos projetos prometidos e não levados adiante pelos “medalhões” da cidade. Enfim, uma mocidade literária que descobriu o significado da palavra “boemia”, sem a malícia dos expoentes boêmios das grandes cidades, conforme descreve o próprio poeta falando sobre a escolha do nome para as famosas *conferências*:

Recorreram ao dicionário (...) e declararam que boêmios eram ciganos, vagabundos, vadios. Com esse título – Conferência Litteraria Boêmios de Palmares – recomendar-se-ia mal a sociedade (...). Expliquei: há palavras a que o meio, as circunstâncias, os fatos, as analogias, tem dado significação diferente da original (...) Os poetas, os músicos, os pintores, os artistas, em geral, não só dos tempos medievais, como das épocas modernas não receberam o classificativo de “boêmios”. E sabem qual a raiz do fato? É a vida incerta, descuidada e muitas vezes incerta dos artistas. (GRIZ, 1924, p.147).

Ora, a cultura não é um poder; é um contexto! Fernando e Fabio escolheram a palavra “boêmia” nas leituras feitas na biblioteca do Club Litterario. A palavra aparece na obra de Guy de Maupassant (1850 – 1893) destacando a peça levada ao palco, *Vida Boêmia*, que versa sobre situações cômicas envolvendo os boêmios da *Belle Époque* parisiense. Evidentemente, os poetas de Palmares evocam o contexto em que a vida boêmia vai construindo valores e sociabilidades que misturam literatura, jornalismo, artistas, festas, serenatas, bares e cabarés. Por isto, a dúvida dos dicionários foi logo dissipada e todos se encarnaram boêmios. Finalmente, um estilo de vida associado às travessuras de “moços cheios de esperanças”, capazes de escrever e encenar peças improvisadas nos teatros da cidade – “os teatros, o *Melpomene* e o *Thalia*, ambos desaparecidos. Este fora transformado em depósito de couro salgado e aquele era um monte de ruínas” (GRIZ, 1924, p.129) –; publicar jornais e revistas e incentivar o carnaval de rua, freqüentando serenatas, bebedeiras e danças.

A expressão maior desta experiência é a *Conferencia Litteraria Bohemios de Palmares*. Um encontro onde se declama os textos produzidos e se debate seu conteúdo e forma, seguido outras manifestações mundanas que chamam a atenção da cidade, que na leitura do *Novo Echo* (órgão da Conferência Litteraria) acompanha as “traquinagens” dos boêmios, seus versos e prosas durante três semestres, iniciados em 17 de maio de 1894 e concluídos em 22 de julho de 1895. A última *Conferência* registrada por Griz – afinal, “o amor decreta a separação dos boêmios” – coincide com as despedidas dos principais poetas, que contraem noivados e casam, abandonando a vida de “artista errante”. Novas responsabilidades que exigem o preço do afastamento das *soirées* dançantes. Repetem, assim, o protagonista do romance *Bel-Ami* (do mesmo Guy de Maupassant): certo Georges Duroy, moço pobre, de origem camponesa, que procura fortuna e afirmação social na Paris do século XIX. Enfim, as palavras do livro “Sonhos e Lutas” soam nesta atmosfera intertextual. A boemia do artista que ele descreve, mistura contraditoriamente os desejos de acedência social, boa colocação profissional e bom casamento, nervosamente conspurcados pelos delírios da inspiração poética que se deposita, na maioria das vezes, sem publicação escrita, apenas recitada e apreciada auditivamente nos encontros públicos.

Quanto ao *Novo Echo*, impresso na Tipografia da Ferrovia Sul de Pernambuco – onde seus editores trabalham: Fenelon Ferreira, Fabio Silva e Fernando Griz – o jornal sai de circulação impedido de continuar “rodado” nas oficinas da empresa, por ordem do Governo do Estado. Represália pelo fato dos boêmios de Palmares tomarem partido na denúncia do

atentado contra o jornalista Dr. José Maria de A. Mello, assassinado em uma seção eleitoral do Recife. Sem a tipografia e com o grupo de boêmios disperso, o *Novo Echo* chega ao fim e a dupla inseparável, agora desempregada, toma novo destino: Fabio Silva vai morar no Recife, contratado como telegrafista e tradutor no Diário de Pernambuco, falecendo prematuramente aos 32 anos de idade, em 1908¹⁰⁹. Fernando Griz, depois de casar, é colocado para administrar o engenho do sogro. Em seguida vai à falência, muda-se para a capital, assumindo o cargo de funcionário do Tesouro Estadual. O autor de “Sonhos e Lutas” morre em 1931, aos 55 anos de idade¹¹⁰.



FIGURA 20: Poeta Fernando Griz (1876 – 1931).

A *decadência*: O porta-voz dos suspiros finais da experiência do Club Litterario de Palmares é o jornal *Gazeta de Palmares*. Periódico que circula na cidade entre os anos de 1907 e 1911. Seu primeiro proprietário é Modesto Montenegro e depois o vigário Sebastião Bastos Pessoa. O corpo editorial, ao longo de cinco anos, formou-se com Gerônimo Borba de Carvalho, João Lagreca, Demócrito de Almeida, Felon Ferreira e Miguel Griz Filho. Nos anos finais de suas publicações semanais, segundo Luis Nascimento (2002), o jornal vinculou-se à campanha de Rosa e Silva contra o General Dantas Barreto. Fato que resultou na edição de despedidas em 10 de dezembro de 1911, provocando uma nova dispersão no

¹⁰⁹ Foi publicada, em 23 de outubro de 1908, no trigésimo dia do “passamento” de Fabio Silva, uma “Grinalda de Saudades”, onde muitos depoimentos atentam a contribuição do poeta ao Club Litterario e aos jornais da cidade. Três exemplares da “Grinalda” encontram-se no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Recife-PE).

¹¹⁰ Fernando Griz publicou, além de “Sonhos e Luctas” (prosa), os livros “Minha Musa” (versos), “Brumas e Clarões” (versos), “Como julgo a Alemanha no conflito europeu” (Conferências), “Epopéia Sangrenta” (Versos).

“jornalismo” local. Situação revertida ao final de 1912, com o lançamento da folha quinzenal *A Notícia*.

O texto escrito por Miguel Griz Filho, em outubro de 1911, descreve em tom melancólico o estado de abandono da associação de letras, depois que se calaram as vozes de seus incentivadores dos “tempos heróicos” de Souto Maior, Hilário Ramos e Vigário Tertuliano. Porém, há pelo menos dois anos, notas similares já apresentam alguns alertas sobre o “estado precário” e as “ruínas” em que se encontra o prédio da Praça Maurity. Narra-se que, uma reforma iniciada em 1907 e não concluída serve de discórdias entre alguns sócios e o prefeito da cidade em 1910, Coronel Affonso Marinho Cavalcante. Segundo os redatores da *Gazeta*, contando com poucos sócios interessados em cobrir tais despesas, o Club solicita subvenção pública para conclusão das obras e um verba de manutenção para salvar o velho “cartão de visitas” da cidade. O prefeito-coronel veta a subvenção, alegando com razão dificuldades orçamentárias. O Club é, por isto, transferido para uma sede improvisada. Daí em diante, ocorre o processo de esfriamento das atividades do salão literário, apenas resistindo precariamente a velha biblioteca, desfalcada no acervo, inclusive roubado, quando desaparecem alguns objetos e livros, entre eles o famoso *Álbum de Visitas*. Brochura somente recuperada anos depois na vizinha cidade de Água Preta¹¹¹.

Pergunta-se, portanto: são estes os motivos de decadência do Club? A leitura do referido artigo de Miguel Griz Filho (irmão de Fernando Griz), aqui reproduzido na íntegra, desenvolve implicitamente a tese que outros fatores mais importantes concorreram para o abandono da associação:

Ali, em um sombrio e pesado casarão da Rua Maurity, agoniza a velha sociedade honra que foi desta terra, orgulho de eras que vão longe. Entre aquelas estantes estofadas de livros, em frente aqueles longos mapas geográficos, fazia-se outrora a prosa diária, sentia-se o florescer do grêmio querido e extasiavam os desejos de dar-se a Palmares, o realce que aquela lendária instituição lhe trouxera em sua proveitosa existência. Havia naquele tempo o esforço heróico de um grupo de devotos a prestar ao Club serviços relevantes que lhe garantia a crescente prosperidade e vieram depois os labores profícuos de outros amparando a queda em que resvalava a útil sociedade. Quem não recorda as festas de aniversário do Club? Música, flores, versos, danças e tudo e tudo que a Arte pode ressaltar em suas solenidades. Hoje o Club é o cemitério deste glorioso passado. Deram-lhe uma casa

¹¹¹ Correspondências entre Miguel Jasseli e Luis Portela de Carvalho, nos anos quarenta, revelam o resgate do Livro de Impressões do Club de Palmares, guardados por ambos, até sua devolução à biblioteca municipal em 1973. O famoso *Álbum de Visitas* ficou perdido, depois de um roubo ocorrido em 1910, reaparecendo na cidade de Água Preta, na posse de um “engraxador de sapatos” que usava a brochura como álbum de recortes de revistas do rádio. É possível observar em muitas páginas da brochura, marcas de cola e fragmentos de figuras retangulares e redondas. Parte dos autógrafos do *Álbum* encontram-se reproduzidos na edição comemorativa *Club Litterario* de 23 de outubro de 1898.

imprópria, ninguém o freqüenta e Palmares avista impassível à derrocada do velho padrão de glórias. Dizem que as coleções de jornais estragaram-se, os livros vão desaparecendo das estantes... Foge assim o sopro de vida que o animava e fortalecia. Por que não cuidar dele, por que deixá-lo cair sobre si mesmo, à míngua do estímulo e da iniciativa? É preciso que o Club ressurja. É da honra de Palmares reergue-lo, ampará-lo neste declive em que vai resvalando há anos¹¹².

Esta representação da decadência do Club demonstra que, além de alguns motivos materiais, pesa decisivamente o enfraquecimento das sociabilidades diletantes e boêmias que ativavam outrora seus salões, saraus e tertúlias. As explicações para este ofuscamento aparecem mais claras na leitura de várias edições da *Gazeta*. Ali, nas páginas do periódico, as questões políticas locais encontram-se acirradas pela disputa entre os correligionários de Rosa e Silva e Dantas Barreto; é estabelecida a concentração de mando local nas mãos de alguns coronéis e famílias influentes; antigas lideranças do Club falecem; outros deixam a cidade para viver na capital, onde seguem carreiras públicas e se associam à vida literária e cultural do Recife; o cinema e os clubes de recreio – entre eles os salões de dança – incorporam o lazer da mocidade, como também os esportes: o futebol e o *tiro de guerra* passam a ser praticados, simulando nos jovens da rala camada de letrados da cidade, comportamentos inspirados na disciplina militar e nos cultos patrióticos, pouco afeitos à vida literária.

Aparece um conjunto de práticas mediadas pela obediência aos instrutores e às regras do jogo, demonstrando o deslocamento dos interesses letrados da ilustração contestatária e do romantismo boêmio, para o moralismo oferecido pelas imagens da *república dos coronéis*. Governo local que se impõe protegido pela inventada tradição das armas e mártires que lutaram pela “pátria amada” e armada. Aparato tutelado por “chefes políticos” locais, que incorpora o formato de polícia dos costumes públicos, principalmente debelando atos considerados subversivos, imorais e “arruaceiros”.

Não é de se estranhar este comportamento, que segundo a mesma *Gazeta* se destina criar, em Palmares, um “Tiro de Guerra” mesmo para crianças acima de sete anos. Afinal, várias demonstrações de força e uso de armas contra fanáticos e proscritos são vinculados aos episódios de Canudos e Contestado, às incursões volantes pelos sertões contra bandos de cangaceiros e à disciplina imposta aos quartéis e seus recrutas. Informes orais e escritos que inspiram, nas localidades dominadas por patentes de coronel, uma rede de sociabilidades assimiladas pela idéia de força e obediência próprias da autoridade do coronel. Figura que concentra poder de polícia e comando eleitoral.

¹¹² Cf. *Gazeta de Palmares*, outubro de 1911.

A decadência do Club Litterario de Palmares é, pois, contemporânea deste momento particular de instauração do poder local republicano, assimilado numa hierarquia rígida e autoritária. Neste intuito, os chefes políticos locais fracionam os segmentos urbanos, para levar adiante sua influência sobre pessoas e instituições, considerando que sobre suas propriedades rurais agem como únicas autoridades, inclusive montando aparelhos armados, onde aparecem capangas e pistoleiros a serviços do latifúndio, como, também, a “professorinha” para *ensinar*, na escola do arruado do engenho, rudimentos da escrita: o nome desenhado do futuro correligionário do “sinhô coroné”.

Há no município, portanto, uma contração considerável do espaço público de contestação social, valendo-se o autoritarismo dos coronéis daquelas sociabilidades que envolvem os lazeres, recreios, esportes e *consumo* cultural, que se desloca do salão para o público de cinemas¹¹³, cabarés e shows de música. Aliás, a música marcial, seguindo-se esta nova ordem pública, anima o aparecimento de bandas e fanfarras e a frequência popular aos coretos das praças, sempre envolvida em solenidades cívicas e religiosas. Enquanto isto, por exemplo, seresteiros e sambistas são perseguidos pela polícia como se fossem prejudiciais à ordem.

A representação da decadência do Club Litterario, também, projeta sobre o passado um gesto de heroísmo que marcará a memória de seus *fundadores* e *continuadores*. Afinal, a associação sempre esteve exposta aos processos de desativação e retomada, mesmo nos primeiros anos, quando havia um espaço de atuação letrada mais evidente, apreciando as campanhas abolicionistas e republicanas e, logo depois, os embates entre restauradores monarquistas, republicanos jacobinos, federalistas e liberais, além das disputas próprias da *Republica das Letras* e suas discussões sobre o papel dos literatos e da literatura nacional.

A tese é que o Club de Palmares desaparece na incapacidade de articular continuamente o salão literário e a biblioteca às demandas sociais da nova ordem republicana. Situação saturada com o estabelecimento do poder autoritário dos chefes republicanos. É bom lembrar que as sociedades literárias surgem de um pretense *ethos* aristocrático e que a construção de um aparato nacional republicano tende a desqualificar as associações sem atribuições cívicas, populares e nacionalistas.

O artigo publicado em 1911 fala exatamente que ninguém mais visita o Club e teme pelo seu esquecimento. A razão é, talvez, que se deseja um aparelho cultural capaz de legitimar o novo regime, manipulando um repertório simbólico de suporte cênico, gestual e oral.

¹¹³ O primeiro cinema de Palmares, o Cine Teatro Apolo, foi fundado em 06 de dezembro de 1914, pelo sócio do Club Litterario, o engenheiro da Great Western Dr. Fausto Freire de Carvalho Figueiredo.

Estratégia de comunicação mais apropriada para uma cultura auditiva, onde historicamente a oralidade se impõe. Por isto, ao considerar os elevados níveis de analfabetismo, sintomaticamente mantidos nos rincões habitados por pretos e pardos ignorantes, o governo central veta investimentos mais significativos na *instrução* pública, confundida taticamente pelos chefes do poder local, como as habilidades adquiridas “da escrita e das contas”, cuja escola primária é mais que suficiente para maioria da população. E mesmo assim, habilidades apropriadas para aqueles que moram nas sedes, trabalham no comércio, na justiça ou na administração, descendem de pais letrados e que podem “civilizar”, “embranquecer” e “moralizar” a raça.

Daí, a *instrução* deixa seu vínculo exclusivo com a erudição e passa a designar popularmente o ensino da cartilha e da tabuada. Porém, além da escola instrutora, os *espaços* performáticos como o coreto e o palanque; a quermesse e a procissão; o campo de tiro e a partida de futebol; a banda marcial e a retreta; o cinema e o *dancing* quebram os salões ilustrados e eruditos, aproximando em linhas divisórias – à maioria das vezes *vis-à-vis* – os setores ricos, letrados e elitizados diante dos pobres, iletrados e “escuros” da cidade. Afinal, a república representativa exige este encontro sobreposto, “pedagógico” e violentamente simbólico, no sentido, que *revela* a autoridade de poucos e *esconde* o direito da maioria. Parte maior da população que começa ganhar o sentido moderno de *massa* social.

Os salões dos clubes ficam deste modo para outras questões. Não aglutinam mais aqueles interesses contestatórios de antigos “súditos” a favor de espaços de convivência ilustrada. Prestigia novas sociabilidades, incluindo a dança; aprisiona entre suas paredes, o carnaval dos grã-finos e patrocina os esportes que enobrecem o porte e a moral dos jovens. Neste momento da história, muitos clubes literários são transformados em verdadeiros clubes de recreio, controlados pelos chefes locais interessados no lazer das *famílias de bem*. Portanto, também, compostas de membros alfabetizados para o elegante convívio cívico e patriótico.

Esta espécie de entidade recreativa ressurgiu com força nos anos trinta do século passado, quando o aparato nacional-popular é reforçado pela chamada revolução getulista. O jornal “Palmares”, número único, editado por Miguel Jasseli, em 15 de outubro de 1933, relata o processo de retomada do “lendário” Club, em homenagem aos seus cinquenta anos de aniversário¹¹⁴. Momento em que a sociedade literária é esquecida em nome de um clube

¹¹⁴ Este jornal comemorativo é importante sobre o relato de retomada do Club Litterario enquanto associação recreativa, destacando a diretoria que retoma o Club, em 1933: Genésio Cavalcanti (Presidente); Pedro Cavalcanti Afonso Ferreira (Vice); Miguel Jasseli (1º Secretário); Alfredo Griz (2º Secretário); João Costa (orador) e Manoel Peixoto (Tesoureiro). Cf. *Palmares*, número único, 15 de outubro de 1933. Consta do acervo de microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE).

destinado ao recreio, ao lazer familiar perdendo-se os vínculos definitivos com a literatura, a impressão de textos, as assembléias e os saraus literários. Fica apenas a resistência de poucos críticos, que ironizam: “Clube literário, que nada!” e, finalizam, “coloque-se outro nome numa aberração desta!”.

6.1. O CLUB POST-SCRIPTUM: ORALIDADE E LITERALIDADE

Para efeito da *intriga* que movimenta os sucessivos processos de “decadência” e “retomada” da associação literária de Palmares, percebe-se claramente a influência de conjunturas nacionais importantes repercutindo na trajetória final do Club *que deixou de escrever*. Ele *esfria* durante a Primeira República, mantém sua biblioteca no ostracismo ao longo dos anos vinte e é retomado na condição de recreio familiar nos anos trinta, assim que iniciada a segunda fase republicana. O jornal *A Notícia* informa na edição de sábado, 08 de julho de 1933, este esforço de retomada: “reinstalada a biblioteca, inaugurada a seção de jogos de salão, a sala de danças e diversão, o salão de conferências e recitais, Palmares ficará com um ambiente de rara elegância, onde se reunirá a sociedade local para passar algumas horas de agradável convívio”.

Uma leitura dos periódicos impressos na cidade, antes do diário *A Notícia*, demonstra a repercussão de muitos cortes conjunturais nas práticas letradas da cidade que ressoam do Club *que escreve*. O *Echo* e a *Gazeta de Palmares* (1882 – 1885) são representativos dos textos contestatórios; *A Semana* e o *Novo Echo* (1892 – 1896) trazem os textos boêmios; *O Progresso* e o jornal *Gazeta* (1900 – 1911), a construção simbólica da República, interessada na assimilação da ordem pública, do poder local, da família e da nação republicana. *A Notícia*, depois destes todos, trata de construir uma memória do Club Litterario adequada às novas demandas dos anos trinta, passando para posteridade a impressão de que a associação fora sempre um “recreio”, um espaço apolítico, somente interessado em festas e lazes eruditos.

A pergunta sobre o Club *que deixa de escrever* é, portanto: que mutação da cultura letrada ocorre atingindo os objetivos literários surgidos na segunda metade do século XIX, a ponto de transformá-lo em clube de recreio?

Neste percurso de tempo sobrevém uma circularidade cultural importante. As aproximações e distanciamentos entre oralidade e literalidade marcam as letras no chamado período “pré-modernista”. Ou seja, as intersecções entre a cultura oral e a cultura letrada se manifestam dinâmica entre os literatos, principalmente em centros urbanos menos desenvolvidos. No traço de sua produção textual pretensamente “erudita”, por exemplo, terminam sedimentando elementos da oralidade e das tradições agrárias do lugar. Afinal, o contexto ideológico onde escrevem não deseja uma cidadania em pé de igualdade com o Estado. Prevalecem, no país, os ditames de uma estadia liberal (CARVALHO, 1980) cujas características marcantes projetam uma sociedade de maioria analfabeta, presa à cultura auditiva muito mais apta ao autoritarismo de coronéis, interventores, militares e governadores. Talvez por isto, nos anos trinta, o mapa do analfabetismo continue inflado e a educação um bem social extremamente elitizado e seletivo, enquanto a literatura contorna as fronteiras da oralidade, apropriando-se de muitos de seus elementos expressivos do folclore e da tradição.

A exceção do costumeiro discurso oral fica por conta dos *homens de letras*. Movidos pela literalidade (demandada pela difusão do letramento urbano) reivindicam um público leitor mais instruído. Porém, nesta direção, esteticamente extraem da oralidade o estilo rapsodo e informal dos textos em prosa e verso, presentes em muitos escritos brasileiros do início do século XX. Afinal, neles surge o cotidiano das populações silenciadas, aparecendo um Brasil mais remoto, ancestral, rural, enraizado, como nos textos de Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e tantos outros.

Os autores boêmios também são particularmente adeptos desta “oralidade” popular (VELLOSO, 2006), inclusive no grupo de Palmares, na segunda fase do Club Litterario, utiliza-se largamente este recurso estético no arsenal de sátiras, glosas, quadrinhas e trocadilhos publicados na cidade entre 1890 e 1910. Há na produção de Fernando Griz, Fabio Silva e outros a presença marcante da tradição oral, que coloca a “natureza” e o “progresso” frente a frente. A linguagem dos periódicos aqui pesquisados, deste modo, contempla as tentativas de representação da realidade cosmopolita, muitas vezes como uma realidade literal, autônoma, desgarrada dos acontecimentos políticos provincianos. Porém, entre estes elementos transportados para a escrita, apelam abundantemente à *intertextualidade* que se projeta dos escritos de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Silva Jardim, Machado de Assis, etc. e da literatura estrangeira mais recepcionada nos círculos intelectuais cariocas e recifenses.

Percebe-se, portanto, que esta estratégia da escrita *pré-modernista* nada tem a ver com qualquer “imitação” ou “cópia”. Trata-se da manifestação letrada que põe autor e leitor numa *rede* de práticas e textos onde quer que se reúnam expressões da cultura letrada, independente de ser uma metrópole, cidadezinha, vilarejo, campo ou cidade.

Este corte moderno revela que além de *consumidores*, muitos dos sócios do Club de Palmares se dispuseram como *produtores*, movidos pelas necessidades da vida urbana, cuja temática central é a *experiência de choque* entre a civilização moderna em contraste com o atraso representado pela descrição do pequeno centro urbano, esperando sempre o discurso da “instrução”, do “heroísmo”, do “asseio” e “elegância” daqueles que defendem o progresso das letras e das ciências contra os absurdos da ignorância e do atraso.

O Club é, portanto, parte desta *experiência de choque* que aparece representada em poemas, contos, anúncios, artigos e charadas escritas no coração da cidade. Metáforas que saem da verve do poeta, passa pelo verbo do cronista e anima o leitor ordinário. Todos eles *consumidores* que assimilam o verbete “progresso” na sua abundância de sentidos. Afinal, na marcha da história está a *civilização*; e a *modernidade* é seu maior empuxo.

A conquista que faz a história acelerar sempre. O sentimento da velocidade do tempo presente na metáfora do trem que embala os sócios do clube de letras e que chega até os versos da rapsódia de Ascenso Ferreira, em 1927: “O sino bate, / o condutor apita o apito, / solta o trem de ferro um grito, / põe-se logo a caminhar... // Vou danado pra Catende / vou danado pra Catende / vou danado pra Catende / com vontade de chegar!”.

Neste ritmo privado, individualizado e, apesar do barulho do trem, silenciosamente concorrente, os espaços de convívio urbano e seu lazer pretendem desacelerar, coletivizar e intercambiar os indivíduos, cada vez mais premidos pela diferenciação social e intelectual. Assim, as horas de ócio tendem a quebrar as fronteiras domésticas e comunitárias, para se realizar nas praças e ruas centrais da cidade. Nos endereços temáticos oferecidos privativamente pelos clubes de índole aristocrática, burguesa ou popular. Ali os lazeres tornam-se mercadorias e, como tais, mediadas pelo dinheiro e pelo status de seus freqüentadores. Alguns destes clubes dedicam-se ao ócio benemérito, à transformação das horas de “folga” em proveito de uma finalidade nobre. A criação de bibliotecas, salões literários e científicos acompanham estas tendências. Surgem da doação de bens e recursos para benefício da “comunidade” letrada.

Práticas que vinculam o livro e a leitura à idéia de passaporte da civilização moderna. Mas, o importante é verificar que tudo isto muito segrega, exclui e hierarquiza: os analfabetos

ficam à margem, e dentro do espectro social letrado, formam-se vários segmentos de *produtores* e *consumidores* de linguagens que movimentam a agitada *máquina de vapor* dos impressos. Novas linguagens e novos suportes procuram representar estes ritmos e ritos da vida moderna. O que é propriamente um lazer fortuito e efêmero – freqüentar estes clubes – passa a se constituir na tarefa de ofício e profissão de fé de *propensos* literatos.

O Club Litterario de Palmares mistura, deste modo, expectativas letradas que animam a consagração da vida urbana: ali se imprimem textos, acessam-se os livros, promovem-se conferências, concursos, tertúlias e festas que oferecem poesia, música e banquetes. Mas que isto, possibilita a interação dos informes, das estratégias e táticas da mocidade literária e boemia em busca de consagração. A formação de “rodas literárias” onde prosperam a crítica das letras nacionais, o intercâmbio e a assimilação de gêneros e estilos. Contudo, nos clubes literários, os limites regimentais, burocráticos e aristocráticos impedem a manifestação de muitas sociabilidades e sensibilidades, que logo se espriam para praças e ruas e se agrupam em locais públicos como os cafés e livrarias. Assim, o *ethos* aristocrático dos antigos salões literários não dá conta destas novas sociabilidades.

O clube de letrados é somente reaprisionado depois na figura ímpar da Academia Brasileira de Letras e de suas sessões estaduais (a Academia Pernambucana de Letras é fundada em 26 de janeiro de 1901). Instâncias que herdaram as inúmeras associações que as precederam nos ideais literários, agora canonizados definitivamente sob o manto da cultura letrada: a defesa da norma culta gramatical e do vernáculo nacional, da obra e do autor imortais, das cadeiras e dos patronos que certa vez começaram as tradições letradas do país. Ali a circularidade entre oralidade e literalidade é escamoteada, fazendo prosperar da mesma matriz dos preconceitos étnicos, lingüísticos e culturais, a idéia, um dia, erudita; outro dia, ilustrada. A suposta superioridade do discurso acadêmico sobre outras falas, palavras e gestos. Afinal, a memória do Club Litterario de Palmares está “academicamente” disposta assim, porém, aflorada sempre numa pequena esperança de um dia todos os cidadãos saberem ler e aproveitarem da leitura.

Como recitava um de seus poetas, o Pirilampo, recordado na “Margem das Lembranças” de Hermilo Borba Filho, muito próximo da fala do povo “que não come” das letras, quando o Club Litterario de Palmares não escreve mais, adormece *post-scriptum*. Foi a tentativa de deixá-lo realengo, sem dono, conhecido do público que sopra sua memória. O Club, uma ilha de letrados, marca a história do lugar onde tudo transita:

Do rio eu faço um açude,
Faço uma ponte no mar,
Deixo tudo realengo
Para quem quiser passar,
No lugar onde eu habito
Tudo pode transitar.

Palmares (PE), 01 de Outubro de 2007.

7 REFERÊNCIAS

7.1 DOCUMENTOS OFICIAIS

ÁLBUM DE VISITAS DA BIBLIOTECA DO CLUB LITTERARIO DE PALMARES. Palmares, Pernambuco: Biblioteca Pública Municipal Fenelon Barreto.

ATAS DO CONSELHO DE ESTADO, 09 de setembro de 1875, p. 37.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA, 1882, p. 52.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, **Recenseamento Geral do Império de 1872**. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger / Tip. Commercial, 1876.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA, **Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1890**. Rio de Janeiro: Officina de Estatística, 1898.

ESTATUTOS SOCIAIS DO CLUB LITTERARIO DE PALMARES. Edição de 1894. Obras Raras, cx. 31. Recife, Pernambuco: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

ESTATUTOS DO GABINETE DE LEITURA INSTRUTIVA E RECREATIVA GAMELEIRENSE. Edição de 1878. Obras Raras, cx. 31. Recife, Pernambuco: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

ESTATUTOS DO CLUB LITTERARIO DE SÃO BENTO. Edição de 1882. Obras Raras, cx. 31. Recife, Pernambuco. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

7.2 PERIÓDICOS

Diário de Pernambuco, ano LVIII, nº. 227, dia 05 de outubro de 1882.

Echo de Palmares, edições de 1883 e 1884, loc. E – 2 v. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Gazeta de Palmares, edições agosto a dezembro de 1884, loc. E-1v. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Jornal de Palmares, números 1, 2 e 4, junho de 1891, loc. v. 034. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

A Semana, números 4, 11 e 14, julho, agosto e novembro de 1892, loc. armário 01. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

O Correio de Notícias, número 1, novembro de 1892 e números 1 e 24 de abril e agosto de 1893, loc. armário 01. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

A Cartilha, números 1 e 3, novembro e dezembro de 1893, loc. armário 01. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Novo Echo, números 2 e 3, outubro e novembro de 1894 e número 1, fevereiro de 1895, loc. armário 01. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Club Litterario de Palmares, número único, 23 de outubro de 1898, loc. J – 30. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

O Progresso, edições de 1897, 1898 e 1900, loc. J-03 e v. 045. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Gazeta de Palmares, edições de 1907 a 1911, loc. E – 1v. Recife: Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Club Litterario de Escravos. In: O Baependyano. Ano V, fasc. 232. 12 de março de 1882. Obras raras: P11B,03,82. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

Palmares, número único, 15 de outubro de 1933. Publicado por Miguel Jasseli. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

7.3 OBRAS LITERÁRIAS DE REFERÊNCIA

ASSIS, Machado. **Contos definitivos**. 6ª ed., Porto Alegre: Leitura XXI, 2006.

AZEVEDO, Arthur. **Cavação**. In: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index.php/content/view/full/15876>.

BARRETO, Lima. **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. **Flores do Mal**. Editor Martin Claret, 2002.

BRAGA, Teófilo. **Poesias escolhidas**. Seleção, introdução e notas Antonio Candido. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.

CALVINO, Ítalo. 1990. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Virtualbooks, 2000.

FERREIRA, Ascenso. **Eu Voltarei ao Sol da Primavera**. Jessiva Sabino de Oliveira (Org.). Palmares, PE: Casa da Cultura Hermilo Borba Filho; Recife: Secretaria Estadual de Educação e Cultura, 1985.

GRIZ, Fernando. **Sonhos e Luctas**. Recife: Imprensa Industrial, 1924.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Porto Alegre: Paraula, 1995.

_____. **O abolicionismo**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

QUEIROZ, Eça de. **Civilização**. Virtualbooks, 2003.

7.4 OBRAS CIENTÍFICAS DE REFERÊNCIA

ALBERT, P. e TERROU, F. **História da Imprensa**, São Paulo: Martins Fontes. 1980.

ALONSO, Ângela. **Crítica e Contestação: O movimento reformista da Geração 1870**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15, nº. 44, pp. 49-55. 2000.

_____. **Idéias em Movimento**. A geração 1870 na crise do Brasil - Império. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BARATA, Alexandre Mansur. **A Maçonaria e a Ilustração Brasileira**. In: IX Encontro Estadual de História - ANPUH MG, 1994, Juiz de Fora. Anais do IX Encontro da Anpuh - MG. Juiz de Fora: Oficina de Impressão, 1994.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a idéia da universidade**. São Paulo: Convívio: Ed. da USP, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**. Um lírico no auge do capitalismo. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1989.

_____. **Magia e Técnica Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo Brasiliense. 1994.

BERTOL, Sônia e FROSI, Fabíola. **O surgimento da mídia impressa no Município de Passo Fundo – RS**. Os primeiros 50 anos. In: Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano I nº. 01, janeiro/junho de 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual**. Biscoito Fino e Travoso. Fortaleza, Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará. 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da ordem**. A Elite política imperial. São Paulo: Editora Campus. 1980.

_____. **A formação das Almas.** O Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

_____. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a República que não foi . 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano** (Artes de fazer). 11ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 1994.

_____. **A Escrita da História.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

CHACON, Vamireh. **Da Escola do Recife ao Código Civil.** Artur Orlando e sua geração. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações.** Instituto de Cultura Portuguesa. 1985.

_____. **A Aventura do Livro do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP. 1999.

CHAUI, Marilena. **Cultura e Democracia.** 8ª Ed., São Paulo: Cortez. 2000.

DARNTON, Robert,; ROCHE, Daniel (Org.) **Revolução Impressa:** a imprensa na França, 1775-1800. São Paulo: EDUSP. 1996.

_____. 1987. **Boemia Literária e Revolução.** O Submundo das Letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras.

DUPAS, Gilberto. **O Mito do Progresso.** São Paulo: Editora UNESP. 2006.

EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança.** A Indústria Açucareira em Pernambuco, 1840-1990. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1977.

EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade,** Rio de Janeiro, FGV/FAPESP. 2000.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

_____. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

FACINA, Adriana. **Rotas de Consagração.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº. 28. 2001.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 12ª ed. rev. São Paulo: Globo, 1997.

FOUCAULT, Michel. 1981. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 7. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1985.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Imago. 2005.

GALVÃO, Sebastião Vasconcelos. **Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco**. Rio de Janeiro. 1908.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha vitoria a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT. 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

GRAHAM, Richard, 1934-. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil 1850-1914**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1984.

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

IANNI, Octavio. **O ciclo da revolução burguesa**. 2ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes. 1985.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de história da Universidade Católica de São Paulo nº0 (1981) – São Paulo: EDUC, 1981.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos**. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

MAYBURY-LEWIS, David. **A Antropologia numa era de confusão**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 50, São Paulo, outubro, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a Escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Editora Cortez. 2001.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **O tempo saquarema: formação do estado imperial**. 5ª Ed. São Paulo: Hucitec. 2004.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

NASCIMENTO, Luis do. **História da Imprensa de Pernambuco**, vol. XIII, Recife, Imprensa Universitária. 2002.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PRADO Júnior, Caio. **História Econômica do Brasil**. 41º Ed., São Paulo: Brasiliense. 1994.

RAMA, Angel. **A Cidade Letrada**. São Paulo: Brasiliense. 1988.

REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro: FGV. 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. **A Revolução Praieira**. São Paulo, Ática. 1995.

RODRIGUES, João Paulo dos Santos. **A Dança das Cadeiras**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2003.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

_____. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e COSTA, Angela marques da. **1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das letras. 2000.

_____. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura com Missão**. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 14ª ed. São Paulo: DIFEL. . 1986.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras**: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1982.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1996.

_____. **Um Folhetinista Oral**: Representações e dramatizações da vida intelectual na virada do século XIX. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Linguagem. Texto, Imagem, Oralidade e Representações. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2006.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil (1870 – 1914). SP: Companhia das Letras. 1991.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História**. São Paulo. Editora Ática. 1997.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**. Ensaios sobre a Crítica da Cultura. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

8 APÊNDICE

Relação das principais Diretorias do Club Litterario de Palmares:

Diretoria de 1882 – Fundação do Club:

Diretor	Augusto Higyno C. Souto Maior	Promotor
Vice-Diretor	Vigário Tertuliano	Padre
1º Secretário	Manoel Marinho Valois	Advogado
2º Secretário	Manoel de Holanda Cavalcanti	Advogado
Tesoureiro	Sizenando Hilário Ramos	Professor
Orador	Antonio Joaquim N. Barros	Advogado

Diretoria de 1885 – Aprovação dos Estatutos Sociais do Club:

Diretor	Antonio Carlos Soares de Avellar	Coletor
Vice-Diretor	Raymundo Fialho	Comerciante
1º Secretário	Luis José Pereira Simões	Advogado
2º Secretário	Manoel Fernando Caluête	Escrivão
Tesoureiro	Manoel Saraiva do Rego	Comerciante
Orador	José Alves Lima	Advogado

Diretoria de 1895 – Retomada do Club:

Diretor	Gercino Firmo de Oliveira	Advogado
Vice-Diretor	Gervásio Pereira	Comerciante
1º Secretário	Fernando Griz	Func. Público
2º Secretário	Fábio Silva	Func. Público
Tesoureiro	Luis de França Pereira	Capitão
Orador	Manoel Henrique Wanderley	Advogado

Diretoria de 1898 – Jornal do Club:

Diretor	Francisco da Costa Maia	Advogado
Vice-Diretor	Joaquim Firmo de Oliveira	Prop. Rural
1º Secretário	Fábio Silva	Serv. Público
2º Secretário	Eugenio Afonso Ferreira	Advogado
Tesoureiro	Luiz de França Pereira	Capitão
Orador	Manoel Henrique Wanderley	Advogado

Diretoria de 1907 – Inicia construção da sede do Club:

Diretor	Manoel Henrique Wanderley	Advogado
Vice-Diretor	Vigário Sebastião Barros	Padre
1º Secretário	Adriano Pinto	Professor
2º Secretário	Modesto Montenegro	Professor
Tesoureiro	Antonio de Oliveira Cavalcanti	Advogado
Orador	Fenelon Ferreira	Func. Publico